



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
MESTRADO PROFISSIONAL GESTÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS À
EDUCAÇÃO – GESTEC

CÉSAR MUSTAFA TANAJURA

**MEMÓRIAS DA ESCOLA MUNICIPAL NOVA DO BAIRRO DA PAZ:
IDENTIDADES E PERTENCIMENTO DE UMA COMUNIDADE.**

SALVADOR
2018

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I
MESTRADO PROFISSIONAL GESTÃO E TECNOLOGIAS APLICADAS À
EDUCAÇÃO - GESTEC

CÉSAR MUSTAFA TANAJURA

MEMÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL NOVA DO BAIRRO DA PAZ:
IDENTIDADES E PERTENCIMENTO DE UMA COMUNIDADE

Dissertação apresentada à Universidade do Estado da Bahia como parte das exigências do Mestrado Profissional Gestão e Tecnologias aplicadas à Educação – GESTEC, na Área de Concentração 2 – Processos Tecnológicos e Redes Sociais, para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Jorge de Oliveira Brito

SALVADOR
2018

Universidade do Estado da Bahia

Sistema de Biblioteca

Ficha Catalográfica - Produzida pela Biblioteca Edivaldo Machado Boaventura

TANAJURA, César Mustafa.

MEMÓRIAS DA ESCOLA MUNICIPAL NOVA DO BAIRRO DA PAZ:
: IDENTIDADES E PERTENCIMENTO DE UMA COMUNIDADE. / César
Mustafa TANAJURA, TANAJURA. -- SALVADOR, 2018.

121 : il.

Orientador: Francisco Jorge de Oliveira Brito
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento
de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Gestão e Tecnologia
Aplicadas à Educação - GESTEC, 2018

1. Identidades. 2. Pertencimento. 3. Memória. 4. Favela. I. Brito, Francisco
Jorge de Oliveira II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de
Educação. Campus I.

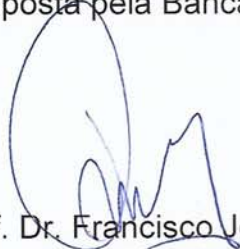
CDD: 370

FOLHA DE APROVAÇÃO

“MEMÓRIAS DA ESCOLA MUNICIPAL NOVA DO BAIRRO DA PAZ: IDENTIDADE E PERTENCIMENTO DE UMA COMUNIDADE”

CÉSAR MUSTAFA TANAJURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação (*Stricto Sensu*) Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, Área de Concentração II – Processos Tecnológicos e Redes Sociais, em 22 de maio de 2018, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Prof. Dr. Francisco Jorge de Oliveira Brito
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação e Contemporaneidade
Universidade do Estado da Bahia - UNEB



Prof. Dr. José Antônio Carneiro Leão
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia – UFBA



Prof.ª Dr.ª Giovana Cristina Zen
Universidade Federal da Bahia – UFBA
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia – UFBA



Prof. Dr. Marcelo Oliveira de Faria
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS
Doutorado em Educação
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Ao meu clã: aqueles que se constituem em meu alicerce e identidade, em força e alegria, em trabalho e poesia. Amo a cada um.

AGRADECIMENTOS

Depois de tantos anos de formado não é fácil voltar à Universidade na condição de aluno. Costumava dizer que eu não fiquei desempregado tempo suficiente para voltar à vida acadêmica. Um mestrado se constitui em um desafio e tanto. A ideia é que eu não conseguiria sozinho.

Esse trabalho foi feito a muitas mãos e eu nem sei precisar quantas. Todo agradecimento expresso é injusto por que de certo valoriza em demasia uns e relega tantos outros ao esquecimento. Mas como ser social, sou o resultado de tudo que vivi e de todos com quem vivo.

Sei que o título é importante, abre portas de novos trabalhos, amplia o ganho salarial e confere um novo status social. Sejam honestos, esse é o nosso primeiro objetivo. Mas no caminhar, percebemos que nos tornamos um profissional e uma pessoa melhor. Sem esse avanço, todos os outros valem pouco.

Minha formação não começou com a entrada no GESTEC. Compreendo que aprender é uma condição contínua e sem fim. Nesse sentido, lembro de tanta gente que vive na minha vida:

D. Inês, que muito me ensinou e ainda hoje me ensina tanto, tenho muito que melhorar para merecer ser seu filho. Não se esqueça de mim! Seu Tanajura, meu pai, que viveu pouco entre a gente, mas que me remete sempre a imagem da ética e da correção. Ainda lembro das suas palavras: “a medida para saber se é certo ou errado? Pense: se ou outros descobrirem o que eu fiz eu vou ter vergonha?”

Meus filhos, Arthur e Alice, que me proporcionaram e proporcionam o maior aprendizado de todos, o de ser pai. Além disso, eles me incentivaram muito me cobrando todos os dias “já escreveu quantos parágrafos hoje?” ou “não tem nada do mestrado para fazer não?”. Um jeito cuidadoso de se livrar de um pai chato e muito presente.

Cynthia, que leu e releu esse trabalho muitas vezes, colocando todas as vírgulas não só nessa dissertação, mas na minha vida. A gente ainda continua a amar “os nossos defeitos adoráveis”, por que não existe muito mérito em amar somente as virtudes.

A minha sogra e sogro, que ninguém nunca agradece nas dissertações de mestrado, mas que eu não posso deixar de dizer: vocês são os meus sogro e sogra preferidos!

Meus irmãos, que são muitos numericamente e muito qualitativamente. Tenho o privilégio de dizer eu tenho UMA FAMÍLIA. Opa, e que família! E ainda sobre

irmãos, tenho outros tantos que a vida me deu há mais de 30 anos e que por vezes chamo de cunhadas ou de amigos. Meus sobrinhos, que me alentam com a esperança de um mundo melhor...

Jorge, um amigo de adolescência que acreditou em mim e teve toda paciência do mundo para ler e reler esse trabalho tantas vezes eu lhe enviasse e sempre retornava com críticas construtivas. Ainda tenho dificuldade de te chamar de Chicão.

À galera do GEOTEC, que tem representação especial nessa minha trajetória e que aí não poderia deixar de citar Prof^a Tânia Hetkowski, Prof^o Carneiro Leão, Prof^a Meire Dias, Tarsis dos Santos, Fabiana Nascimento, Inaía Brandão, Kátia Soane, Marcus Sampaio, Cláudia Cedraz e tantos outros que sempre me surpreenderam com palavras de incentivo e afeição.

Colegas de trabalho que na luta forjamos laços de afeição e respeito como Andersen Caribé e Miriã Fonseca e que são muito importantes para mim.

À minha banca examinadora, que costumo chamar de superbanca, pela disponibilidade e competência, por todas as contribuições e indicações de bibliografia e de intervenções a feitas ao longo desse trabalho.

E por fim, a Deus que me permitiu viver tudo isso até agora, com tanta gente especial. Gratidão é o sentimento que experimento agora.

ABREVIATURAS

ACM – Antônio Carlos Magalhães

CAB – Centro Administrativo da Bahia

CEMITEC - Centro Estadual de Referência de Ensino Médio Com Intermediação Tecnológica

CIA – Centro Industrial de Aratu

COPEC - Complexo Petroquímico de Camaçari

EAD – Educação à Distância

ECOSOL – Economia Solidária

EUA – Estados Unidos da América

FABS - Federação das Associações de Bairro de Salvador

FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciência

GEOTEC - Grupo de Geotecnologias Educação de contemporaneidade.

GESTEC - Programa de Pós-Graduação Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação

GRE – Gerencia Regional de Ensino

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

INAF - Indicador de Alfabetismo Funcional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MDF - Movimento em Defesa dos Favelados

MFRAC – Movimento de Fraternidade Cristã

PETROBRÁS – Petróleo Brasileiro

REDEPUB - Rede Pública do Estado da Bahia

SESC - Serviço Social do Comércio

SMED - Secretaria Municipal de Educação e Desporto

TIC – Tecnologia da Informação e Comunicação

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UNIFACS - Universidade Salvador

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01: Evolução IDHM Fonte: PNDU, IPEA e FJP

GRÁFICO 02: Evolução de matrícula de crianças e jovens. FONTE: PNUD, IPEA e FJP

GRÁFICO 03: População residente não alfabetizada acima de 15 anos. FONTE: CONDER, 2016

GRÁFICO 04: População residente na PB-IV Itapuã/Ipitanga por bairro. FONTE: CONDER, 2016

LISTA DE IMAGENS

- IMAGEM 01:** Organograma GEOTEC . FONTE: GEOTEC.....
- IMAGEM 02:** Croqui original da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz. FONTE: SMED.....
- IMAGEM 03:** Escola Municipal do Bairro da Paz. FONTE: Jornal Comunitário do Bairro da Paz - Julho 2000 ano2 N°2.....
- IMAGEM 04:** Parte do telhado que caiu na Escola Nova do Bairro da Paz. FONTE: Jornal A Tarde 07/06/2000.....
- IMAGEM 05:** Escola Nova em Construção, 2002. Fonte: Jornal A Tarde, 05/07/2012
- IMAGEM 06:** Processo de demolição de barracos no Alto da Bela Vista. Fonte: A Tarde 17/05/1997.....
- IMAGEM 07:** Fachadas da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz. Fonte: O autor..
- IMAGEM 08:** Fachada da Escola Municipal Jorge Amado. Fonte: Google Maps.....
- IMAGEM 09:** fachada do Colégio Estadual Mestre Paulo dos Anjos antes e depois de 2004. Fonte: Google Maps.....
- IMAGEM 10:** Produção de geleia da casca de maracujá.....
- IMAGEM 11:** Produção de hambúrguer de soja. Fonte: autor.....
- IMAGEM 12:** Confecção do Tempero da Paz.....
- IMAGEM 13:** Participação na feira de ECOSOL promovida pela SMED.....
- IMAGEM 14:** Horta vertical de temperos, feita de garrafa pet.....
- IMAGEM 15 :** Fala de alunos sobre a importância do bairro.....
- IMAGEM 16:** manipulação de informação em imagens Fonte <http://www.desajustado.org/2013/10/02/imprensa-imparcialidade-e-liberdade/>.....

LISTA DE TABELAS

TABELA 01: Redução de turmas da EJA na Escola Nova Municipal do Bairro da Paz. Fonte: o autor.....

TABELA 02: Redução de turmas da EJA na Escola Nova Municipal do Bairro da Paz. Fonte: o autor.....

TABELA 03: projetos de economia solidária na Escola Municipal Nova do Bairro da Paz. Fonte: o autor.....

RESUMO

Esse trabalho surge a partir da inquietação e questionamento que se dá quando ocorre a percepção do desleixo, proposital ou não, com as memórias de uma escola, em comunidade periférica de Salvador e as consequências disso. Nesse sentido, surge a questão que norteia essa pesquisa: como, a partir da memória de um lugar, de uma escola e dos seus alunos, é possível criar uma relação identitária, um sentimento de pertencimento e uma percepção crítica sobre a sociedade em que estão inseridos? O trabalho intenta compreender os elementos que compõem a memória da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz, conjuntamente com os alunos do segmento educacional de Jovens e Adultos e da comunidade escolar em geral, do espaço social do Bairro da Paz, integrando proposta do REDEPUB, projeto do Grupo de Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, vinculada à Universidade do Estado da Bahia. Para isso buscamos identificar os elementos de memória, nos relatos dos membros da comunidade, através de atividades provocativas realizadas durante os anos letivos de 2016/2017, de pesquisas em arquivos e nas narrativas coletadas nesse espaço social. Registramos de forma participativa com a comunidade escolar, o processo de afirmação da cidadania a partir da percepção da relação entre memória, sujeitos e escola. Construimos instrumentos para difundir as memórias da comunidade por meio de publicação de vídeos, atividades e textos, elaborados coletiva e individualmente, de caráter político educacional em meio virtual.

Palavras-chave: Identidades. Pertencimento. Memória. Favela.

ABSTRACT

The starting point of this study is the deep concern and questioning attitude when one realizes that there is neglect, deliberate or not, regarding the memories of a school in the outskirts of Salvador, Bahia, Brazil and its consequences. These raise the question which guides this research: how is it possible to create an identity, a feeling of belonging and a critical view of the society in which they are inserted using the memory of the place, the school and the students? This study aims to understand the elements which make up the memory of Escola Municipal Nova do Bairro da Paz, together with: students from a segment called Youth and Adults and the school community at large, the social space, integrating part of a project on Geotechnology and Education called GEOTEC, linked to the University of the State of Bahia (UNEB). In order to answer this question we tried to identify elements of memory in the accounts from community members through designed activities carried out in 2016/2017 and also from archive research and narratives collected there. We collectively kept a record of the process of affirming their citizenship from their own perception of how memory, subjects and school relate. We devised instruments to disseminate the community's memories through videos, activities and texts produced collectively and individually with a political and educational character in an online format.

Keywords: Identities. Belonging. Memory. Shanty town.

Abreviaturas	i
Resumo	ii
Abstract	iii

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO / CONTEXTUALIZAÇÃO	15
1.1. Do lugar que me apresento	15
1.2. Dos objetivos	20
1.3. Das pessoas que me acompanham	21
1.4. Do lugar que te falo	26
1.4.1. Do Bairro da Paz nos primeiros tempos	26
1.4.2. Do Bairro da Paz nos tempos atuais	31
1.4.3. Da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz	36
1.4.4. Configuração da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz	45
1.4.5. Aspectos da educação no Bairro da Paz	47
1.4.6. A EJA na Escola Municipal Nova do Bairro da Paz	49
2. DO CAMINHO QUE SE CONSTRÓI NO CAMINHAR	53
3. DAS IDENTIDADES, MEMÓRIAS E PERTENCIMENTO DO BAIRRO DA PAZ	75
3.1 Processo de construção da identidades no Bairro da Paz	75
3.2 O encontro da memória com as identidades	82
3.3 O sentimento de pertencimento na invisibilidade	86
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
5. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	98
6. ANEXOS	103

1. INTRODUÇÃO / CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1 Do lugar que me apresento

Minha formação como professor precede ao meu ingresso na educação superior. Fiz parte do ensino fundamental e médio (antigo ginásio e 2º grau, respectivamente) no Colégio Estadual Manoel Devoto¹ e ali pude experimentar a liderança, a oratória, a organização, o trabalho em grupo, a solidariedade, o respeito ao próximo, através dos diversos grupos extracurriculares que integrei como: grêmio escolar, grupo de teatro, grupo de jovens católicos, Projeto Escola/Comunidade – SESC, grupos de gincanas, entre outros.

Ainda neste momento da minha vida experimentei o trabalho na favela como voluntário. Junto a Ir^a Louiza, do Bom Pastor², e ao pessoal do MFRAC (Movimento de Fraternidade Cristã) construímos uma escola na Chapada do Rio Vermelho. Construir aqui não é figura de linguagem, carreguei saco de cimento, blocos, piso, montei carteiras... A escola existe até hoje e foi assumida pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED).

Essas primeiras experiências de trabalhos sociais, ligados à Igreja Católica, continuaram nas favelas da Polêmica, com a professora Maria Lobo³ e em Saramandaia, com Irmã Paula, carmelita, sempre nas áreas de assistência social e limitado às possibilidades de um adolescente que sonhava sem limites em mudar o mundo com as próprias mãos.

Por permanecer muito tempo na escola, sempre ouvi minha mãe dizer que eu deveria me mudar para lá. Não sabia ela e muito menos eu, que a minha vida de fato seria dentro de escolas e preferencialmente em favelas. Hoje, passo a maior parte do meu dia em sala de aula (manhã, tarde e noite).

No fim dos anos 80, meu irmão trouxe dos EUA um TK85, era um pequeno computador pessoal de teclado de borracha que conectado com a televisão e com

¹ O Colégio Estadual Manoel Devoto foi criado no ano de 1957 pelo governador Juracy Magalhães e é uma importante referência na educação pública da Bahia.

² Ordem religiosa católica fundada em 1835, em Portugal, no Brasil desde 1901.

³ Maria Lobo: professora de religião do Colégio Estadual Manoel Devoto, orientadora do Grupo de Jovens ELO e ativista social de grande influência para muitos estudantes dos anos 80/90 daquela escola.

um gravador de mão poderia ser programado em fita cassete com joguinhos bem básicos e isso me despertou muita curiosidade e desejo de aprender mais. O que me levou à Escola de Engenharia Eletromecânica da Bahia para ali estudar no recém-lançado curso de Técnico de Processamento de Dados.

No ano de 1990, recebi a notícia que havia sido aprovado no curso de Licenciatura em História, na Universidade Federal da Bahia, o que me trouxe muita alegria, mas também muita preocupação. O curso era diurno, os horários eram espalhados durante a semana e os campi onde seriam ministradas as disciplinas eram em locais distintos. Tive que optar entre estudar no curso em que fui aprovado ou permanecer no trabalho que havia conseguido recentemente. História foi a minha opção.

Minha paixão por História me remete à antiga 5ª série, hoje 6º ano. Lembro-me de uma professora baixinha de nome (ou apelido) Deusa, que dizia que aquela turma, daquela idade, não era a sua preferência. Até dizendo que não gostava da gente ela era muito legal, revelando que uma qualidade importante para o professor é o carisma. Lembro-me dos seus testes relâmpagos e do seu modo de explicar. Lembro-me dos assuntos Expansão Marítima, Brasil Colonial... Obrigado, Deusa.

Minha vida na UFBA não foi nada fácil, tinha que conciliar estudos com a falta total de dinheiro e aí me virava do jeito que dava: trabalhei em produção de eventos, como bandeirinha do Kartódromo de Salvador, vendi artigos “legítimos” importados do Paraguai, tomei conta de provas de vestibulares, digitava trabalhos para colegas e professores, usando apenas os dedos indicadores e trabalhava no que mais aparecesse.

No quarto semestre do curso, a falta de dinheiro era insuportável, mas não conseguia achar um emprego com os horários que permaneciam espalhados pela semana. Naquele momento, percebi que o único emprego compatível com meus horários era o de professor. Digitei um currículo de meia página e parti, mais uma vez, para luta.

Tive a ideia de ir até a escola onde estudei o primário (hoje Ensino Fundamental I). A coordenadora da escola havia sido minha professora da 2ª série e lembrou-se de mim e da minha família. Como esquecer? Eu sou Mustafa Tanajura.

Fui contratado para cinco turmas de 5ª série na Escola Medalha Milagrosa, no Rio Vermelho.

Não tinha estudado didática, nem metodologia do ensino e mal sabia os conteúdos, que tinha que estudar para ensinar aos alunos, mas “uma coisa mágica” acontecia quando eu subia “no tablado”: eu dava aulas. Ali me sentia empoderado, capaz e não tinha dúvidas que era isso que queria fazer até o fim dos meus dias.

Quando me formei em 1997, fui convidado pelo padre diretor do Colégio Antônio Vieira⁴ para substituir um professor que havia ingressado no mundo do Direito. A partir dali, todas as portas se abriram para mim: eu era “professor do VIEIRA”. Outras escolas particulares fizeram parte da minha trajetória: Colégio Mendel, Fórum Sapiens, Colégio Michael de Montaigne, Colégio Oficina e Colégio do SS. Sacramento – Sacramentinas, onde atuei mais de 15 anos.

Entrei na Rede Estadual através de concurso em 1999, mas já havia ensinado nessa rede como contratado especial. Em todo esse tempo, fui locado nas escolas estaduais das periferias onde ampliei meu afeto por esse público. Sempre procurei me dedicar e fazer o melhor, eu precisava devolver à escola pública aquilo que eu recebi dela, lá no Manoel Devoto.

Passei por muitas escolas, mas me encontrei no Colégio Estadual Zumbi dos Palmares, no bairro de Tancredo Neves onde, além de História, ensinei Informática, Meio Ambiente, Filosofia, Sociologia, Artes Laborais, Relações Étnico-raciais, Direito e Cidadania e o que mais me oferecessem para completar minha carga horária.

28 quebra-molas da minha casa até a escola, muitos feirantes e pedestres no meio da rua, às vezes o trânsito parava porque alguém estacionou em uma via e na contramão o caminhão da Limpurb recolhia o lixo... era difícil chegar. Aliás, lá nada era fácil: o bairro era marcado pela violência, as condições físicas da escola não eram boas, a indisciplina era característica, mas esse desafio diário me fazia querer voltar.

O laboratório de informática que recebi não passava de um monte de sucatas de computadores desmontados e amontoados em uma pequena sala. Descobri que

⁴ Um dos mais tradicionais colégios de Salvador, pertencente à Companhia de Jesus – Jesuítas.

o antigo professor de Ciência e Tecnologia dava aulas desenhando um teclado no quadro de giz, isso não ia funcionar comigo. Pedi autorização à direção para tentar arrumar alguns computadores, a resposta foi a seguinte: “pior do que está não pode ficar”.

Consegui montar 03 computadores juntando peças de várias outras máquinas e dava aulas para 09 alunos por vez, três em cada máquina dividindo o tempo de aula de uma turma em dois momentos. O máximo que conseguia fazer era ensinar a função de cada parte do computador e os princípios da digitação. Não existia rede de internet naquela escola e mesmo assim os meninos adoravam a aula. Com o passar dos anos chegaram novos computadores, sala nova e equipada, internet, redes sociais e conseguimos melhorar o trabalho.

Em 2003, fiz uma pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior, com ênfase em Novas Tecnologias, na Faculdade Batista Brasileira que me possibilitou reivindicar ensinar em faculdades. E lá fui eu para a Faculdade de Cajazeiras, no curso de Pedagogia Social, para Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) para trabalhar em Licenciatura em História EAD como professor formador e até mesmo para a disciplina de Ações Afirmativas na Bahia, no curso de Ensino da Cultura Afro, na pós-graduação da UNIFACS.

Entrei, mediante concurso público, na Rede Municipal de Salvador em 2008, onde me alocaram na Escola Municipal Nova do Bairro da Paz, que por razões óbvias, para quem não conhece o bairro, recusei a nomeação. A fama do lugar é de ser extremamente violento e dominado pelo tráfico de drogas. Fui convidado a conhecer a escola durante o dia e a diretora acabou me convencendo a ficar.

A escola era um espaço incrivelmente bem cuidado e decorado de forma apropriada para faixa de idade do seu principal público (fundamental I) e possuía limpeza impecável, um oásis em meio à pobreza e à desigualdade. Acreditei que poderia fazer a diferença ali e colaborar na ampliação daquele projeto socioeducacional. Mais uma vez me sentia desafiado.

Nesta escola, sempre trabalhei com turmas da Educação de Jovens e Adultos, no noturno, e além de História fui professor de Informática, Geografia e Economia Solidária (ECOSOL), que me permitiu conhecer a realidade dos meus

alunos bem mais de perto. Desenvolvemos muitos projetos, nos aproximamos muito, criamos laços e descobrimos afinidades.

Usei de habilidade pessoal na gastronomia para desenvolver projetos de ECOSOL. A Economia Solidária e a culinária constituíam-se ferramentas no processo de educação formal, já que parcerias com matemática nos permitiam desenvolver desde operações simples, a gráficos e tabelas. A escrita e redação eram treinadas na confecção de cartazes de venda, propagandas, desenvolvimento de receitas e muitas outras atividades. Em Ciências, estudávamos a composição básica dos alimentos, as vitaminas e seus benefícios e formas de produzir preservando o meio ambiente. A parceria com Geografia nos permitiu comparar os espaços geográficos e as suas desigualdades.

Aproveitávamos as aulas para ampliar o conhecimento e politizar nossas ações. As contestações ao capitalismo apareceram de forma natural, já que a todo momento surgiam críticas à forma desigual a que estamos submetidos nessa sociedade.

Participamos de muitas feiras de Economia Solidária promovidas pela SMED e posso falar com certo orgulho que as nossas barracas eram sempre as mais esperadas e os nossos produtos eram vendidos integralmente. Tinha de tudo: brigadeiro de aipim, bolo de casca de banana, geleia de casca de maracujá, tempero pronto para carnes, produtos de limpeza, produtos de higiene, sachês perfumados para gavetas, entre outros.

Algumas dessas propostas foram replicadas também na escola estadual na tal disciplina chamada “Artes Laborais” e na participação de outros projetos maiores, como “Zumbi: do saber ao sabor”. Na escola particular, existe uma limitação maior na aplicação dessas atividades por conta do controle do tempo e currículo, mas, mesmo assim, tenho conseguido desenvolver algumas ações pontuais, que rendem ótimas experiências.

Hoje, além do Bairro da Paz (14 horas), da Escola Municipal Arte e Alegria (6 horas), no Jardim Nova Esperança⁵, trabalho na rede estadual no Centro de Ensino Médio com Intermediação Tecnológica (CEMITEC)⁶ (40 horas), onde ministro aulas de sociologia para povoados e cidades distantes, além de presídios, atingindo a um público de mais de 20 mil alunos na Bahia. Até o ano de 2017 trabalhava no Colégio do Santíssimo Sacramento, Sacramentinas, onde possuía 15 horas/aula e totalizava 75 horas semanais.

Com tantas escolas e aulas, a formação foi ficando para segundo plano, era necessário dar conta de tantos planos de ensino para entregar, tantas provas para elaborar, tantas avaliações para corrigir e ser filho, ser pai, ser marido e ter vida social. Quem vive de aulas sabe como sobra pouco tempo para estudar. Mas, por fim, estou eu aqui.

Mesmo tendo passado tanto tempo longe da Academia, o meu desejo de retornar e aprofundar os estudos me deixava inquieto fazendo com que esse cortejo acontecesse em disciplinas como aluno especial ou ouvinte e a participação no grupo de pesquisa do GEOTEC a convite de um amigo de adolescência que se tornaria meu orientador.

O meu ingresso no mestrado profissional do GESTEC/UNEB, de certa forma, me possibilita renovar e ampliar esse vínculo com a educação na periferia, à medida que aprofundo e compartilho saberes, ao mesmo tempo em que me oferece novos desafios e responsabilidades para com a sociedade, mas principalmente com os meus alunos.

1.2 Dos objetivos:

A inquietação e questionamento que surge nesse estudo tem seu início no mesmo momento em que tomamos contato com relatos de memórias de um povo

⁵ Por conta da política de fechamento das turmas do EJA não consegui as 12 horas necessárias pra fechar a carga horária e tive que buscar turmas em outras escolas da rede para compor jornada necessária.

⁶ O CEMITEC, é um importante centro de referência, que surgiu nos anos 90 com a proposta de levar salas de aulas para o campo e é pioneiro na educação à distância no Ensino Médio criado pelo governo do Estado da Bahia.

sobre seu lugar, de uma história tão rica e ao mesmo tempo tão destinada à invisibilidade pelas vias oficiais e sociedade em geral.

Norteamos essa pesquisa a partir do seguinte questionamento: Como, a partir da memória de um lugar, de uma escola e dos seus alunos é possível criar uma relação identitária, um sentimento de pertencimento e uma percepção crítica sobre a sociedade em que estão inseridos?

1.2.1 Do objetivo geral

Compreender os elementos que compõe a memória da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz, conjuntamente com os alunos do segmento educacional de Jovens e Adultos e da comunidade escolar em geral, do espaço social do Bairro da Paz, integrando proposta do REDEPUB, projeto do Grupo de Geotecnologia, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, vinculada a Universidade do Estado da Bahia.

1.2.2 Dos objetivos específicos

- Identificar os elementos de memória, nos relatos dos membros da comunidade, através de atividades provocativas realizadas durante os anos letivos de 2016/2017, de pesquisas em arquivos e nas narrativas coletadas nesse espaço social.
- Registrar de forma participativa, com a comunidade escolar, o processo de afirmação da cidadania a partir da percepção da relação entre memória, sujeitos e escola.
- Difundir as memórias da comunidade por meio de publicação de vídeos, atividades e textos elaborados coletiva e individualmente, de caráter político educacional em meio virtual.

1.3 Das pessoas que me acompanham

O percurso de quem decide fazer um trabalho de pesquisa acadêmica não precisa ser solitário. A caminhada se torna mais leve se temos pessoas que nos acompanham nessa trajetória e partilham um mesmo objetivo. Assim é o GEOTEC -

Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade, formado por gente que gosta de gente no caminho.

O GEOTEC é um grupo de pesquisa, que existe desde 2007, formado por profissionais multidisciplinares, que estão associados ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade - PPGEDUC e Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação – GESTEC da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, está inserido na Linha II – Processos Tecnológicos e Redes Sociais e que possui como campo de ação prioritário a Rede Pública de Ensino (SEC, SMED, CEFET, UNEB).

O grupo possui a coordenação geral da Prof^a Dr^a Tânia Maria Hetkowski e dos professores Dr. Francisco Jorge de Oliveira Brito, Dr. José Antônio Carneiro Leão, Dr^a Josemeire Dias e Dr. André Betonnasi, todos vinculados à Universidade do Estado da Bahia. O grupo ainda conta com doutorandos, mestrandos, especialistas, graduandos e alunos do ensino médio no corpo de pesquisadores.

O primeiro sentimento foi de dúvida. O GEOTEC era um lugar estranho para mim, não sabia ao certo o que iria fazer lá, não sou geógrafo. Como iria dar conta dos saberes específicos? Teria eu que estudar muitos conceitos de geografia novos? E a leitura de mapas? Quase nem tentei.

O que me fez avaliar positivamente foi a explanação que o prof. Dr. Francisco Jorge fez do projeto “A Rádio da escola na Escola da rádio”, juro que como muitos, também não entendi o projeto, mas eu queria levar uma rádio para minha escola também. Não conseguia entender ainda a metáfora entre o rádio e a rádio, no viés das potencialidades tecnológicas e técnicas.

Como muitos eu fui atraído pelo “ouro de tolo” da rádio física, pequena, limitada, quando o projeto do GEOTEC é muito maior. Um sentido de promoção, de valorização do local, das pessoas e difusão do conhecimento. A Rádio é o local onde se ensina e aprende simultaneamente. A iniciação científica é uma forma de fazer com que aquele aluno da escola pública perceba o potencial que guarda e que lhe é negado por ter nascido em região pobre.

O que até aqui era singular, passarei a tratar como plural. A transformação começa acontecer nesse momento, do meu ingresso no GEOTEC. Até aqui eu tinha boas ideias, vontade e determinação e agora encontro respaldo em um grupo. Eu não estou sozinho.

A Rádio subverte a ordem estabelecida de que a ciência e a pesquisa pertencem a uma determinada camada da sociedade e desperta potencialidades no aluno da periferia que até então não eram estimuladas nesse tipo de público.

Não é a ciência pela ciência, não pensamos tão pouco assim. Faz-se necessário entender a realidade de imersão daqueles jovens, compreender suas limitações e apostar nas suas possibilidades. Despertar sonhos, desejos e sensibilidade; abrir perspectivas diferentes; ampliar horizontes e criar novas rotas. Fomentar o conhecimento e a pesquisa, são alguns dos elementos que constituem o nosso roteiro de ações para garantir plena cidadania.

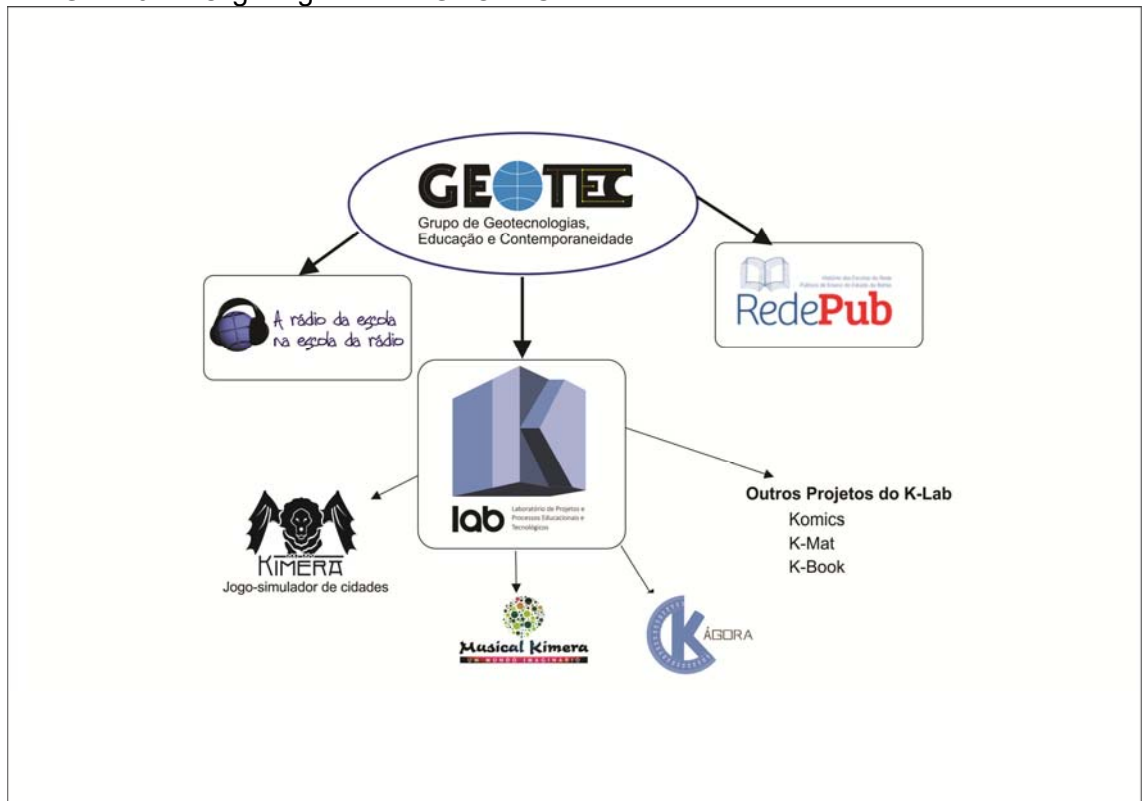
Em nossa proposta, a valorização do lugar como local onde acontecem todas as relações dos homens no seu cotidiano, as suas emergências, seus sonhos e utopias são entendidas como trajeto natural de engrandecimento do ser humano que, ali presente, também sofre com as ausências e negações, com o olhar e ações externas carregadas de pré-conceitos e interesses difusos. Como respalda BRITO (2016):

O lugar é a dimensão do espaço que suporta a potencialidade de vivência e experiência do mundo, em escala compatível, pelos sujeitos. As histórias, aquilo que é pesquisado pelo GEOTEC, só tem sentido quando estão associadas aos seus atores (sujeitos) e aos seus cenários (lugares).

E é essa relação do sujeito com o lugar, que traduz a essência do GEOTEC, nos impulsiona a seguir em frente e tem garantido êxito em nossas ações.

O GEOTEC abriga uma série de outros projetos guarda-chuva e propostas que se diferenciam na sua forma de atuação, mas não na sua essência e princípios. A nossa estrutura está mudando permanentemente, sempre no sentido de ampliar e neste momento apresenta o seguinte organograma:

IMAGEM 01 – Organograma do GEOTEC



FONTE: GEOTEC

O GEOTEC está dividido em três grandes projetos estruturantes: A rádio da escola na escola da rádio; o K-lab⁷ que abriga experiências multissensoriais e multidisciplinar como o Kimera⁸, o Musical Kimera⁹, o K-Ágora¹⁰, o Komics¹¹, K-Mat¹², K-Book; e o RedPub, ao qual este trabalho está associado diretamente.

⁷ <https://klab.com.br/> O K-LAB é um Laboratório Educacional destinado à construção e qualificação de processos formativos e educacionais, por meio da elaboração, utilização e redimensionamento de técnicas, práticas e processos tecnológicos. O K-Lab é um dos projetos articuladores do Grupo de Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade – GEOTEC, da UNEB, coordenado pela Professora Dra. Tânia Maria Hetkowski.

⁸ Kimera - Jogo-Simulador desenvolvido pelo GEOTEC - Grupo de Pesquisa em Geotecnologias, Educação e Contemporaneidade UNEB - Universidade do Estado da Bahia. (<http://kimera.pro.br/>).

⁹ Musical Kimera - recurso de potencializar a musicalidade junto aos alunos, observando a música intrínseca às suas dinâmicas de mundo, de vida e de espaço, através da criação, desenvolvimento e produção do espetáculo Musical Kimera: Um Mundo Imaginário, possibilitando uma vivência artística desses sujeitos do 4º ano da Escola Álvaro da Franca Rocha, Bairro da Engomadeira, cidade de Salvador/BA.

¹⁰ K-Ágora- é uma expansão do jogo-simulador Kimera – Cidades Imaginárias que tem como objetivos possibilitar a Educação Cartográfica, além de simular a construção de uma cidade, valorizando os aspectos que a criança considera significativos para sua vida e para a harmonia do espaço/lugar vividos.

O GEOTEC possui uma característica interessante na sua composição que é a multidisciplinaridade da formação e da atuação dos seus pesquisadores: geógrafos, historiadores, pedagogos, matemáticos, profissionais de TI, artistas plásticos, músicos, administradores, entre outros, colaboram com a diversidade de olhares e leituras sobre a escola e seus atores.

Investigar, criar, imaginar, sentir, difundir, partilhar, acolher, promover são os verbos que marcam a ação desse grupo e estão intimamente ligados e a serviço do processo de educação que ocorre em duas vias: nas escolas públicas atendidas, despertando a pesquisa em alunos do fundamental e médio e possibilitando a formação de pesquisadores e pensadores da Academia.

Para estreitar essa relação com a escola pública, suas histórias e seus atores, organiza-se o REDPUB.

Por meio da ampliação das atividades do GEOTEC, o Portal foi reestruturado para integrar e difundir os demais projetos e ações realizados pelo Grupo em parceria com as escolas do Ensino Básico da Rede Pública. (SANTOS e CORREIA 2015)

O REDPUB, que possui uma ação engajada para levantamento, sistematização, organização das histórias, processos formativos e processos gerenciais das escolas da rede pública, mediado sempre pelos processos tecnológicos contemporâneos.

O REDEPUB – História e Memória, abriga duas linhas de trabalho que são, o GES PUB - Processos Gerenciais e Memória e o REDEFORM- Processos Formativos e Memória, que em verdade existem para especificar as ações de gestão e formação respectivamente e não para criar uma ramificação de caminhos. Entre essas ações é possível entender que todas elas conduzem e são conduzidas tendo a escola pública como local central. A universidade entra na perspectiva de articular o processo de comunicação entre a escola e a comunidade, valendo-se de suas principais ferramentas para gerar o resultado esperado.

¹¹ Komics – parte do laboratório K-Lab busca soluções pedagógicas a partir de ilustrações de HQ.

¹² K-MAT – parte do K-Lab busca soluções pedagógicas na área de matemática.

O REDEPUB surge com a proposta inicial de ser um portal que deveria agregar as histórias das escolas públicas de Salvador, principalmente as municipais da GRE do Cabula (por ser nossa primeira área de atuação). Mas, com a chegada de novos pesquisadores, percebeu-se a necessidade de ampliar esse trabalho, agregando a questão dos processos formativos e gerenciais além de buscar recuperar a memória de instituições públicas de ensino da Bahia a partir da perspectiva do próprio estudante e dos professores, entre outros atores. Como bem é definida sua vocação:

O Projeto Redepub, bem como os demais projetos do GEOTEC, têm como fulcro central a preocupação de articular os processos formativos na rede pública de ensino, pautados no compromisso social de potencializar as práticas educacionais e possibilitar que a educação avance para além dos instrumentos avaliativos (números utilizados para medir os índices da educação básica), permitindo aos sujeitos que se identifiquem como seres históricos, transformadores da realidade e atores centrais dos processos formativos. (SANTOS, 2016 p 54)

E é nessa perspectiva de dar voz às pessoas, de deixar falar aqueles que a sociedade negou os direitos mais básicos, de trazer à tona a memória afetiva do lugar, de fazer emergir aquilo que dá significado ao sujeito, na instituição que tem como dever a inserção social, que é a escola, de formas diversas e tendo como aliada as tecnologias de informação e comunicação (TIC).

1.4 Do Lugar que te falo

1.4.1 Bairro da Paz, primeiros tempos

O surgimento do Bairro da Paz segue a lógica da criação da maioria das favelas de Salvador que, decorrente do crescimento que as cidades tiveram a partir dos anos 40 e do novo eixo de ocupação e da especulação imobiliária que direcionaram uma corrida das classes emergentes para a orla atlântica dessa cidade nos anos 60 e 70, como descrito por CORREIA E LAGE (2005, p 363):

[...] na década de 70 do século XX, um intenso processo de urbanização associado à industrialização, reflexo da implantação nas três décadas anteriores da PETROBRÁS (Petróleo do Brasil S/A), CIA (Centro Industrial de Aratu) e COPEC (Complexo Petroquímico de Camaçari), que se estendeu durante toda a década de 80-90, contribuindo para que grandes contingentes populacionais se deslocassem do campo, das cidades de médio e pequeno porte e de

outros estados, acarretando o fenômeno conhecido como “metropolização da pobreza”, agravando assim os problemas socioambientais.

E é neste contexto de desenvolvimento capitalista e de *urbanização da pobreza* - definido assim por Kofi Annan, Secretário Geral das Nações Unidas entre 1997 e 2007 –, para o nomear processo do êxodo rural, que o Bairro da Paz, antiga Malvinas, surge, no início dos anos 80, a partir dessa necessidade de habitação e do crescimento desse vetor da cidade. A ocupação irregular de terras à margem da Avenida Luís Viana Filho e a formação da comunidade das Malvinas carregam em seu nome toda luta e sofrimento que tiveram que empreender para conquista deste espaço.

O nome Malvinas faz alusão ao conflito militar entre o Reino Unido e a Argentina, entre abril e junho de 1982, pela disputa pelas Ilhas Malvinas (argentinas) / Falklands (britânicos) revelando que não seria fácil consolidar aquela ocupação irregular. A expressão guerra não é um exagero já que as forças particulares e governamentais empreendiam todo seu aparato de poder para retirar os ocupantes daquela região. Repetidamente os barracos foram construídos e derrubados, às vezes tudo isso acontecia em um mesmo dia.

Os moradores mais antigos contam essa história com muito orgulho. Lembram-se desse processo como uma conquista onde tiveram que vencer a truculência da força policial, a fome, a reconstrução reiteradas vezes dos barracos, os esconderijos no meio da mata e a morte de vários companheiros. Contam sobre a Praça das Decisões, onde, sob a luz de candeeiros a querosene, reuniam-se para decidir os próximos passos na luta pela busca da manutenção do território conquistado por eles.

Alguns nomes de suas ruas nos apresentam a sua trajetória de luta: Praça das Decisões, Rua da Resistência, Rua do Corre Nú, Rua Nelson Madela e a Vila Salvador da Pátria. Outras ruas parecem revelar um desejo de projeto de futuro como a Rua da Alegria, Rua da Felicidade, Rua da Paz Celestial, entre outras. E algumas buscam em nomes de personalidades políticas da época alguma atenção

dos poderes públicos como: Rua Nilo Coelho, Rua Yolanda Pires, Rua Agenor de Oliveira, Rua Waldir Pires – revelando alguns dos seus protetores.

A organização política dos moradores das antigas Malvinas e a associação com entidades sociais como o MDF (Movimento em Defesa dos Favelados), a FABS (Federação das Associações de Bairro de Salvador), Movimento de Justiça e Paz, da Arquidiocese de Salvador, e partidos políticos de oposição ao Prefeito Manoel Castro e ao Governador da Bahia Antônio Carlos Magalhães, foram fundamentais para a permanência dos primeiros habitantes locais. Somente no governo de Waldir Pires (1987 a 1989) as intervenções de desmonte da invasão cessaram. A partir de um plebiscito criado pelas lideranças houve a alteração do nome para Bairro da Paz, em 1992.

As dificuldades enfrentadas no início eram imensas como a falta de fornecimento de energia elétrica e água – quem podia perfurava uma cisterna ou buscava água no chafariz distante para evitar a água dos rios que cortavam o bairro e que eram impróprias para o consumo. A lama no pé denunciava quem vinha do Bairro da Paz, muitos motoristas se recusavam a parar no ponto para não sujar o ônibus com a lama daquele lugar, como relatam diversos moradores.

No seu nome levava a denominação de Bairro, mas ainda era invasão, favela mesmo e como todas, carrega consigo a contradição descrita na publicação do Observatório de Favelas, 2009 (p.10):

[...] favela é a ausência. Nesta perspectiva, a favela é definida pelo que não seria ou pelo que não teria. Nesse caso, é apreendido, em geral, como um espaço destituído de infraestrutura urbana – água, luz, esgoto, coleta de lixo, sem arruamento, globalmente miserável; sem ordem; sem regras; sem lei; sem moral. Enfim, expressão do caos.

E assim era o Bairro da Paz nos seus primeiros anos e ainda o é em muitos dos seus aspectos. A expressão favela ou invasão usada aqui tem caráter de denúncia tentando revelar o que ainda falta para se constituir bairro. O termo comunidade que os governos gostam e a grande mídia utiliza não tem nada haver com o sentido dado por BAUMAN (2001) que traz a ideia de lugar calmo e aconchegante. Os próprios moradores, por vezes, usam esse termo como expressão de uma projeção da vida que desejam alcançar.

Faltava constituir-se bairro, só o nome não bastava. A carência era total e a sobrevivência ali era coisa para gente persistente. Se no princípio o lema da luta era “Malvinas pede terra e não guerra”, agora a bandeira era outra, pois, apesar de não mais usar os tratores para derrubar os barracos, o governo nada fazia para proporcionar dignidade ao povo malvinense, como eles se chamavam. Aproveitando-se de um aparato político já estabelecido, essa gente volta às ruas para exigir melhorias para o bairro recém-criado como relatado por ALCÂNTARA (2005, p.71):

No meio dos moradores da Malvinas estavam integrantes do MDF e da FABS, moradores de outras ocupações de Salvador solidários aos malvinenses, além do padre Confa e padres redentoristas. O padre Confa, com seu carro velho, deixava a comissão de moradores se manifestar num alto-falante anexado ao capô do automóvel. O som abafado transmitia para a multidão palavras de ordem. O engarrafamento chegava nas imediações do Imbuí. Na marcha, em direção à Governadoria, mulheres vendiam quitutes em vasilhas plásticas e garotos vendiam picolé e sacos d’água para matar a sede dos manifestantes, que andavam sob o sol de escalear a carne.

Sendo esta uma das muitas manifestações feitas pelo povo das Malvinas. E mesmo não estando mais em um estado de exceção, de ditadura militar, e tendo vencido o ‘carlismo’ (como chamavam a forma de governo autoritária de Antônio Carlos Magalhães), os moradores do Bairro da Paz enfrentaram forte repressão militar, com violência que trazia os vícios dos “velhos tempos” e ainda persiste na atualidade, como descrevem os próprios moradores citados.

Já nas proximidades do Centro Administrativo da Bahia (CAB), “a polícia desceu a madeira”, lembra Balbina. Crianças e adultos corriam de um lado a outro. Os moradores Fubuia, Alfrário, Adalvo, Eurídes, Maria, Balbina, Tabaraci, entre outros, estavam na linha de frente. Este último, enrolado numa das bandeiras do Brasil do povo malvinense, cantava palavras de manifesto, ousando ultrapassar a barreira policial. “A história foi triste. Lascaram a bandeira toda no corpo dele”, conta Balbina. A multidão se formou em volta da vítima. Gritaria e choro. “Tira ele! Tira ele!”, exclamavam alguns que se atreveram a acudir Tabaraci. O coitado foi jogado no chão cheio de pancada. (ALCÂNTARA, 2005 p.72)

Todo esse sofrimento surtiu um resultado lento e gradual. Somente no ano de 1996 foi feita a ligação da rede de água tratada pela Embasa. Ainda no governo de Waldir Pires algumas benfeitorias foram feitas no bairro como escola, creche e posto de saúde, todas muito rudimentares e insuficientes gerando uma situação de risco social grave como descreve:

Sem escola, sem emprego, sem brinquedo e lazer, crianças de 10 a 13 anos passaram a ser alvo dos traficantes. A sedução do dinheiro fácil para que se tornassem “aviões” ou “soldados” – como eram chamados os intermediários entre os traficantes e os usuários de drogas – , chegou a levar à morte cerca de oito a cada mês. (ALCÂNTARA, 2005. p.99)

Assim sendo era uma favela sem cidade, sem os benefícios e sonhos que o sistema capitalista promete com a urbanização. Podemos dizer que eram, como define SANTOS (2011, p. 191) ‘cidadãos incompletos’. Os poucos equipamentos de assistência à saúde e educação implantados no bairro eram, em sua maioria, financiados pela Arquidiocese de Salvador e seus movimentos sociais. As instituições que mais colaboraram foram a Fundação Dom Avelar e algumas ordens italianas. Nem sempre eram pacíficas as relações entre a comunidade e a igreja, já que tinham dificuldades em estabelecer seus limites, mas ainda eram aliados. E a situação foi agravada com a morte de d. Avelar e a chegada de seu sucessor:

Desde a assunção de dom Lucas Moreira Neves como arcebispo primaz do Brasil em meado de 1987, não houve sinal, até 1991, de nenhuma intervenção significativa da Arquidiocese de Salvador na Malvinas. Dom Lucas, primo em 2º grau do falecido presidente Tancredo Neves, era considerado nos meios clericais como um “moderado”. Com uma formação essencialmente francesa, chegou a declarar para a imprensa na época que sabia mais sobre a França do que do Brasil. (ALCÂNTARA, 2005. p.99)

D. Lucas ocupou os mais altos cargos no Vaticano antes de ser transferido para Arquidiocese de Salvador e, talvez, por isso a sua proximidade com o poder lhe era mais simpática. A primeira visita oficial ao novo arcebispo foi do Ministro das Comunicações Antônio Carlos Magalhães. Sem poder contar com o auxílio oficial da Igreja Católica a ausência do Estado se fazia cada vez mais presente como apresentado no relato de ALCÂNTARA (2005. p.129):

Depois de 54 passeatas até a Secretaria de Educação, no Centro Administrativo, e com o apelo dos moradores, já na primeira gestão de Paulo Souto no governo do Estado, dom Lucas intercedeu e conseguiu do governador a aprovação de uma escola primária para as crianças e adolescentes da comunidade. Tão poucas são as vagas que há um grande fluxo de estudantes que se matricula em escolas públicas de Mussurunga e Itapoan. Dolores conta que os netos levaram quatro anos sem estudar porque não havia escola de segundo grau no Bairro da Paz. Depois deste tempo, para que estudassem em Mussurunga, cada um freqüentava alternadamente

as aulas. O dinheiro do transporte não era o suficiente para que cada um se deslocasse todos os dias

E com essas condições não era possível estabelecer uma relação igualitária com o resto da cidade. A desigualdade ainda é marca da crescente Salvador. O sistema imobiliário registra a geografia da pobreza empurrando para a periferia os mais desiguais de formas diferentes. A metrópole se dividia de forma mais acintosa entre as classes sociais, delimitando seus espaços. E nesse contexto o Bairro da Paz desobedecia a regra ao se instalar em uma área reservada para outro grupo populacional subvertendo a lógica que o lugar determina o valor do indivíduo

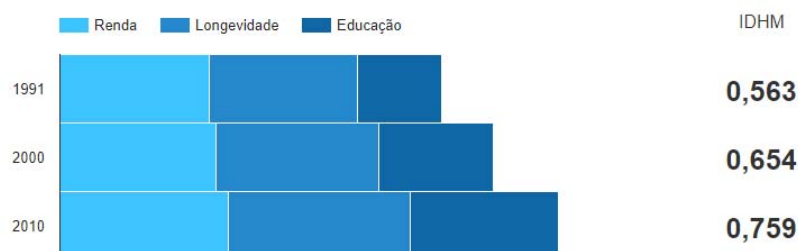
Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. Seu valor vai mudando, incessantemente, para melhor ou para pior, em função das diferenças de acessibilidade (tempo, frequência, preço), independentes de sua própria condição. Pessoas, com as mesmas virtualidades, a mesma formação, até mesmo o mesmo salário têm valor diferente segundo o lugar em que vivem: as oportunidades não são as mesmas. Por isso, a possibilidade de ser mais ou menos cidadão depende, em larga proporção, do ponto do território onde se está. (SANTOS, 2013. P. 160).

Viver no Bairro da Paz era uma ação de resistência. Além de todas as adversidades enfrentadas em decorrência da ausência do Estado era necessário afirmar-se como indivíduo, como cidadão pleno, conquistar o território, o abrigo e a cidadania.

1.4.2 Bairro da Paz, em tempos atuais

As condições gerais que levaram ao surgimento de invasões nos anos 80 e 90 melhoraram um pouco como demonstra a evolução do Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM), que é divulgado pelo Atlas Brasil, na cidade de Salvador:

GRÁFICO 01 - Evolução IDHM.



FONTE: PNDU, IPEA e FJP

Este índice é um indicador que avalia a qualidade de vida da população de uma cidade, estado ou país e usa como critérios dados como renda, educação, saúde, principalmente. Foi criado no início da década de 1990, mas mesmo constatando avanço, sabemos que o seu resultado é uma média e que esconde milhares de famílias em estado de miserabilidade.

Segundo o IBGE (CENSO 2010), Salvador é uma cidade que tem um dos maiores índices de moradores em 'aglomerados subnormais', - expressão utilizada pela instituição para determinar genericamente a diversidade de organização de moradias populares, destituídas de elementos de urbanidade mais conhecidos como favelas - sendo que 33,07% dessa população vivem nessas condições.

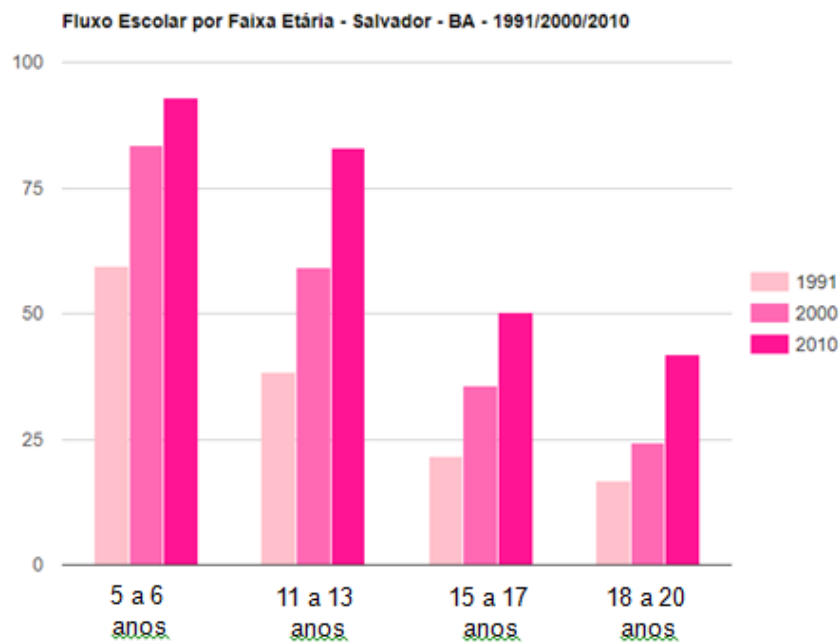
Essa condição de fragilidade socioeconômica reflete nos números da educação, que em Salvador, é um dos piores do Brasil como indica publicação do IBGE(2010):

Em 2015, os alunos dos anos iniciais da rede pública da cidade tiveram nota média de 4.7 no IDEB. Para os alunos dos anos finais, essa nota foi de 3.1. Na comparação com cidades do mesmo estado, a nota dos alunos dos anos iniciais colocava esta cidade na posição 87 de 417. Considerando a nota dos alunos dos anos finais, a posição passava a 281 de 417. A taxa de escolarização (para pessoas de 6 a 14 anos) foi de 95.9 em 2010. Isso posicionava o município na posição 351 de 417 dentre as cidades do estado e na posição 4637 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Esses números apresentados pelo IDEB são passíveis de manipulações e críticas quanto a sua metodologia e aos seus objetivos, mas ainda se constituem em uma das principais formas de aferição do crescimento da escolaridade no Brasil.

Apesar desses números, que ainda estão longe do ideal perseguido, perceberemos, que houve, em Salvador, uma maior inserção de crianças e jovens no ensino fundamental e médio nos últimos anos, conforme gráfico a seguir, dividido entre quatro grupos etários de 5 a 6 anos, de 11 a 13 anos, 15 a 17anos e 18 a 20 anos, respectivamente.

GRÁFICO 02 – Percentual da evolução de matrícula de crianças e jovens.

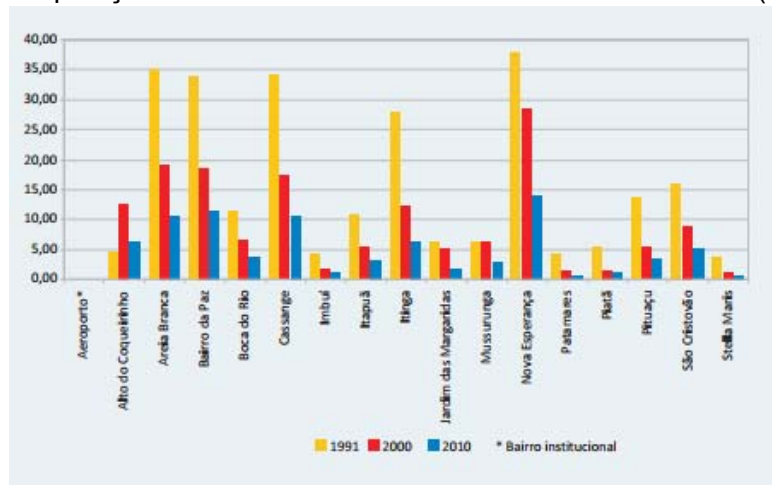


FONTE: PNUD, IPEA e FJP

Essa ampliação de matrículas em Salvador pode está associada a programas sociais de redistribuição de renda, como o Bolsa Família, é o que sugere o relatório do Plano Municipal de Saúde de Salvador 2014-2017, mas não reflete necessariamente uma melhoria do ensino nas escolas públicas já que continuamos com um dos IDEB mais baixos do Brasil- como relatado anteriormente- e a nossa taxa de analfabetismo, principalmente, entre os maiores de 60 anos é de 20,4% como apresenta o PNAD 2016.

No comparativo com outras localidades que compõe a Prefeitura-Bairro de Itapuã, o Bairro da Paz continua com índices altos de analfabetismo na população acima de 15 anos apesar da redução desses índices ao longo dessas três últimas décadas, como descreve o gráfico a seguir.

GRÁFICO 03 - População residente não alfabetizada acima de 15 anos (em milhares).



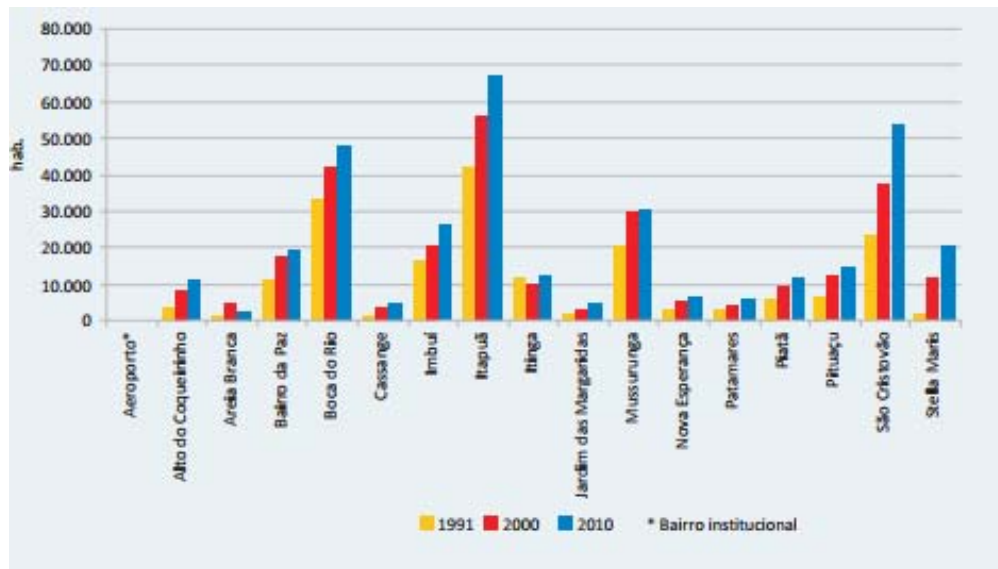
FONTE: CONDER, 2016

Outro dado importante é o aumento percentual de estudantes que passaram nos primeiros ciclos educacionais com noções rudimentares em leitura, escrita e operações simples da matemática, ampliando o número de analfabetos funcionais de 37% (2001) para 50% (2011). Estes números estão presentes na comunidade do Bairro da Paz e são associados a vários fatores, mas destacamos, principalmente, a questão da renda familiar.

Daqueles que têm renda familiar de até um salário mínimo 38% são considerados analfabetos funcionais, enquanto que este número cai para 6% dentre aqueles com renda familiar superior a 5 salários mínimos. Segundo MATOS e DANTAS (2012), a renda dos moradores do Bairro da Paz concentra-se na média entre 0,5 e 2 salários mínimos colocando-os no grupo de maior risco de alfabetização rudimentar. E sua população é característica de jovens, com 43,24% na faixa etária de 0 a 19 anos, 36,22% na faixa de 20 a 39 anos e 20,54% acima dos 40 anos.

Em sua revista INFORMS, 2016 a CONDER revela o crescimento populacional do Bairro da Paz que desde a década de 1990 conforme o gráfico apresentado a seguir:

GRÁFICO 04 - População residente na PB-IV Itapuã/Ipitanga por bairro.



FONTE: CONDER, 2016

Existe uma distorção nos números apresentados pela CONDER, aproximadamente 20 mil habitantes, em relação aos do IBGE/2010 que apresenta o bairro com aproximadamente 32 mil habitantes. Só que esse número não corresponde também ao que é propagado pelos moradores e pela imprensa em geral, que estabelece uma população de que varia em aproximadamente 60 a 80 mil habitantes.

Mesmo não sendo esse superdimensionamento populacional uma estratégia consciente, é possível perceber que existe aí um benefício para a comunidade que chama atenção dos políticos e governantes para implementação de obras e políticas públicas para o bairro. Outra hipótese remete-nos a uma questão autoidentitária onde se percebe maior do que realmente é.

Concretamente, temos que até 2017 não existia um limite oficial atualizado para os bairros de Salvador. Isso era uma das razões para falta de precisão habitacional já que a lei que delimitava os bairros da capital baiana era de 1960 e não contemplava o crescimento da cidade. Com a nova lei, baseada no estudo Caminhos das Águas de Salvador (UFBA, 2010) a cidade que tinha 32 bairros passa a ter 163, estabelecendo uma divisão que já existia, de forma extraoficial, no dia a dia do soteropolitano.

Pensando em nosso objeto de estudo, apesar dos dados numéricos expressivos do seu contingente populacional essa região registra os mais baixos índices de desenvolvimento humano, como apresentado anteriormente. O Bairro da Paz é um lugar que precisa ser assistido por políticas públicas de inclusão educacional para crianças, que de alguma forma já vem sendo feito, mas também para Jovens e adultos que trazem como paralelo algumas discussões como:

[...] a questão da pobreza e das desigualdades, a questão das ONGs, comunicação e informação, mudanças climáticas, migrações (refugiados e imigrantes em situação “irregular”), interculturalidade, empregabilidade e sobrevivência, economia solidária e, certamente, a educação como direito humano, como “direito à educação emancipadora”. GADOTTI (2011)

Todas essas questões não podem ser desconhecidas quando pensamos sobre uma comunidade com tantas carências e tanta diversidade. Entender o Bairro da Paz é, prioritariamente, entender as pessoas que nele habitam: seus sonhos, suas ambições, suas necessidades e perspectivas. E a escola talvez seja esse lugar de observação privilegiada.

1.4.3 DA ESCOLA MUNICIPAL NOVA DO BAIRRO DA PAZ

Sobre a Escola Municipal Nova do Bairro da Paz, encontramos pouca documentação oficial que descrevesse sua gênese e os seus primeiros tempos, como boa parte das escolas municipais e estaduais. Isso confirma a nossa preocupação com a memória dessas instituições, que são públicas, mas quase sempre possuem uma memória particular.

Percebemos ao longo dessa pesquisa que muitos gestores não dispensam a atenção devida com a memória da instituição que estão à frente. Às vezes, isso acontece por não entenderem a importância desse processo ao longo do tempo, ou por conta do acúmulo de funções que lhes impedem certos cuidados ou ainda tomam para si fotos, filmes, documentos e recordações que constituem a memória do período que estiveram na administração.

Observamos que não existe uma cultura de preservação da memória escolar e nem há políticas públicas que definam esse processo. Os arquivos mortos, que

são mantidos por determinação legal, guardam, em sua grande maioria, apenas as pastas dos alunos e os diários do ano letivo. E mesmo assim, em péssimas condições de armazenamento e organização.

Os documentos compõem uma parte importante da memória da escola. Eles podem ser fotos, filmes, papéis, peças, registros, fitas de gravações, construções, objetos de artes, recortes de jornais, entre outros. Estes compõem a memória da escola e são capazes de provar, esclarecer algo, registrar um fato, dar identidade, comprovar teoria e conferir autenticidade a um fato histórico. Essa memória da instituição mesmo quando preservada não está acessível aos alunos, professores e membros da comunidade escolar.

De forma original a palavra documento tem origem no latim DOCUMENTUM, que deriva da palavra DOCERE, que é o mesmo que “ensinar, mostrar”. Estabelecendo uma relação entre seu significado e a vocação de formação da escola, percebemos que este pode ser um importante aliado para prática da educação. Infelizmente, essa prática não é a regra quando se fala de uso de documentos para o enriquecimento da prática pedagógica.

No Bairro da Paz temos uma grande vantagem da escola ser relativamente nova e possuímos um povo que reproduz com orgulho tudo que viveu. Mas, documentos, fotos, reportagens que contem essa história não foram devidamente colecionados pelos que estiveram em cargos mandatários na instituição. E se foram, partiram com quem os colecionou como propriedade particular.

Desde o surgimento do Conselho de Moradores do Bairro da Paz, em 1992 – 10 anos após as primeiras ocupações, as principais reivindicações sempre foram posto de saúde, saneamento, energia elétrica, linha de ônibus e a escola. Em 1998, a partir de uma ação mais madura intitulada ‘Movimento Pró-Urbanização’, que pela primeira vez transferiu os protestos dos moradores da Av. Luiz Vianna Filho, a Paralela, para Praça Castro Alves exigindo do governo uma ação mais efetiva e abrangente para o bairro. Nesta época, uma das maiores reivindicações era a construção de um colégio estadual, que funcionava em casas alugadas.

Muitos depoimentos foram ouvidos de moradores locais, alunos e ex-alunos. Por vezes, as histórias são confusas e se contradizem. Em outros momentos, elas

seguem um roteiro quase que combinado. Verdades e “causos” próprios da história oral. Por aqui, todos são importantes.

Aquele prédio atual da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz tem como ano de fundação 2003, na segunda gestão do prefeito Antônio Imbassay (1997-2000/2001-2004) . E entra em substituição a um outro que chamavam de provisório, que pelos relatos dos alunos mais antigos era uma pequena escola comunitária, de construção rudimentar.

Durante muitos anos trabalhei naquele prédio sem nunca me dar conta da existência naquele espaço de outras construções. Um aluno chamou atenção para o nome da instituição que trás a palavra “Nova”, dando a entender que ali havia uma outra Escola do Bairro da Paz, que foi substituída pela construção atual. Outro aluno, falou que ali existia uma pequena escola de zinco chamada Escola Nova Provisória do Bairro da Paz.

O que temos de concreto é que antes da chamada Escola Nova do Bairro da Paz duas outras escolas antecederam a sua construção: O barracão e a escola de pré-moldado.

Pelo relato da ex-professora Rainalda¹³ a primeira construção que abrigou a escola foi um barracão que foi erguido decorrente de um acordo entre os moradores e a prefeitura para relocação de algumas pessoas que tinham invadido uma área proibida e enquanto não se construía novas moradias ficariam ali provisoriamente. Quando as casas foram terminadas, a Pastoral da Criança utilizou o espaço para abrigar ações que atendiam, preferencialmente, aos que estavam na faixa de 0 a 5 anos de idade com acompanhamento de peso e medidas e preparação e distribuição de multimistura¹⁴ e, no turno noturno, alfabetização de jovens e adultos.

Aquele espaço por estar ligado a Igreja Católica, onde a paróquia se ergue em homenagem a São José, teve como primeiro nome o mesmo do seu padroeiro.

¹³ Professora e catequista que atuou no barracão, inicialmente como voluntária e depois como contratada da associação de moradores, de dia nas turmas de educação infantil e a noite na alfabetização de adultos.

¹⁴ Além da variedade de alimentos, a Pastoral da Criança ensina as mães a acrescentarem na comida diária de sua família uma mistura feita com farinhas e cereais, farelo de trigo e de arroz, pós de folhas verde-escuras, de sementes e de casca de ovo para evitar a desnutrição infantil.

Quando as ações da Pastoral da Criança ganharam uma sede definitiva, em espaço apropriado distante dali, o barracão passou a funcionar como escola improvisada e a professora passou com outras colegas a dar aulas de alfabetização para crianças do bairro e agora dependiam de colaboração financeira dos moradores da região.

Segundo relatos de outros moradores locais¹⁵, o barracão foi construído em regime de mutirão, entre 1990 e 1992, pela própria comunidade e que as primeiras professoras foram contratadas com dinheiro da associação de moradores. A “escola” tinha 1 banheiro, uma pequena cozinha, quatro salas de aula e era fechada com placas de PVC, como os moradores gostam de chamar o compensado que servia de paredes. Era tudo improvisado, não foi construído com a finalidade de ser uma escola.

Um “causo” que todo mundo concorda foi a de que em um dia de fúria um dos moradores “tomou uma cachaça errada”, como nos conta os vizinhos da escola, e quebrou o barracão todo. Ele ainda foi contido pela comunidade que até chamou a polícia, mas o estrago já estava feito. A partir daí a comunidade resolveu se organizar e solicitar da prefeitura a construção de uma escola de verdade. A professora Rainalda, buscando abrandar as coisas, afirma que essa foi a forma que o morador encontrou para pressionar a prefeitura a construir uma escola nova.

Ainda, em outra versão, é que depois do barracão, Escola São José, veio uma escola pré-moldada pequena, produzida pela FAEC¹⁶, que segundo seu idealizador o ex-Prefeito , Mário Kértész (1979 – 1981 / 1986 -1988) poderia ser construída em até 15 dias. Mas a imagem que temos da escola desmente a versão do prédio produzido pela Fábrica de Cidades, como era conhecida.

¹⁵ Insiro a expressão genérica “moradores” por que essas pesquisas aconteceram de forma espontânea, como um bate-papo, uma conversa. De outra forma, mais formal, os moradores se recusam a falar, se inibem, se fecham. Abro mão da identificação das fontes para obter detalhes de uma boa prosa que aconteceram durante partida de dominó no boteco, no meio de compras no mercadinho, no fim do terço na igreja...

¹⁶ A FAEC (Fábrica de Equipamentos Comunitários) tratava-se de uma criação do ex-prefeito de Salvador, entre 1979 e 1981 e entre 1986 e 1988, Mário Kértész e que utilizava peças pré-moldadas para construção imediata de escolas, escadas drenantes, pontos de ônibus e passarelas.

A escola que substituiu o barracão tinha dois pavimentos. Possuía uma aparência de um grande galpão com estrutura de ferro e blocos. As salas de aula davam para um corredor externo em aço, dos dois lados. Não temos como precisar, mas, pela única imagem, acreditamos que possuía de 10 a 12 salas de aula. O cercado e o telhado eram feitos de chapas de flandres como é possível verificar na imagem abaixo:

IMAGEM 02 – Escola Municipal do Bairro da Paz.



FONTE: Jornal Comunitário do Bairro da Paz - Julho 2000 ano2 N°2

Sobre essa escola encontramos em um antigo jornal da associação de moradores, intitulado de “Bairro da Paz”, datado de julho de 2000 (ano 2, nº 2), cujo uma cópia anexamos a esse trabalho, uma reportagem que trás o seguinte conteúdo:

COMUNIDADE É BENEFICIADA COM ESCOLA MUNICIPAL NO ALTO DA BELA VISTA.

Após várias reivindicações feitas pelo Conselho de Moradores e a Comunidade à Secretaria de Educação. À Prefeitura, à SEMIN e a SUMAC foi construída uma Escola Municipal provisória no Alto da Bela Vista, reduzindo o número de acidentes de trânsito.

Segundo a Secretaria de Tráfego¹⁷, a velocidade média no local é de 80 km o que torna a travessia do pedestre difícil. Quem

¹⁷ O Trânsito que o autor refere-se diz respeito a AV. Luís Viana Filho, popularmente conhecida como Paralela, que possui aproximadamente 13 quilômetros e foi construída década de 1970 para servir como importante via do eixo estruturante da cidade que crescia no sentido litoral norte, abrindo um novo caminho para o aeroporto que antes era ligado a cidade por Itapuã ou pela via que hora chamamos de Estrada Velha do Aeroporto.

pega ônibus para ir a escola ou trabalho é uma aventura de vida ou morte e um exemplo de paciência à espera da redução do fluxo de carros. Com a nova escola, além de garantir a segurança mantemos nossos filhos estudando no próprio bairro trazendo a família uma economia de tempo e dinheiro.

Apesar de o autor da matéria comemorar a escola mais do ponto de vista econômico e de segurança compreendemos que ela representava muito mais que isso, a saber: o reconhecimento das necessidades locais por parte dos órgãos oficiais; a oportunidade de estudar para muitas crianças; a possibilidade de trabalhar fora para muitas mães.

No mesmo periódico, logo abaixo da matéria principal, o autor lança um pequeno parágrafo que determina a qualidade da escola criada naquele bairro, como transcrito aqui:

E o vento levou...

Porém a luta não para aí, pois com o primeiro vento forte que ocorreu o telhado da escola foi embora, temos que lutar para que seja construída uma sede definitiva, sem falar que a escola provisória foi construída na única praça de lazer que a comunidade do Alto da Bela Vista dispunha. Por tudo isso, temos que continuar lutando para termos uma escola digna com educação de qualidade para os nossos filhos.

Esse jornal comunitário denuncia o que já tínhamos ouvido da comunidade sobre o prédio que passou a ser chamado de Escola Municipal do Bairro da Paz; segundo a ex-professora Gerlane que descreve com propriedade: “Essa escola tinha vários problemas de infiltrações em dias de chuva, de calor em dias de sol, de desmonte de peças em dias de vento e de falta de carteiras e materiais todos os dias.”.

Encontramos, também, no Jornal A Tarde, do dia 07/06/2000 uma nota que relatava o fato acontecido a respeito da inauguração e a derrubada de parte do telhado da escola a menos de um mês do início do seu funcionamento. É possível perceber parte da estrutura no chão na imagem a seguir:

IMAGEM 03 – Parte do telhado que caiu na Escola Nova do Bairro da Paz.



FONTE: Jornal A Tarde, 07/06/2000

Posteriormente, essa escola também foi desmontada para dar origem a um prédio muito maior que agora ocupa toda a área onde os moradores imaginavam que deveria ter uma praça e equipamentos de lazer pela sua dimensão territorial. A sua construção também foi alvo de crítica pela comunidade que reclamava do período do ano para início e a demora para a conclusão da construção, como denuncia o Jornal A Tarde de 05/07/2002:

Novecentas e oitenta e seis crianças entre seis e doze anos de idade, matriculadas na Escola Nova do Bairro da Paz (antiga Malvinas), ainda não tiveram aulas esse ano. A construção do prédio só começou no último mês de março (no ano anterior, as aulas acabaram em novembro) e a previsão é de se encerrar em agosto.

A situação preocupa a Associação de moradores do Bairro da Paz [...] que as crianças correm o risco de perder o ano letivo, já que a legislação obriga calendário mínimo de 200 dias letivos.

A imagem abaixo revela a situação da escola ainda em construção e as crianças na rua brincando de bola.

IMAGEM 4 : Escola Nova em Construção, 2002.



Fonte: Jornal A Tarde, 05/07/2012

Quanto ao local que está situada a escola atual, chamado de Bela Vista, a informação que todos repetem é que foi uma das últimas regiões do bairro a ser ocupada. Essa área era de grande valor econômico por estar situada nas proximidades da Av. Luís Viana Filho, a Paralela e possuía uma área grande que era usada para cultos e missas campais e também como campo de futebol para os moradores. Inclusive, sobre esse último aspecto, os moradores relatam que existia um compromisso da prefeitura em permitir que a comunidade utilizasse a quadra esportiva que seria construída na parte superior da escola, mas isso nunca saiu do papel.

Essa ocupação tardia marcou um dos últimos conflitos entre os moradores e a prefeitura, em 1997. Mais uma vez a determinação dos moradores foi mais forte que os órgãos da prefeitura como SUCOM e LIMPURB e da Polícia Militar do Estado,

encerrando a disputa em maio deste ano. É possível ver o registro do fim do conflito no Jornal A Tarde do dia 17/05/1997, na foto a seguir:

IMAGEM 05 – Processo de demolição de barracos no Alto da Bela Vista.



Fonte: A Tarde 17/05/1997.

No Alto da Bela Vista as casas foram organizadas involuntariamente em um grande círculo como se a comunidade tivesse planejado e esperando que naquele local fosse futuramente uma praça ou um equipamento de esporte. Por conta disso alguns moradores resistiram e se ressentiram com o estabelecimento de uma escola no local, mas acabaram concordando por entender a importância da construção.

Tudo que temos de informação até aqui é fruto de um trabalho de investigação e reconstrução de um enorme quebra-cabeça, com peças muito pequenas e que por vezes não se encaixam. O relato de uma comunidade sobre suas memórias nem sempre reproduz com fidelidade a sua história, mas revela um orgulho enorme capaz a dar brilho a sua história.

Essa memória perdida do ponto de vista oficial, já que não existem registros acessíveis na SMED (Secretaria Municipal de Educação e Desporto) e nem dados

organizados na unidade escolar deixam uma incompletude na rica história do bairro e das pessoas que lutaram para fazer esse lugar. É importante chamar atenção para o protagonismo da comunidade na busca de equipamentos que possibilitassem o desenvolvimento social do bairro.

As escolas públicas ou privadas desempenham funções do *múnus* (ofício) público e como tal devem ser responsáveis por resguardar todos os atos de interesse público como nos chama atenção BONATO, 2005 p.5.

Por exercerem *múnus* público, as escolas estão obrigadas a preservarem seus arquivos. Os arquivos das escolas públicas ficam nestas ou, após algum tempo, os seus conjuntos documentais permanentes são confiados a arquivo público. A opção por deixar os documentos nas escolas ou de, decorrido algum tempo, transferi-los para um arquivo central ou regional será objeto de opção normativa da administração pública.

De uma forma geral, essas escolas cumprem essa determinação – até mesmo por força da lei. Mas, possuem uma visão limitada determinada pelo Estado do que é importante preservar já que essa obrigatoriedade engloba apenas *documentos produzidos e recebidos de por instituições de caráter público e entidades privadas ou por pessoas físicas*, como nos chama atenção BONATO, 2005.

Mas, a escola produz muito mais que documentos oficiais: Todas as atividades, os movimentos reivindicatórios, planejamentos e aulas, os líderes de salas, os passeios (pedagógico ou não), fotos, festas, reuniões de pais,... tudo isso é a memória da escola que deve ser preservada e a qual damos enfoque nesse trabalho.

E então quando falamos em preservação da memória da escola, não nos referimos a apenas, aos documentos oficiais, mas a esse aparato de coisas que marcam a vida das pessoas e até mesmo da comunidade. É essa memória que não perpassa o oficial que buscamos valorizar.

1.4.4 Configuração da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz

Atualmente, em 2018, a Escola Nova do Bairro da Paz conta com 14 salas de aulas, 02 salas de aula de reforço, sala de leitura, sala de informática, sala de AEE

(Atendimento educacional especializado), 02 salas de soe, sala de professor, sala de coordenação, cozinha sala de direção, secretaria, 02 depósitos, 02 varandas, 01 pequeno parque, sanitários masculino e femininos distribuídos nos dois pavimentos, 01 pequena horta de temperos e 05 banheiros com chuveiros no lado externo.

A escola atende atualmente a um quantitativo de 928 alunos distribuídos entre turmas de Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Educação de Jovens e Adultos II e projetos como o ¹⁸Se Liga e o Acelera nos dois turnos. É considerada pela SMED como sendo de porte especial e tem o IDEB em 4,5 (2015). Possui um corpo docente composto de 49 professores.

O croqui a seguir revela a planta baixa original da escola que já sofreu pequenas intervenções ao longo da sua existência e com uma reforma de maior porte durante o governo do Prefeito João Henrique Carneiro (2005 – 2013) quando teve sua fachada alterada como nos mostram as fotos a seguir:

IMAGEM 06 - Croqui original da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz.



Fonte: NASCIMENTO (2010, p.38)

¹⁸ “Se Liga” e “Acelera” - Programas de correção de fluxo, ambos executados em parceria com o Instituto Ayrton Senna, voltados para alunos do ensino fundamental.

IMAGEM 07 : Fachadas da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz.



Fonte: O autor

1.4.5 Aspectos da educação pública do Bairro da Paz

O Bairro da Paz, atualmente, conta com 04 escolas públicas, sendo: Colégio Estadual Mestre Paulo dos Anjos, profissionalizante e médio; Escola Municipal Nossa Senhora da Paz – fundamental I e EJA fundamental I; Escola Municipal Nova do Bairro da Paz – fundamental I e EJA Fundamental II; Escola Municipal Jorge Amado, fundamental II.

A Escola Municipal Jorge Amado apesar de constar como sendo do bairro, encontra-se situada em casas alugadas provisoriamente em Itapuã, até que a prefeitura use as áreas existentes disponíveis dentro do bairro ou encontre área para sua construção, principal impasse para concretização do projeto. Os estudantes são transportados por um ônibus disponibilizado pela prefeitura para esse fim.

No dia 17/07/2015 houve uma audiência pública para tentar resolver a questão da construção da escola no bairro. Participaram desta reunião os principais líderes comunitários, moradores, profissionais que atuam na comunidade e membros da Comissão de Educação da Câmara Municipal. O impasse está no fato de que o executivo municipal alega não ter áreas disponíveis para construção no bairro, apesar da associação de moradores já ter indicado dois locais onde a escola poderia ser erguida.

IMAGEM 08: Fachada da Escola Municipal Jorge Amado



Fonte: Google Maps.

Da mesma forma, funcionou de forma provisória, desde 2000, o Colégio Estadual Mestre Paulo dos Anjos, que recebe esse nome em homenagem a um grande capoeirista que exerceu no bairro o pioneirismo como educador. A escola funcionava de forma precária em uma casa alugada no centro do Bairro da Paz e só em 2011 teve sua sede atual inaugurada.

Nas imagens a seguir temos o registro de como era a fachada da escola até 2011 e como ficou com sua construção em uma localidade mais perto da av. Orlando Gomes.

IMAGEM 09: fachada do Colégio Estadual Mestre Paulo dos Anjos antes e depois de 2004.



Fonte: Google Maps.

No momento atual, a situação mais preocupante está relacionada aos alunos do ensino fundamental II, que segundo a Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) (Lei nº 9.394/96) é de responsabilidade da Rede Municipal, prioritariamente. Percebemos que as escolas do bairro não conseguem suprir a demanda desse público que tem que se deslocar para Itapuã ou Mussurunga para estudar. Com essa lacuna criada, esses jovens tem dificuldades para garantir a sua permanência nas instituições e isso contribui para o abandono dos estudos. Quando mais tarde tentam retornar para escola encontram na política deliberada de extinção da EJA e em toda problemática que já lhe é característica as condições para permanecer fora da escola ou do abandono desta.

1.4.6 A EJA na Escola Municipal Nova do Bairro da Paz

A EJA é mais uma prova da luta e garra desse povo que vê e percebe na educação o meio para superação pessoal e profissional. E concordando com Gadotti (2008, p.31) que diz :

Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego, etc.) que estão na raiz do problema do analfabetismo. Para definir a especificidade de EJA, a escola não pode esquecer que o jovem e adulto analfabeto é fundamentalmente um trabalhador – às vezes em condição de subemprego ou mesmo desemprego [...].

Por vezes, nós do corpo docente, diretivo e gestores da educação perdemos essa noção de quem é o nosso aluno e não conseguimos transpor as barreiras da educação seriada. Não levamos em conta suas experiências pessoais e sua realidade sociocultural. A EJA é um desafio cotidiano para o professor, mas acima de tudo para o próprio educando que busca na escola a possibilidade de superação de suas dificuldades.

As turmas da EJA, da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz, possuem uma característica marcante de ter como maioria entre os seus discentes jovens entre 14 e 25 anos. A Organização Todos Pela Educação prevê que apenas 30% dos alunos entre 15 e 19 anos estão na EJA, enquanto que na configuração da escola em questão esse número representa uma parcela bem maior que a média nacional. Podemos apontar que um dos fatores que colaboram para esse fato é a insuficiência

de vagas no bairro para o ensino fundamental nas séries finais como relatado anteriormente.

A EJA é tratada como um problema pelos órgãos oficiais de educação, pois a manutenção desses alunos na escola é complicada e o desenvolvimento de habilidades cognitivas é considerado muito baixo. Vários são os fatores que contribuem para ampliar essas questões como:

- O cansaço para estudar depois de dois turnos de trabalho;
- A violência local que impede a mobilidade dos alunos pelo bairro;
- Questões pessoais (filhos, maridos, mudanças, igreja, trabalho, entre outros.);
- A falta de assistência para alunos com dificuldades cognitivas;
- A falta de uma pedagogia/estrutura adequada para alunos adultos (a infantilização de materiais didáticos e equipamentos);
- As classes com idades mistas, variando de 14 a 65 anos;
- A inserção em uma mesma turma de alunos em estágios diferentes de conhecimento (alunos em processo de letramento com os que já estão em séries finais do ensino fundamental).

Para agravar a situação da EJA, atualmente, esse segmento no município e da rede estadual vem sofrendo constantes ataques com fechamento sistemático e deliberado de turmas no noturno. Isto é claramente percebido na redução de turmas nos últimos anos:

Tabela 1 – Redução de turmas da EJA na Escola Nova Municipal do Bairro da Paz.

Ano	EJA Séries iniciais	EJA FUNDAMENTAL II – 6° e 7° ano	EJA FUNDAMENTAL II – 8° e 9° ano
2014	03	04	04
2015	02	04	04
2016	00	03	03
2017	00	02	02
2018	00	02	03

Fonte: o autor

Esses números sozinhos seriam motivo de comemoração, já que indicariam uma redução na desigualdade. Mas, percebemos que inversamente proporcional temos a ampliação das listas de espera por vagas todos os anos e não é possível nem computar seu número por que muitos alunos são dispensados na recepção da escola com a frase “Não temos mais vagas!”.

Essa lista, não corresponde a um documento oficial, pois, trata-se de um instrumento de controle interno que surgiu pela exigência dos próprios alunos para tentar forçar a abertura de novas turmas. Não é possível estabelecer um quantitativo preciso para ela, esses registros apontam que nos últimos anos ela teve um número próximo a 270 alunos para a EJA IV e V.

O fechamento progressivo das turmas de EJA acontece por que os nossos administradores e gestores de escolas públicas levam em consideração apenas os números e índices como o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que costumam ser mais baixos neste público e custo de manutenção, que consideram alto, e não a história e o esforço daquelas pessoas daquela comunidade.

Uma argumentação oficial, do então secretário de educação Guilherme Bellintani (2014-2015) em entrevista publicada no Jornal Correio da Bahia (24/05/2015), através de sua página na Internet, atribui que o alto índice de evasão da EJA se deve ao “golpe” que pessoas dão ao se matricular na rede para contar “com uma série de benefícios, incluindo o pagamento de meia-passagem no SalvadorCard e meia-entrada em cinemas, teatros, shows...”. De fato, muitas matrículas são feitas pensando nesses benefícios, mas “*não se pode curar a doença matando o doente*”.

A EJA apresenta baixos índices de progressão, em torno de 40%. O seu índice de evasão é enorme em torno de 30% e o seu índice de reprovação em torno de 30%, segundo dados apresentados pelo ex-secretário, na referida matéria do jornal. Muitos alunos da EJA não concluem o processo de alfabetização e mesmo assim são aprovados automaticamente, mudando de série, mas permanecendo como entraves nos quantitativos negativos das unidades escolares e secretarias.

No meu entendimento, a EJA não é o problema, mas a consequência de uma educação excludente e de uma sociedade desigual, que não tem sido capaz de incluir a todos levando em consideração suas necessidades e particularidades. Portanto, existe aqui um sinal vermelho que nos pede para repensar a educação básica em sua estrutura e que *expurga para noite os rejeitos do turno do dia*.

2. DO CAMINHO QUE SE CONSTRÓI NO CAMINHAR.

Na tentativa de conhecer, descrever e registrar a trajetória e o próprio trajeto que se apresenta nos valem das diversas tecnologias, que entendemos a partir de Brito e Hetkowsiki (2010, p. 06) como:

[...] processos humanos criativos que envolvem elementos materiais (instrumentos e técnicas) e imateriais (simbólicos e cognitivos) e que se encarnam na linguagem do saber e do fazer dos homens.

A relevância da participação dos seres humanos nesse processo e tudo que por ele foi criado, corresponde a sua trajetória de estabelecimento de memórias e identificações. E a partir desse referencial de tecnologia nortearmos as ações e atividades que carregam consigo a importância de desvelar as identidades dos sujeitos e do próprio lugar agregando a eles um fortalecimento do sentimento de pertença.

Nesse caminho que se constrói ou se descobre coletivamente, nos remete a percepções para qual tivemos o olhar sensibilizado para ver que de outra forma passariam sem a valorização devida. As geotecnologias ajudam a apurar essa visão e dar importância ao que é simples, ao que foi experimentado pelas pessoas, ao que é cotidiano, sem abrir mão dos grandes feitos. E assim nos são apresentadas as geotecnologias como:

[...] a capacidade criativa dos homens, através de técnicas e de situações cognitivas, representar situações espaciais e de localização para melhor compreender a condição humana. Assim, potencializar as tecnologias, significa ampliar as possibilidades criativas do homem, bem como ampliar os “olhares” à exploração de situações cotidianas relacionadas ao espaço geográfico, ao lugar da política, a representação de instancias conhecidas e/ou desconhecidas, a ampliação das experiências e a condição de identificação com o espaço vivido (rua, bairro, cidade, estado, país). BRITO e HETKOWISKI (2010, p. 06)

O conceito de geotecnologia nos remete não só a capacidade de se situar no espaço geográfico valendo-se de sua criatividade, mas, também, de sobreviver nele. Entender onde se vive, quais são os desafios a serem enfrentados e quais as estratégias que podem ser usadas nesse processo. E dentro disso desenvolver uma afirmação positiva de suas identidades tendo no contraponto uma visão crítica à sociedade em que está imerso.

Em nosso caso, já tínhamos uma caminhada nesse processo de valorização de identidade e pertencimento que precede e que ao mesmo tempo estabelece a necessidade de um trabalho mais centrado em estudo formal. Um trabalho que começa com uma disciplina imposta e que caminha para o diálogo e o entendimento da sua importância.

Na organização curricular da EJA, da Rede Municipal de Salvador, existia, até o ano de 2013, uma disciplina, considerada complementar a grade principal que era a Economia Solidária. Essas aulas deveriam ser assumidas pelos professores de História ou Geografia, preferencialmente. E estava definida assim pela Incubadora de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da UFBA, que era responsável pela formação dos professores que iriam trabalhar com essa disciplina:

O Projeto ECOSOL-EJA é resultado de um edital lançado no ano de 2009 por meio de uma parceria entre o Ministério do Trabalho (Secretaria Nacional de Economia Solidária) e o Ministério da Educação (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão), que tem como objetivo o apoio, fomento e disseminação da Economia Solidária articulada com a Educação de Jovens e Adultos. (<http://ites.colivre.net/Site/Projeto7>)

Esses estudos eram considerados por mim como importantes para a melhoria da qualidade de vida dos nossos estudantes já que lhes proporcionavam as noções básicas sobre empreendedorismo, economia doméstica, gestão de pequenos negócios, direitos trabalhistas, cooperação e proteção ao meio ambiente.

Era possível ainda fazer uma parceria com outras disciplinas como matemática, utilizando cálculos, tabelas e até gráficos; Português e redação, confeccionando propagandas para os produtos que eram comercializados e escrevendo as receitas; História, pensando sobre o capitalismo e outros sistemas econômicos Ciências, trabalhando a sustentabilidade e preservação do meio ambiente.

A disciplina também gerava uma identificação entre professores e alunos que por conta da proximidade que ali era estabelecida criava um processo de escuta mútua e empatia.

A partir de 2013, com a mudança no executivo soteropolitano, a disciplina foi extinta e a grade curricular da EJA municipal foi alterada ficando muito mais próxima

ao currículo do diurno. Que em nossa opinião trouxe prejuízo aos estudantes da EJA que tinham na EcoSol a possibilidade de um estudo mais objetivo, mais afinado com o seu dia à dia.

Como ainda existia a possibilidade da disciplina entrar de forma transdisciplinar, como projeto, resolvemos chamar atenção para a necessidade da manutenção da Economia Solidária (EcoSol) que sabíamos ser de fundamental importância para a comunidade escolar da EJA. E nesse sentido, estabelecemos uma atividade com os estudantes do noturno, da Escola Nova do Bairro da Paz, onde construiríamos uma linha do tempo com as imagens das atividades desenvolvidas por nós com os estudantes das turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA), durante o período que atuávamos ali.

Os projetos estavam ligados a área de gastronomia e fabricação de produtos de higiene, fugindo um pouco da tradicional produção de artesanato. Entre outros projetos, poderemos visualizar na tabela abaixo os mais importantes, seus objetivos, transdisciplinaridade e produto final.

TABELA 2 - projetos de economia solidária na Escola Municipal Nova do Bairro da Paz.

Projeto	Objetivo principal	Disciplinas envolvidas	Produto
Tempero da Paz	Identificar possibilidades de alimentação sem uso de produtos artificiais.	Ecosol Ciências Redação	Tempero básico para comercialização
Desperdício Zero	Estabelecer consequências para o uso inadequado de recursos do planeta.	Ecosol Geografia Matemática	Bolo de casca de banana, geleia da casca do maracujá, torta salgada de talos, entre outros.
Tá limpeza	Identificar formas menos poluentes e mais baratas de produtos de limpeza.	Ecosol Ciências Geografia	Produtos de higiene e limpeza sustentáveis para comercialização: desinfetantes, sabonetes decorados, detergentes e sachês perfumados para gavetas.
Minha horta de temperos	Identificar as principais técnicas de construção e cultivo de horta vertical de garrafa pet.	Ecosol Ciências	Horta vertical de temperos de garrafa pet para consumo na escola.

Fonte: o autor.

Para apresentar o pleito de continuidade da disciplina resolvemos organizar uma exposição dos registros fotográficos das atividades desenvolvidas e a levar para SMED, nisso consistia nosso plano. Hoje, temos a percepção da fragilidade e até ingenuidade dessa estratégia.

Na época, meu computador estava em manutenção a espera de uma peça que estava em falta no mercado. Busquei junto a gestão da escola os CD's de backup das imagens que havia deixado para instituição e a resposta foi fulminante: - "A antiga gestora não deixou nada aqui."

Relatei aos alunos a impossibilidade de realizar a atividade naquele momento por falta do material e eles lamentaram a ausência das fotos lembrando as atividades desenvolvidas e vivenciadas por muito deles:

- Aquele tempero era maravilhoso, além de dar um sabor bom as carnes ainda tinha uma embalagem chic.

- Eu lembro do sachê de erva doce. Coloquei na gaveta do meu filho e ficou um cheiro bom. Minhas mãos ficaram com o cheiro da essência por um bom tempo.

- Tenho até hoje a horta de garrafa pet no meu quintal.

- Eu juntava reciclável para vender, depois que aprendi a fazer os desinfetantes só saio para catar no dia que quero, tenho um dinheirinho garantido.

As falas registradas aqui são fragmentos das lembranças de um professor orgulhoso e não pretendem ser fidedignas a realidade. Mais uma vez, eu não possuía registros oficiais, mas despertava a memória e seus significados mais relevantes para mim e para eles.

De algumas atividades conseguimos recuperar as imagens que registraram momentos de produção, descontração, conversas e conhecimento que por certo agregaram a mim e aquelas pessoas empatia, afeto e respeito ao outro, a instituição e ao meio ambiente.

Algumas produções seguem as receitas desenvolvidas pelo Programa Cozinha Brasil, do SESI, em parceria com o Fome Zero que possui como ideia central o aproveitamento total dos alimentos, como cascas, sementes e talos, reduzindo os custos das produções e agregando aos preparos nutrientes e fibras

característicos dessas partes de frutas, leguminosas e verduras. Desta forma, reduziríamos o desperdício e o custo de preparo dessas refeições.

Na unidade escolar é muito comum receber caixas de maracujá para preparação de suco para o lanche. Fiquei impressionado ao ver a quantidade de casca, que iriam para o lixo, após a fruta ser despulpada. Mobilizei a turma e fizemos a geleia, que poderia ser utilizada para incrementar a merenda de biscoito oferecida as crianças do diurno. A surpresa dos alunos com essa possibilidade pode ser percebida nas fotos do mosaico a seguir.

IMAGEM 09 - Produção de geleia da casca de maracujá.



Fonte: o

autor.

O envolvimento de todos independente de idade, profissão ou gênero é expressivo. Ao redor da mesa cortando frutas ou mexendo na panela, no fogão histórias são contadas, vínculos são firmados, planos para o futuro são traçados. Se a cozinha é de fato o melhor ambiente da casa, como dizem, na escola ela é uma sala de aula especial, por que nela conhecemos as pessoas e o seu lugar.

Nesse ambiente de troca, de interação e de aprendizado mútuo entendemos o significado que Boaventura Souza Santos (2010) dá a sua ecologia de saberes e endossamos esse pensamento com a fala de Lévy (1995. P.21)

Como conectar, na verdade, o que você sabe ou pode fazer e o que nós podemos ou sabemos fazer juntos? Em outras palavras, como

fecundar o coletivo perito pelas perícias individuais, ou identidade pela pertinência, como em uma corrente positiva? Desde que o mundo tem uma história, o conjunto das respostas a esta dupla questão se nomeia por cultivo e educação, instrução e pedagogia, formação e aprendizado.

Valorizar os saberes do outro é uma ação que nós professores precisamos colocar como prática no nosso fazer pedagógico. O estudante que tem sua fala/saber valorizada sente-se estimulado a aprender mais. O professor que escuta e aprende com seu aluno sai sempre melhor que entrou da sala de aula.

As pessoas da favela, como todas as pessoas, estão suscetíveis a estímulos externos e a globalização entra ferozmente determinando padrões de consumo e comportamentos. Por isso sempre fui cobrado pelos meus alunos mais jovens para fazer um lanche mais moderno, como *hot dog* ou *hambúrguer*. Sendo o cachorro quente um alimento superprocessado, cheio de corantes e conservantes, não poderia oferecer a eles isso. Tivemos a ideia de fazer um lanche melhor, mas que fosse saudável e barato, daí surge o hambúrguer de soja assado no forno como na imagem a seguir.

IMAGEM 10: Produção de hambúrguer de soja.



Fonte: o autor

Nesta produção, desmistificamos preconceitos e abrimos possibilidades de alimentação de alto valor nutritivo e de baixo custo na sua elaboração.

Nas escolas públicas sofremos do mesmo mal que atinge o seu público, geralmente de baixa renda, que é a falta de recursos. Como poderíamos viabilizar tantos projetos sem verba? De fato, algum dinheiro saiu do meu bolso e outros materiais do depósito da merenda escolar, mas não seria possível produzir assim o tempo todo.

Como parte da disciplina Economia Solidária desenvolvemos um produto para ser comercializado, que fosse de fácil produção, que tivesse baixo custo de confecção e de venda e uma boa comercialização. Daí surge o “Tempero da Paz”, uma mistura de sal, especiarias desidratadas e alho. Conforme figura a seguir:

IMAGEM 11: Confecção do Tempero da Paz.



Fonte: o autor

A confecção e venda do “Tempero da Paz” nos possibilitou alertar nossos alunos quanto ao risco do uso excessivo de temperos prontos industrializados que são carregados em conservantes, corantes, acidulantes, gordura e sódio provocando dano silencioso a nossa saúde. Além disso, esse produto foi o que possibilitou o desenvolvimento de tantos outros através da geração de recursos para investimento e participação em feiras de economia solidária com se vê a seguir nas figuras.

IMAGEM 12: Participação na feira de ECOSOL promovida pela SMED.



Fonte: o autor

As feiras nos traziam oportunidade de interação, integração e partilha de conhecimento com outras unidades pedagógicas. Em exposição no mosaico vemos

no primeiro quadro os alunos no *stand* fazendo demonstração e explicação dos produtos e a venda dos *muffins* de casca de banana, depois a venda de brigadeiro feito de aipim, em seguida a degustação da geleia de maracujá e por último a comercialização do Tempero da Paz.

Outras ações aconteceram na escola como confecção de sabonetes decorados, produção de desinfetante, detergente e desengordurante para limpeza. Criação de *sachês* perfumados para gavetas e a horta vertical de garrafa pet, como veremos nas figuras a seguir.

IMAGEM 13: Horta vertical de temperos, feita de garrafa pet.



Fonte O autor

Muitos desses alunos, principalmente os mais velhos, mal sabiam escrever o próprio nome ou fazer uma operação simples de matemática e por isso acabavam evadindo da escola. O fato de não conseguir ler ou fazer contas não pode determinar a permanência na escola. Durante todo esse processo de produção da Ecosol, onde eles conseguiam executar as tarefas acontecia a instrução, a circulação de informações, o debate político e fortalecimento da cidadania. E se sentindo acolhido e participando, esse aluno, abandonava menos a escola e acabava acompanhando o conteúdo tradicional.

Se pensarmos na disciplina de Economia Solidária como foi concebida pela SMED perceberemos que a crítica que Antônio Nóvoa (2009) faz ao *transbordamento das funções da escola* tem todo sentido. A ideia de se ter uma escola que prioriza a formação do “bom cidadão” – aquele que obedece, que respeita, que defende a pátria -, foi usada em muitos governos de diversos países, em períodos variados. Não é isso que pretendemos.

A disciplina foi imposta pela Secretaria de Educação, mas a forma de trabalhar esses conteúdos se diferenciou pelo caráter transdisciplinar, pela crítica ao sistema econômico/político, que surgia a todo momento das aulas e pela forma de estabelecer um elo de ligação entre o aluno e a escola, evitando a evasão.

Em outro momento, foi recebida da coordenação pedagógica a sugestão de trabalhar na perspectiva dos custos com a compra dos materiais escolares e dos gastos com a sua reposição sensibilizando o alunado para o entendimento de que aquela verba da manutenção deveria ser revertida para a compra de outros equipamentos que poderiam beneficiar aos próprios alunos do noturno e a comunidade em geral.

Aceitamos a tarefa acreditando na importância do tema e percebendo a sua necessidade e urgência, já que é grande a depredação e até mesmo o vandalismo que estão submetidas as escolas públicas, principalmente aquelas que se encontram em bairros populares e que recebem pouca atenção por parte das autoridades competentes, por possuir pouca visibilidade e por estarem inseridas em um contexto onde as carências são muitas, inclusive educacionais.

Mas, subvertendo a ordem preferimos conduzir o trabalho por outros meios trazendo para o aluno a ideia de pertencimento e engajamento despertando e fazendo declarar o afeto e a importância que aquele espaço/lugar escolar tem para eles. O trabalho foi dividido em cinco momentos:

1. Introdução ao tema e explicação da atividade em explanação realizada pelo professor em cada sala. Abordando aí o conceito de patrimônio escolar¹⁹, a importância que possui a escola dentro da comunidade e da necessidade de sua preservação;
2. Foi solicitado a cada aluno que fizesse um pequeno texto contando sua experiência e sentimento em relação a escola para que fossem sendo despertados os primeiros sentimentos sobre o tema;
3. Solicitamos voluntários em cada turma para gravar um vídeo relatando seus sentimentos, história e necessidades sobre a escola, enquanto prédio / espaço físico e lugar de convivência-afeto e de aprendizado;
4. O vídeo foi editado pelo professor fazendo recortes das falas e agrupando-as em temas: a) apresentação do aluno; b) o sentimento por essa escola; c) o sentimento em relação as pessoas que trabalham nessa escola; d) importância da escola para o aluno; e) o sonho do aluno e como essa escola pode ajuda-lo a concretizar;
5. Culminância. Com a edição do filme pronta participamos do encerramento do projeto exibindo o nosso trabalho para todo público da comunidade escolar.

A exibição do trabalho teve uma boa aceitação por parte dos alunos que assistiram com atenção. Não tínhamos a pretensão de causar uma alteração imediata no comportamento, mas de reforçar em alguns um sentimento de

¹⁹ O patrimônio escolar pode ser definido como sendo o conjunto de bens, direitos e obrigações suscetíveis de depreciação econômica obtidos através de compra, doação ou outra forma de aquisição, devidamente identificado e registrado contabilmente. Em outras palavras podemos dizer que o patrimônio escolar é o conjunto de bens móveis e imóveis que formam a parte física e material da escola e que, quando postos em uso, não estão sujeitos a danificações imediatas.

pertencimento e afeto pelo espaço escolar. Acredito que conseguimos atingir os nossos objetivos iniciais, já que o trabalho deverá ter continuidade.

Em outra atividade realizada, foi solicitado aos estudantes que tirassem fotos do bairro, de lugares que gostassem e de lugares que não gostassem. Essas fotos deveriam ser enviadas ao professor utilizando o aplicativo *whatsapp* com pequena explicação sobre a foto e o sentimento em relação a aquele lugar. As fotos chegaram em grande quantidade, aproximadamente 120. Revelei em papel fotográfico todas.

Juntamente com o professor de artes desenhamos o mapa do Bairro da Paz vazado em um painel na parede do varandão da escola. Passamos um filme (série: Cidade dos Homens (2002), episódio 4 da 1ª temporada, Uólace e João Victor) de sensibilização com a temática desigualdade e depois pedimos que aleatoriamente os alunos colassem as fotos onde julgassem que deveriam dentro ou fora do mapa vazado. Como retratado na figura abaixo.

IMAGEM 14 : Fala de alunos sobre a importância do bairro.



Fonte: o autor

A euforia da colagem não disfarçava em nada a reflexão que muitos faziam a respeito do bairro, da escola e de suas vidas, e percebi que vários alunos externaram seus pensamentos aos colegas enquanto colavam as imagens.

Fiz alguns breves comentários sobre a atividade e franqueei a palavra, que para minha surpresa foi disputada por muitos, que trouxeram lembranças, reflexões acerca do papel de cidadão de cada um, cobranças as autoridades competentes e emoções latentes que não foram poupadas.

A partir das identificações de lugares, personagens e situações senti que isso despertou nos alunos a mesma vontade de lutar pelo bairro, como nos primeiros anos de ocupação. Como se aquele espírito revolucionário voltasse à tona. As falas eram fortes e contavam histórias de como o bairro era e tudo que eles haviam conquistado.

Fizeram uma exposição de problemas, que “mancham a imagem do bairro”, como a colocação de lixo em horário e lugar inadequado, da poluição dos riachos e córregos da região, da violência que cerca aquele lugar – tanto do tráfico como da polícia, do barulho provocado por alguns vizinhos e por até gente que “mente violência” para faltar o trabalho. A ideia é fazer do Bairro da Paz um lugar melhor.

Nestas atividades de economia solidária ou trabalhos extraclasse, a roda de conversa é priorizada, diferentemente da sala de aula onde o *papo* é proibido. Ali histórias são contadas não só de caráter coletivo, mas também privado. Lembranças emergem de uma época, de um lugar, de uma dificuldade, de uma alegria. A troca é a regra.

As atividades dão o *start* para ativação das memórias, que de uma forma ou outra são preservadas na cabeça de cada um. Elas podem ser grandes aliadas desse processo por gerar lembranças que surgem espontaneamente, sem nenhum outro tipo de artifício que poderia conduzir a erros ou exageros.

Uma outra questão que surge é como fazer com que essas memórias sejam encontradas no futuro, quando os seus narradores não estejam mais presentes e os estímulos que as geraram não mais produzam efeito? Sinto que as TIC podem ser importantes aliadas para a realização dessa empreitada por conferir autonomia a

informação. O Ciberespaço pode representar um forte aliado na tarefa de preservar as memórias individuais e coletivas. Ele representa uma fonte de poder como define Lévy:

O espaço do novo nomadismo não é o território geográfico nem o das instituições ou dos Estados, mas um espaço invisível dos conhecimentos, dos saberes, das forças de pensamento no seio da qual se manifestam e se alteram as qualidades do ser, os modos de fazer sociedade. Não os organismos do poder, nem as fronteiras disciplinares, nem as estatísticas dos mercados, mas sim o espaço qualitativo, dinâmico, vivo, da humanidade que se inventa ao mesmo tempo que produz o seu mundo. (LÉVY, 1997, p.17)

A partir dessa compreensão podemos estabelecer meios de interação que favorecem uma importante abertura de possibilidades de educação com uma participação política mais ampla ao mesmo tempo. Esse espaço passa a ser de socialização do conhecimento, de comunicação e ativismo político.

E com esta percepção e contribuição encontramos ambiente favorável para continuar a desenvolver o nosso projeto seguindo os caminhos já traçados no GEOTEC, nosso grupo de pesquisa, de forma participativa-colaborativa, por ser uma característica que melhor responde as nossas necessidades. E entendendo esse processo como:

“Pesquisar a experiência” é, certamente, mergulhar no cotidiano daqueles que as vivenciam e na implicação do pesquisador com seu “universo pesquisado”, tornando-se parceiro – e não observador – daqueles com quem dialoga é, sem nenhuma dúvida, uma ação de pesquisa no/do cotidiano (MACEDO, p. 1, 2015)

A ideia de imersão e mobilização das práticas *in loco* buscam aproximar o pesquisador e universidade da comunidade e da escola abrindo espaço para sonhos e projetos futuros e universalizando a academia para aqueles que a viam como um lugar distante e até mesmo impossível. Essa prática nos permite conhecer e viver o cotidiano da escola, entender suas mazelas e aprender com seus valores.

O pesquisador aqui não aparece como um ser dotado de superpoderes ou de porções mágicas capazes de livrar a escola e seus partícipes de todo o mal, mas de integrar-se a ela buscando e experimentando juntos as perspectivas, ações de mudança e também as frustrações. A comunidade e a universidade trabalham como agentes idealizadores e transformadores da realidade da instituição escolar.

Percebemos a necessidade de desenvolver com os alunos algumas atividades educacionais com a intenção de valorizar a memória e identidade do bairro e da escola com a finalidade de atentar para a temática de preservação do patrimônio escolar. Para isso, partimos da investigação social buscando conhecer os atores e lugar que se relacionam.

Ao ouvir e entender a comunidade escolar, e juntos criarmos propositivas de mudanças e enfrentamento as adversidades, teremos como resultado imediato a valorização dos atores daquele espaço de educação. É fundamental chamar a atenção que a maior parte das escolas que compõe a rede municipal de educação encontram-se em áreas socioeconomicamente semelhantes a do Bairro da Paz e, portanto com autoestima muitas vezes comprometida.

Em outra fase do nosso trabalho, convidamos os alunos da EJA da Escola Municipal Nova do Bairro da Paz a integrarem um grupo de debate que teria como finalidade de discutir questões sobre a escola, sobre o bairro e sobre a vida cotidiana. Dentro da nossa programação, além da parte dos temas teóricos para nossas rodas de conversa, estabelecemos uma formação mínima para a manipulação de dispositivos móveis para gravação de vídeos e conteúdo para Internet.

Não houve seleção, quem quis, participou. A ideia era olhar questões referentes ao bairro e a escola de forma crítica e tentar entender como mudar ou o que conservar a partir das percepções deles e usar os recursos digitais para difundir ideias, identidades e insatisfações.

Antes de qualquer coisa, o maior objetivo de todos nessa atividade é a educação, mas, concordando com Paulo Freire(1996), como não há neutralidade no ato de educar a politização dos indivíduos fez parte desse trabalho. Isso por que:

[...] cabe, também, à educação a responsabilidade de abrir as portas da mente e do coração e de apontar horizontes de construção partilhada de sociedades humanas mais humanizadas. (BRANDÃO, 2002, p. 22)

E esse abrir de portas nos colocava também na parte de dentro, nos fazendo participar ainda mais das questões apresentadas por eles. Elaborei uma estrutura mínima, mas conforme a necessidade e interesse do grupo alteramos a nossa

programação inicial. O trabalho foi dividido em duas fases. A primeira parte refere-se a sensibilização e debate sobre o tema e a segunda a capacitação para filmagem e edição de vídeos através de dispositivos móveis.

Em um primeiro momento buscamos sensibilizar os alunos para a questão da parcialidade das informações que nos são apresentadas em nosso dia-a-dia. Conversamos sobre o risco de difundirmos imagens que só retratem a violência ou somente coisas boas.

Exibimos vídeos sobre o bairro e sobre a cidade que encontram-se em sites públicos como *Youtube* e falamos sobre as nossas percepções e sentimentos a respeito deles. Essas eram boas ou ruins a depender da temática e da forma que era abordado pelo produtor do material. Percebemos que além do vídeo ou imagem outros elementos como música ou manchetes alteravam o entendimento do conteúdo apresentado.

Fizemos a experiência de ver dois vídeos iguais, com a temática do Bairro da Paz, com fundos musicais diferentes e descobrimos que apresentamos respostas de sentimentos diferenciados para cada um deles. Foi um dia bem produtivo esse.

Discutimos, dentro dos nossos limites de tempo e formação, sobre a questão dos interesses e ideologias que estão por trás de cada notícia e produção. Falamos e exemplificamos de como é possível manipular uma informação com recortes simples em um vídeo ou imagem. E sem dúvida, uma imagem que chamou muita atenção e suscitou muito debate foi a seguinte:

IMAGEM 15: manipulação de informação em imagens



Fonte <http://www.desajustado.org/2013/10/02/imprensa-imparcialidade-e-liberdade/>

Para criar um impacto maior foi mostrada ao grupo apenas às imagens das extremidades, separadamente, e cada um falou sobre sua percepção do fato e em outro momento a imagem completa. E uma das conclusões que o grupo chegou foi que uma imagem ou vídeo retirada do seu contexto pode gerar uma interpretação equivocada.

Um outro tema abordado foi qual a percepção que a imprensa baiana cria sobre o Bairro da Paz. E a dinâmica utilizada desta vez foi a busca de vídeos no *Youtube*²⁰. Com um computador conectado a internet e projetando em um *datashow* buscamos vídeos relacionados a bairros nobres de Salvador e depois fizemos a mesma busca em relação ao Bairro da Paz. Os resultados foram bem diferentes. Enquanto os vídeos relacionados a Barra ou Itaipara ressaltavam suas belezas, pontos turísticos ou intervenções urbanas, os vídeos do local onde está situada a escola só aparecia assaltos, tráfico de drogas, chacinas...

“Roubaram meu celular no Itaipara”, disse um aluno. “Nunca me assaltaram no Bairro da Paz”, disse outro. As percepções não pararam por aí, eles entenderam que nos dois bairros tem violência e que tem coisas boas também, mas que só dão destaque a violência que acontece nos locais mais populares por que não são desejados ali, como concluiu o aluno Sr. Everaldo: “Fazem isso por que ainda querem tirar a gente daqui, como na época que derrubavam os barracos. Por isso, dizem que a gente não presta”(sic.).

Convidamos, para outra reunião, o presidente da Associação de Moradores, o Sr. Paulo Almeida, que também é mestrando do Gestec, para falar sobre as intervenções positivas que acontecem no bairro. A quantidade de ações positivas que acontecem no Bairro da Paz são muitas e das mais variadas formas. Desde formação profissional de pedreiro, marceneiro, e operador de microcomputador até formação de orquestra da NEOJIBÁ²¹ e curso de balé para crianças. Ficamos todos impressionados.

²⁰ **YouTube** é um site, da **Google**, de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet.

²¹ O NEOJIBA é uma ação da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social da Bahia e sua gestão é realizada pelo Instituto de Ação Social pela Música – IASPM.

Pensamos como seria importante dizer para todo mundo sobre aquelas coisas que o Bairro da Paz tem. Como registrar esse lado do bairro que as pessoas desconhecem ou não querem ver. Como estabelecer uma referência positiva, mas sem mascarar os seus reais problemas. Em nossas reuniões os temas iam sendo discutidos a medida que iam aparecendo, muitas vezes subvertendo a ordem de um planejamento previamente acordado no grupo.

Na segunda etapa que era de formação de técnicas de como gravar vídeos em dispositivo móveis tivemos que resolver dois problemas. A maioria do grupo não possuía um *smartphone* ou se possuía não havia nele condições técnicas que atendesse a necessidade mínima de qualidade. Então, conseguimos 20 tablets emprestados no GESTEC que acabou facilitando muito o trabalho. A outra questão é que precisávamos de alguém que pudesse fazer essa capacitação com um olhar mais técnico. Conseguimos junto ao GEOTEC um colega, prof. Marcus Cordeiro²², que se disponibilizou para fazer essa intervenção.

Trabalhamos técnicas de manipulação do equipamento, linguagens na filmagem, técnicas de filmagem, qualidade de som, importância da luz, técnicas de edição... Fizemos algumas filmagens teste na própria escola e depois assistimos aos vídeos sem nenhuma edição para percebermos erros e acertos.

O sentimento variava entre o “eu sou o cineasta” e o “eu não nasci para isso”. Realmente, algumas filmagens ficaram até boas e outras filmavam pés e teto como nunca antes foram registrados. Tudo isso é entendido como processo de formação e neste aspecto, muito aproveitamos.

Tivemos um total de 12 encontros, sempre as quartas-feiras, das 18 às 19 horas (uma hora antes da aula), mas com um público muito “flutuante”. Como a

O NEOJIBA beneficia mais de 4.600 crianças, adolescentes e jovens em seus Núcleos de Prática Orquestral e Coral e através de ações de extensão, como a Rede de Projetos Orquestrais da Bahia e o Projeto NEOJIBA nos Bairros.

²² Prof. Marcus Cordeiro, é pesquisador do GEOTEC, aluno regular do GESTEC e tem formação e experiência profissional em mídias. Trabalhou em diversas emissoras de televisão da Bahia e foi um dos fundadores do curso de Mídias Sociais, da UNIJORGE.

maioria dos alunos são trabalhadores e vinham da 'rua' direto para escola, muitos atrasavam ou não conseguiam chegar para as reuniões de forma que não havia uma regularidade na composição da turma. Isso dificultou muito nossas atividades, principalmente a formação das questões mais técnicas.

Na parte da teoria sobre as técnicas o entusiasmo baixou muito e as faltas ficaram mais frequentes. Acredito que ter alguém falando de estratégias de filmagem, mesmo sendo professor experiente, mas sem a experiência com o público da EJA, e mesmo com minhas constantes intervenções, fizeram com que os alunos perdessem o fôlego para acompanhar as nossas reuniões.

Outro problema que tivemos refere-se ao período que foi entre setembro e dezembro de 2017, por conta dos muitos feriados e por conta da proximidade com o final do ano letivo muitos alunos abandonaram as reuniões e quem ficou tinha muita dificuldade em realizar a tarefa sozinho e disponibilizar outros horários durante o dia para gravar os vídeos.

A atividade final com vídeos acabou não se concretizando da forma que pensamos, quer por essas questões levantadas anteriormente ou ainda por inabilidade minha em motivá-los corretamente. Mas, não vejo isso com desânimo já que valorizo muito todo o processo e todos os debates e conhecimentos trocados. O caminho não deve ser mais importante que o caminhar e que a percepção e aprendizado pelo "percorrido, ocorrido e incorporado" (Leão, 2016).

Tenho certeza que todo o caminhar dessa atividade, as discussões, as rodas de conversas, as conclusões valeram a pena. Cada fato novo, cada acontecimento, as conquistas e os fracassos contribuíram para desenvolver um conhecimento novo, uma percepção diferente e uma ampliação da consciência.

A ideia da produção dos vídeos roteirizados, gravados e editados por eles, como foi provocado pela nossa banca de qualificação sofreu adaptações para se ajustar a nossa realidade. Tivemos problemas diversos que vão desde a dificuldade de construção de roteiro simples a ausência de equipamentos de captação da imagem. Mas nosso principal aproveitamento foi todo o processo educacional que vivenciamos juntos. E esse é o nosso principal produto.

Parte do material coletado durante as nossas reuniões juntamente com outros vídeos, fotos, reportagens e monografias colecionados sobre o bairro e a Escola Nova do Bairro da Paz compõe o vídeo-memorial que apresentaremos como parte do produto desse trabalho e que será disponibilizado em ambiente virtual.

Também atendendo as sugestões da banca de qualificação, que apontou a existência de muito material de qualidade, propicio a criar uma fonte de pesquisa para a memória e história da unidade escolar e sua comunidade, resolvemos criar um ambiente virtual com todo material coletado. O blog poderá ser acessado pelo endereço eletrônico <http://portalbairrodapaz.blogspot.com.br> .

Essa parte do trabalho está ligada diretamente com o REDEPUB, projeto do grupo de pesquisa GEOTEC - UNEB. Quando da sua criação o projeto já surge com a vocação de abrigar em ambiente virtual memórias, histórias e modelagens gerenciais e formativas das instituições de ensino públicas Salvador, como descrito anteriormente.

A decisão pelo blog, que apesar de ter menos recursos e possibilidades de estruturas diferenciadas, se deve ao fato de que é mais fácil no processo de alimentação de dados, é gratuito e pode ser compartilhado com outros profissionais da escola/comunidade. Essas características favorecem a manutenção do ambiente virtual, mesmo sem a presença desse pesquisador e sem o envolvimento de técnicos especializados e dinheiro para manutenção do domínio e preservação de dados nas “nuvens” virtuais.

O blog contempla uma estrutura simples, amigável, de fácil navegação para o usuário. Nele, serão colecionadas matérias sobre a escola e o Bairro da Paz, textos acadêmicos com a temática de interesse, álbuns de fotos e vídeos de atividades realizadas na unidade escolar, links de websites que contemplem o tema e matérias de jornais (antigas e atuais) sobre o local.

Esse espaço virtual não terá sido considerado finalizado com a defesa desse trabalho. A ideia é continuar as pesquisas e alimentar o blog com informações relevantes sobre o tema a medida que elas forem surgindo. Um outro aspecto interessante é que podemos estabelecer mais pessoas como colaboradores do blog diversificando mais as suas postagens.

A ideia é que com a inserção deste trabalho e outras produções acadêmicas a AGENDA REDEPUB torne-se um ambiente que abrigará as memórias das instituições de ensino públicas de Salvador em diversos outros sites e blogs que comporão uma teia virtual de identidade, pertencimento e memória de educação.

O vídeo-memorial, que, inicialmente, era o nosso único produto passa agora a compor o acervo de materiais colecionados durante a vigência dessa pesquisa. Existem também alterações em sua estrutura, que teria um acabamento profissional produzido por uma empresa especializada, que seria contratada para tal missão, por uma produção amadora.

Não se trata aqui de falta de capricho, mas de uma aproximação com a verdade. Os vídeos produzidos por eles são de improviso, com baixa qualidade técnica, mas cheio de vontade de falar sobre o bairro e a escola. Ao longo desse trabalho, notamos a dificuldade de colher depoimentos dos alunos toda vez que estabelecíamos um aparato mais profissional de vídeos e microfones. Eles ficavam tímidos ou desconfiados e recusavam-se a aparecer ou falar. Nada fluía.

Os depoimentos coletados tinham uma característica de *bate-papo*, de coisa informal e de espontaneidade que confere aos vídeos muito mais credibilidade. Esses foram gravados em diversos momentos, no dia a dia da escola, durante o processo, que era o mais importante para a gente e, se quisesse um material mais profissional, seria muito difícil e caro ter equipe e equipamentos no cotidiano escolar.

Pensamos então em reunir o material coletado por nós e contratar uma empresa apenas para fazer a edição das imagens e conferir uma aparência profissional ao vídeo. Mas, ao reunir o material, a produtora descartou boa parte dos vídeos por não possuir qualidade de áudio e iluminação adequada. Era justamente, o material em que o conteúdo era mais relevante para mim.

Óbvio, que nenhuma produtora de vídeo iria querer assinar tal produção com tão baixa qualidade técnica. Decidi então, fazer a própria edição, abrindo mão das configurações profissionais e transformando o vídeo em um elemento de registro de memória e fala dos alunos e comunidade da Escola Nova do Bairro da Paz.

Os vídeos estão anexados a esse trabalho em um DVD e colocado em espaço virtual apropriado para compor o acervo de memória da Escola Nova do Bairro da Paz.

3. Das identidades, memórias, e pertencimento no Bairro da Paz

3.1 Processo de construção de identidades no Bairro da Paz

Pensar a identidade remete a ramificação complexa que envolve esse conceito passando por seu caráter social, cultural, pessoal ou de auto identificação e sua relação com o sujeito. Não é nossa pretensão “dissecar” todo esse arcabouço conceitual, mas entender a sua importância em relação ao indivíduo, principalmente, aos da periferia e como ele se relaciona com a preservação da memória e contribui com o sentimento de pertença.

O que buscamos valorizar por aqui é a identidade constituída de significados e da experiência dos indivíduos, como aponta Manuel Castells (2008). E isso é extremamente relevante quando o sujeito busca ancorar sua vida em uma autoimagem positiva de significados e valorização frente à sociedade, buscando o seu reconhecimento.

Nesse sentido, concordamos com Stuart Hall (1998) que afirma que as velhas identidades estão em crise e que não servem mais como lastro estabilizador da sociedade, que se encontra em permanente mudança e desenvolve argumentos favoráveis a identidades culturais.

E ainda segundo Castells (2008, p.23), as identidades são fontes de significados e experiências de um povo. Elas são frutos, entre outros, de uma construção social. E como tal, elas também podem ser alteradas conforme mudam as estruturas ao redor do indivíduo ou grupo social. O entendimento dessa premissa nos permite compreender a variação a que essa característica está, por vezes, submetida. Um componente a mais é acrescido por Bauman (2005, p.17 e 18) que trata da identidade em movimento, da não imobilidade dessa característica:

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não tem solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...].

Essa possibilidade de identidade “mutante” está associada ao mundo moderno globalizado em constante deslocamento e nos faz repensar a nossa identidade social, que está relacionada ao sentimento de pertencimento que o sujeito tem em relação a determinados grupos sociais. Ele participa de algumas

categorias amplas como nacionalidade, grupos étnicos e religiosos, que lhe garante alguma identificação de maior permanência, mas que sozinhas não dão conta de criar uma identidade particular. E por vezes, o conceito de identidade confunde-se com o de papel social como nos chama atenção Castells(2008, p.22):

[...].No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto representação quanto na ação social. Isso porque é necessário estabelecer a distinção entre a identidade e o que tradicionalmente os sociólogos têm chamado de papéis, e conjuntos de papéis. Papéis (por exemplo: ser trabalhador, mãe, vizinho, militante socialista, sindicalista, jogador de basquete, frequentador de uma determinada igreja e fumante, ao mesmo tempo) são definidos por normas estruturadas pelas instituições e organizações da sociedade. A importância relativa desses papéis no ato de influenciar o comportamento das pessoas depende de negociações e acordos entre os indivíduos e essas instituições e organizações.

Os papeis sociais, quando agrupados, possuem a importante função de favorecer o entendimento da identidade ou identidades dos atores sociais, mas é a partir do entendimento do lugar que podemos compreender o sujeito. A identidade esteve por muito tempo associada, prioritariamente, ao lugar de origem ou de vivência e esse aspecto acabava sobrepondo-se a todos os outros.

Outra questão importante é o fato de que uma única identificação não dá conta de definir quem somos ou como queremos ser vistos e tratados. Somos plural e singular. Temos que pensar em nossas múltiplas identidades que são o resultado de um somatório de pessoas, de lugares, de instituições e de histórias que não cabem em um único rótulo, mas que nos tornam únicos.

Bauman (2005), amplia esse entendimento para o aspecto cultural como possibilidade de inclusão do indivíduo reunindo as “comunidades fundidas por ideias” na formação de uma outra identidade. E então, concorda com o pensamento de Maplas (1999) nos dá conta que:

[...] não é meramente a identidade humana que está vinculada ao lugar, mas a possibilidade de relacionar-se com o mundo (e, mais especificamente, com os objetos e os eventos que o compõem), refletir sobre o mundo e encontrar-se no mundo. A ideia de um vínculo íntimo entre "o estar no mundo" e a espacialidade se discerne na obra de muitos pensadores.

Com isso destaca-se a importância do lugar como fator de relevância constitutiva da identidade, mas também, a conexão de comportamentos sociais traçando-se um paralelo entre lugar e identidade. Já que possuímos o entendimento de lugar como espaço onde a vida acontece, na dimensão material e imaterial, do vivido e percebido como destaca Santos (1996) . E Segundo Lefévre (1976, p. 25), "o espaço é o locus da reprodução das relações sociais de produção."

Mas o lugar não pode estar desassociado das pessoas e nem vice-versa por que para Santos (1982, p.26):

Uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade.

Ou seja, se o espaço depende do homem, e ele é reflexo e condição da sociedade, então, teremos uma sociedade desigual, se o espaço for desigualmente ocupado. As condições do indivíduo não pode ser analisada sem levar em consideração o espaço em que vive, ele é fator primordial na construção de uma identidade.

Mas em tempos de "autodeclaração" poderemos dizer que a identidade não depende do outro e sim das suas próprias concepções sobre si e seu grupo. Se tudo fosse simples assim era muito fácil, bastava dizer que eu pertencia a tal grupo e a partir dali minha questão identitária estaria resolvida. O problema é que de uma forma ou de outra eu preciso ser aceito, ser reconhecido pelo outro.

E daí surgem questões que expõem o desconforto da auto identificação quando um imigrante, que por êxodo espontâneo ou compulsório, acaba constituindo-se membro de outra comunidade que possui maior afinidade e buscando outras maneiras de ser identificado por que existe o confronto com a visão do outro. Essa situação é muito comum nos tempos atuais.

O reconhecimento de uma identidade pode trazer lucro ou prejuízo para um indivíduo ou coletividade. Conforme sejam percebidas pela sociedade as características e representações estabelecidas passam a definir atitudes e comportamentos da vida de um sujeito ou comunidade. Isso fica visível, de forma clara, quando tratamos de moradores de favelas como nos descreve Nóbrega Júnior (2012, p. 25):

[...] ser identificado como morador de uma favela geralmente significa carregar uma série de estereótipos e preconceitos sobre os ombros. Essas implicações passam, em muitos casos, por ter que esconder o próprio endereço para ampliar as chances de conseguir um emprego, por exemplo. Muito moradores relatam que, quando dizem que moram nas favelas da Maré, pesa sobre eles a desconfiança dos empregadores, o que significa, em muitos casos, ser preterido no mercado.

Ao refletir sobre as questões identitárias na periferia, precisamos pensar inicialmente na identidade negada, na invisibilidade, na negação do pertencimento e da cidadania a que estão submetidos os sujeitos que ali se abrigam. E esta negação está relacionada com os espaços que estes ocupam como nos revela Milton Santos:

O estudo da distribuição da pobreza no espaço supõe que se pesquise a razão pela qual indivíduos dotados das mesmas virtualidades, das mesmas capacidades potenciais, têm “valor” diferente segundo o lugar em que se encontram (SANTOS, 2013. p.162)

Como as pessoas são associadas ao local onde vivem, as características desse lugar, de uma forma geral, passam a constituir o olhar do outro sobre esse morador. Não que isso seja de fato uma verdade, mas no imaginário coletivo se processa dessa forma. E essas muitas representações variam de acordo com os grupos sociais que estão a falar.

Um exemplo desse desencontro de percepção é o Bairro da Paz. Qualquer morador de Salvador diria que se trata de uma localidade extremamente violenta e/ou de extrema pobreza. Um morador local falará que é um bairro tranquilo e bom de se viver, que tem quase tudo por lá.

A reação de uma aluna, quando provocada por uma brincadeira, de intenção de compra da sua casa é reveladora em relação às percepções do local:

- Coloque preço no barraco, que eu compro.
- Minha mansão custa caro. Moro próximo ao shopping. Tenho segurança e escola particular. A clínica médica é minha vizinha e tenho motorista com um carro bem grande em minha porta.

Ela referia-se ao fato de morar em uma casa construída, no centro comercial do bairro, próximo a base da polícia militar, da creche da Santa Casa de Misericórdia,

do posto de saúde da família e ter transporte coletivo na porta. A ironia na fala revela o imenso orgulho que sente por essas conquistas.

Para as pessoas do Bairro da Paz esse sentimento de pertencimento e essa relação positiva com o lugar que vivem são extremamente necessários, visto que durante muito tempo, e ainda hoje, essa região possui uma fama de ser violenta. E isso se dá, em certa medida, por que os programas vespertinos dos principais canais de televisão do Estado da Bahia, que buscam a audiência de qualquer maneira, “vendem” a violência. É a maneira mais fácil de alcançar seus objetivos. Para isso, fazem da guerra do tráfico, que hoje é realidade em quase todos os bairros populares de Salvador, recorte exclusivo, tratando o todo por uma parte.

Percebemos que os moradores do Bairro da Paz desejam e precisam ser lembrados socialmente por outra identidade ou outras identidades. Não a da mídia do espetáculo, da violência e da audiência, mas das características que correspondem à maioria daquela comunidade: de gente honesta, criativa, que trabalha muito e tem sonhos de uma vida melhor.

Para Castells (2008, p.23), do ponto de vista sociológico toda identidade é construída e está relacionada com a história, a geografia, biologia, religiosidade, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais que contribuem, cada um ao seu tempo, com ingredientes que resultam em um somatório identitário.

Segundo Castells (2008, p.23), o processo de construção de identidade ocorre em um contexto marcado por relações de poder e é dividido em relação a sua origem da seguinte forma:

1. Identidade legitimadora - relacionada às instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais.
2. Identidade de resistência - é criada por atores sociais que se encontram em condições desvalorizadas e/ou estigmatizados pela lógica de dominação, criando barreiras para a sua sobrevivência com base em princípios diferentes dos que norteiam as instituições sociais.

3. Identidade de projeto: é construída a partir de materiais culturais para redefinir posições na sociedade, transformando, assim, a estrutura social.

É a partir dessa teoria que constatamos que existem alguns espaços que forjam uma identidade que os diferenciam da visão do senso comum, como por exemplo: a escola e a igreja. Estar vestido com a farda da escola ou carregar uma bíblia na mão estabelece, no entender deles, uma imagem positiva, de uma pessoa de bem ou do bem. Pelo menos para o outro, que pode ser o vizinho, o patrão, a polícia e até mesmo para as pessoas ligadas ao crime. Estabelece-se dessa forma uma identidade que possa trazer o respeito desejado.

Para as meninas o “casamento” (união estável) também é uma forma de proteger-se em uma identidade respeitável. Muitas meninas casam-se nas periferias com 14, 13 e até mesmo com 12 anos para não ter a imagem confundida com reputação social reprovável pela própria comunidade, como é o caso de muitas alunas da EJA.

Por vezes, percebemos também que nessa busca por respeito, alguns alunos, criam uma identidade ligada a violência. Tinha um aluno que dizia em tom de ameaça: “ – *Professor, eu sou bicho solto, sou vida louca. Não tenho nada a perder*” . No entanto, apesar de ser ‘tão perigoso’ assim ele estava na escola todo dia, inclusive nos dias de baixa frequência como as sextas-feiras. Na verdade, ele buscava ser respeitado pela identidade que entendia que era respeitada: a do mundo do crime. Como ele muitos alunos adolescentes agem assim.

Então, existe uma percepção que é a necessidade de agrupamentos a partir desse reconhecimento de características identitárias. Mais precisamente, na identidade de resistência, onde Castells (2008), a identifica como a mais importante forma de construção de identidades da nossa sociedade que gera formas de resistência coletiva diante da opressão em comunas ou comunidades.

Ao longo da história o homem revelou-se dependente dessa associação com outros homens. A organização em sociedade pode ser defendida como uma das mais importantes tecnologias criadas pelo próprio homem. Dos tempos mais remotos até a atualidade viver em sociedade tem sido um desafio e uma necessidade para

todos nós. A organização em grupos sociais além de nos conceder uma identidade trás, sobretudo uma proteção para o indivíduo.

Essa busca de uma identidade coletiva, esse sentimento de pertencimento, fortalece o indivíduo e o torna capaz de enfrentar as dificuldades apresentadas ao longo da sua existência. O sentido de comunidade, de ter em quem se apoiar, de não estar só é fundamental para o homem desde o início da sua história quando se organizavam para caçar ou mais tarde quando tiveram que se politizar para decidir os rumos de sua vida.

Entendemos que foi a organização social e política que proporcionou aos moradores das Malvinas a posse da terra e os benefícios sociais conquistados ao longo dessa trajetória. Sozinhos, individualizados, pouco tempo teriam durado naquele espaço. As entidades educacionais decerto contribuíram para agregar pensamentos e formar alianças. Elas colaboraram em alguma medida para o “desvelamento do mundo”, como sugere Freire (1970, p.79).

As favelas querem ser comunidades, no melhor sentido da palavra, como preconiza Bauman (2003, p.7) produzindo “uma sensação boa”, de “lugar confortável e aconchegante” trazendo sensação de segurança e de acolhimento, de entendimento que ali não há estranhamento entre seus pares e onde as condições são comuns a todos.

Essa ideia de comunidade parece destoar da realidade, do que está posto e do vem a se apresentar, não só nas favelas, mas no mundo globalizado de forma geral. Nesse universo competitivo, de muros altos e cercas eletrificadas que determinam propriedades e proibições. A comunidade aqui entra como uma projeção de futuro, como esperança a ser realizada, como uma identidade a se concretizar.

É o próprio Bauman (2005, p.20), que traz um alerta ao sentido que queremos dar para o que se apresenta como comunidade interligada com a identidade:

Como observou recentemente Eric Hobsbawm, ‘a palavra comunidade, nunca foi utilizada de modo mais indiscriminado e vazio do que nas décadas em que as comunidades no sentido sociológico passaram a ser difíceis de encontrar na vida real’ e comentou que ‘homens e mulheres procuram por grupos a que poderiam pertencer, com certeza e para sempre, num mundo em que tudo se move e se desloca, em que nada é certo’. Jock Young faz uma glosa sucinta e

pungente da observação e comentário de Hobsbawm: 'precisamente quando a comunidade entra em lapso, a identidade é inventada'.

Deste modo, a identidade criada, imaginada, projetada, aparece configurando a comunidade que se pretende pertencer, dando sentido à existência do próprio sujeito. Como sabemos esse processo é contínuo, pois a identidade não é pronta e acabada, é construída, diariamente, através das relações do sujeito. (Hall. 2014, p.16).

3.2 O encontro da memória com as identidades

Essa ideia de construção contínua das identidades nos remete a percepção da própria história como fator relevante para o processo de formação das identificações. É no dia a dia, que o sujeito constrói, ao longo de sua existência, representações e significados para sua vida que lhe atribui diferenças. E é por isso que “a identidade é uma construção que se narra” (Canclini. 2006, p. 129).

A relação entre identidade e história é fundamental para afirmação das identidades. É nela, a memória, que o indivíduo encontra elementos que contribuem para alicerçar o entendimento de quem ele é. Se não há memória, não é possível determinar a identidade. Cada sujeito é diferente por que existem histórias diferentes ao longo de sua vida.

A memória registra de forma imperfeita as nossas experiências, por que ela é seletiva. O esquecimento também é uma necessidade. O próprio Maurice Halbwachs (1968,p.12) defende a ideia de que é necessário “esquecer” algumas coisas para que se possa construir uma história coletiva conciliando com as individuais.

Mas, por vezes, a seletividade é importante para a criação de uma identidade positiva, como no Bairro da Paz que viveu um período onde o tráfico de drogas e a violência dominavam a cena cotidiana de forma ostensiva, mas hoje, esse período não faz parte do relato da maioria dos moradores que lembram a luta da ocupação e pulam para a atualidade com relativa tranquilidade.

Se existe imprecisão nos relatos de memória, então por que estudá-la? A partir da década de 1970, os historiadores da chamada Nova História passaram a se debruçar sobre o tema Memória valorizando mais os relatos advindos da oralidade como fontes históricas importantes para a compreensão dos processos históricos.

Segundo Jacques Le Goff, a memória é a propriedade de conservar certas informações, propriedade que se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas. O estudo da memória passa da Psicologia à Neurofisiologia, com cada aspecto seu interessando a uma ciência diferente, sendo a memória social um dos meios fundamentais para se abordar os problemas do tempo e da História (In: Dicionário de Conceitos Históricos – Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva – Ed. Contexto – São Paulo; 2006)

A memória e os relatos orais passam a ter status de documento histórico e a compor, conjuntamente com outras fontes, a construção da história. Esse tipo de comportamento possibilitou a comunidades, onde a escrita não existia ou não tinha a mesma relevância que tem para nós, o contato com a sua história.

Ainda como define Le Goff (1978, p70):

[...] a memória, tem a propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Nora (1974) corrobora com essa visão ao estabelecer o conceito de ‘Lugares de Memória’, dado no cruzamento do passado real ou imaginário e o sentimento de pertencimento de um grupo específico; a percepção da consciência coletiva sem o detrimento da individualidade e trazendo a memória como constitutivo da identidade.

A história nos remete a um passado longe, distante, impessoal, enquanto a memória tem uma relação com algo vivido, sentido, local. A memória individual é parcial, é seletiva, é passional, mas representa o primeiro dado histórico.

Para Halbwachs (2006), em uma História, existem muitas memórias. E neste sentido, desponta o interesse em constituir uma memória coletiva a partir de relatos individuais, de um olhar, a partir de olhares diversos, para a construção de trajetórias significativas, representativas.

Marc Bloch (2001), outro historiador da Nova História, remete-nos a ideia de valorização de outros olhares da história ao associar essa ao homem, que não se encontra acabado e está suscetível a mudanças, gerando diferentes interpretações para um mesmo fato.

A memória coletiva é uma importante ferramenta de resistência social e fator de preservação de identidade e sobrevivência de comunidades e grupos humanos no tempo. É ainda capaz de resgatar a autoestima, já que propõe a inserção de um sentimento de pertencimento de um indivíduo a um grupo do qual faz parte, fortalecendo-o.

Se a memória pode ser considerada um instrumento de poder por que é através dela que se constitui a história e nos “*permite atualizar impressões ou informações passadas, ou que se representa como passadas*” (Le Goff 2003, p 419) o seu esquecimento também o é na mesma medida para um lado oposto. Por isso não aceitamos a ideia da casualidade no desleixo com o que tratam as memórias das escolas, das comunidades no seu entorno e das pessoas presentes ali.

Quando evocamos as histórias das escolas públicas e comunidades periféricas pretendemos, entre outras coisas, fomentar o resgate social da memória dos indivíduos que, de certo modo, encontram-se marginalizados pela sociedade e não percebem valor nos seus próprios elementos constitutivos.

Uma questão que chama atenção em relação à memória das escolas públicas é que a não sistematização dos seus dados é regra. Alguns projetos institucionais para atender a essa demanda foram criados como ‘Memória da Escola’, em 2012 pelo Governo do Estado da Bahia e ‘Escola, cadê sua história?’ da prefeitura Municipal de Salvador, no ano de 2008, mas não tiveram continuidade e nem aderência por parte das próprias instituições, talvez por não terem sido convencidos da importância do projeto.

Existe uma contradição e até divergências de interesses nessa relação entre ESTADO/POVO/ESCOLA: o Estado deseja um povo passivo, submisso e pouco crítico, mas sustenta a instituição educacional que em ato de rebeldia lança as bases para o ativismo político e libertação. Mas se a memória do lugar não pode ser apagada, por que pertence às pessoas e à sociedade, não se pode dizer a mesma coisa da escola que é pública.

Essa ausência premeditada da memória nas escolas públicas concorre para sustentar o fracasso escolar de muitas crianças da periferia que perdem esse referencial importante, e que, em muitos casos, também não recebem estímulos

adequados para enfrentar a escola como um instrumento de mudança social, como aponta Jessé de Souza (2017, p. 59):

Na família dos excluídos, tudo milita em sentido contrário. Mesmo quando a família é construída com o pai e a mãe juntos, o que é minoria nas famílias pobres, e os pais insistem na via escolar como saída da pobreza, esse estímulo é ambíguo. A criança percebe que a escola pouco fez para mudar o destino de seus pais, por que ela iria ajudar a mudar o seu? Afinal, o exemplo, e não a palavra dita da boca para fora, é o decisivo no aprendizado infantil. A brincadeira de um filho de servente de pedreiro é com o carrinho de mão do pai. O aprendizado afetivo aqui aponta para a formação de um trabalhador manual e desqualificado mais tarde.

Outra situação, é que o que se nomeia como 'memória institucional' das escolas passam, na sua maioria, por dados técnicos, que são importantes constituintes da memória, como: data de fundação, quantidade de salas, equipamentos, quantidade de alunos atendidos, nomes dos gestores,... mas, não dão conta do que a memória tem de mais significativo, que é a vivência das pessoas.

A escola cumpre a tarefa de ser um espaço social importante nos bairros populares e isso é percebido de forma explícita com a manifestação de alunos que pedem aos professores para não serem aprovados, por não desejarem sair dali. E ainda, de relatos como de uma ex-aluna (que não identificarei por questão de privacidade) que levava a filha de 4 anos para escola a noite, depois de ter ido para creche no turno matutino, e para a escola no vespertino, por que não podia deixar a filha sozinha com o marido que abusava da criança e que ela não tinha mais ninguém no mundo para recorrer e portanto só poderia se separar dele quando tivesse um trabalho que viabilizasse o sustento das duas e via na escola o "trampolim" para essa independência.

A escola nas favelas é muito mais que "um espaço privilegiado de aprendizagem", como gostam de definir alguns pedagogos. É um lugar de poder e de empoderamento. Quando a comunidade se apropria da escola e de sua história, ela se associa a essa força e passa a exercê-la na sociedade.

A ideia de valorizar a memória como forma de estabelecer o vínculo de identidade, de tirar as pessoas do 'arquivo morto', de gerar uma relação de

pertencimento não é nova, Nora (1974) estabelece o conceito de Lugar de Memória condizente com a perspectiva da História Nova. A escola é esse espaço da memória, da identidade e do pertencimento.

3.3 O sentimento de pertencimento na invisibilidade

A invisibilidade das classes populares no Brasil é o produto principal de uma “interpretação do Brasil” que logrou institucionalizar-se e incorporar-se em todo brasileiro como uma “segunda natureza”, sobre a qual não mais se reflete e que não mais se questiona. Essa teoria é a tese do “patrimonialismo estatal”.

(SOUZA, 2011. P. 33)

Combater a invisibilidade das camadas populares do Brasil não é tarefa fácil por que a naturalização das desigualdades é coisa que aprendemos desde cedo. E a invisibilidade do sujeito é prática cotidiana. Quando falamos das camadas populares corremos sempre o risco de falar de uma realidade que conhecemos pouco.

A invisibilidade carrega em si o sentimento de não pertencimento. Se o sujeito percebe-se invisível para a sociedade ele não consegue desenvolver um sentimento de pertença a esse grupo. Se ele é aleijado da sua cidadania ele passa a sofrer com um processo de *desfiliação social* como define Robert Castel (2005).

E é no sentido de tentar reverter ou minimizar esse processo que conduz a uma condição de vulnerabilidade social que se faz necessário combater a invisibilidade a que são submetidos determinados grupos da sociedade em nossa nação. Grupos que apesar de geograficamente perto são submetidos à distância da nossa indiferença e até mesmo ao desejo do seu desaparecimento.

Neste ponto, a nossa pesquisa se aproxima de uma comunidade que se percebe invisível socialmente no comparativo com o que se apresenta nessa cidade imaginada em que se situa e tenta aproximar parte desse Brasil distante, desconhecido e até mesmo assustador, mesmo percebendo que a distância não é o fator dessa distinção.

O Bairro da Paz está é um Brasil profundo, desconhecido e invisível. Um lugar que está distante da superfície ou do superficial, e que é complexo, é intenso, é enorme e está na entranha do próprio país. Gera espanto, curiosidade, surpresa e

medo para os que não o conhecem. Por vezes, é revelado de forma surpreendente em matérias dos diversos meios midiáticos ao divulgar notícias de manifestações, conflitos, desastres ou estatísticas.

Nesse tipo de lugar, as regras, o código de conduta, a moral e as leis são próprias. A justiça só chega quando o confronto acontece com o que chamamos de “civilização”. Sua cultura é discriminada e rejeitada pela sociedade em geral. Sua organização social segue uma lógica própria e enquanto for invisível não será contestada pelos chamados “cidadãos de bem”, que estão em uma parte privilegiada da cidade.

Um exemplo que chama atenção e causa espanto nas camadas médias e altas da sociedade brasileira é o fato de que, segundo levantamento recente do Banco Mundial em estudo intitulado “Fechando a Brecha: Melhorando as Leis de Proteção à Mulher contra a Violência”, o Brasil é o primeiro da América Latina e quarto do mundo em casamentos infantis. Expondo meninas a violência doméstica e a evasão escolar.

Apesar de a pesquisa considerar casamento infantil como os matrimônios contraídos antes da idade legal de 18 anos, podemos perceber que nas periferias brasileiras essa idade é bem inferior chegando, tranquilamente, aos 12 anos de idade.

Quando comecei a docência em escola pública de baixa renda, em turmas de 5ª série / 6º ano, me deparei com uma aluna grávida, ela tinha 12 anos. Perguntei sobre o namorado dela e ela disse que ele tinha 21 anos. Perguntei se eles não se preveniram usando camisinha ou outro tipo de contra-ceptivo e a resposta foi assustadora para mim: ‘A gente usava camisinha sim, mas já estou com ele a 2 anos e gosto tanto dele que queria ter uma “lembrancinha” dele por isso eu liberei.’

Com o tempo, e em outras instituições públicas, vi tantas vezes essa situação se repetir. No Bairro da Paz, trabalhando com alunos da EJA, recebo meninas de 16 a 19 anos que voltaram a estudar depois do segundo ou terceiro filho. Confrontando essa situação com a de outros jovens, de mesma idade, que atendo em escola particular percebo quão disparees são essas realidades inseridas em uma única cidade.

O que na “superfície” da nossa sociedade poderia ser chamado de pedofilia e gerar indignação, processo e prisão para os maiores envolvidos, em determinados lugares do Brasil profundo essa situação é vista como uma solução para a pobreza, aceito e desejado pelas famílias que tem menos uma “boca” para alimentar e o encaminhamento de uma filha para o casamento, conferindo-lhe o status de respeitável e centrada, no entendimento deles.

A vacância do Estado abre as portas para o ilícito, para a violência e aproveitadores de diversos setores sociais. Mas as favelas não são só violência e abandono, são isso também. Elas possuem características particulares apesar de um olhar homogeneizante da sociedade. Parecem, para alguns, lugares distantes apesar de geograficamente perto. A invisibilidade das pessoas, das culturas e saberes dessas regiões contrastam com o holofote que é colocado quando o assunto é o ilícito e a violência distanciando ainda mais os bairros populares da cidade.

Entendemos como periferia não só o distante, mas o que está apartado da dignidade que deveria oferecer o poder a todo cidadão. Assim como o Bairro da Paz encontra-se em área “nobre” da cidade, revelando o traço excêntrico de sua formação, outras favelas/invasões, em Salvador, estão plantadas em áreas destinadas a seletos públicos, como, por exemplo, a favela da Roça da Sabina, na Av. Centenário; Cai Duro, no STIEP; a invasão da Polêmica, na Avenida ACM; o Calabar, em Ondina; a Chapada do Rio Vermelho, no Rio Vermelho...

Sabemos que, por vezes, eles não gostam do termo favela, por que os remetem a tudo a que desejam afastar. A expressão favelado é comumente usada como ofensa, como forma de diminuir, de espinaftrar e de determinar um lugar social que ninguém quer pertencer. Para os moradores das periferias o termo comunidade soa melhor e remete-nos a definição de Bauman (2001, p.7 e 8):

Ela sugere uma coisa boa: o que quer que “comunidade” signifique é bom “ter uma comunidade”, “estar em uma comunidade”. [...]

[...]. Comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto sob o qual nos abrigamos da chuva pesada, como uma lareira diante da qual esquentamos as mãos num dia gelado. [...] Aqui na comunidade podemos relaxar – estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros [...]. Numa

comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós.

Essa concepção idealizada de comunidade pelo autor nos remete a um desejo, a uma projeção de um futuro, a um lugar idealizado. Imaginando que esse lugar exista no atual mundo globalizado e capitalista é para lá que queremos ir. Não dá para trocar uma comunidade(idealizado) por uma favela (real).

Mas, nós não concebemos o termo *favela* como pejorativo. Setores dominantes da sociedade e alguns moradores, que assimilaram a ideologia do desenvolvimento, estabeleceram termos que em si pretendem invisibilizar os problemas e pessoas e substituindo aquela expressão cheia de significado por: 'bairros populares', 'comunidades' ou de forma técnica 'aglomerados subnormais' (IBGE), escondendo as mazelas ainda existentes e que urgem por atenção governamental. Favela é resistência, é luta e trabalho.

Para o IBGE (2010), os 'aglomerados subnormais' são conjuntos constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características a seguir:

- irregularidade das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes.
- carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública).

Além disso, são apontados problemas como: construções em áreas de intenso aclive e declive; ausência de espaçamentos mínimos entre construções; predomínio de um único pavimento na maioria das construções e estabelecimento, em grande parte, em regiões metropolitanas.

E ainda o IBGE (2010), diz que a Região Metropolitana de Salvador, que dos 3.564.343 habitantes residentes, possui 931.662 de moradores de aglomerados subnormais, revelando o expressivo contingente dessa parcela da população.

No imaginário coletivo a desconstrução negativa da expressão favela vem acontecendo nos movimentos populares que conscientizam e chamam o povo para luta e para resistência, principalmente entre os mais jovens, através de movimentos

como, por exemplo, do RAP e Pagode através dos refrãos de suas músicas. Grandes mestres da MPB já buscavam chamar atenção do valor das favelas e sua gente. Alguns exemplos como: A voz do morro – Cartola; O morro não tem vez -Tom Jobim; Gente humilde- Chico Buarque, Favela (1939) Carlos Galhardo, entre tantas. Essa luta não é nova, mas se renova com os novos compositores:

A favela, nunca foi reduto de marginal / A favela, nunca foi reduto de marginal / Ela só tem gente humilde marginalizada / e essa verdade não sai no jornal.

A favela é, um problema social. (Eu sou favela -Bezerra da Silva)

Meu nome é favela/ É do povo do gueto a minha raíz / Becos e vielas / Eu encanto e canto uma história feliz / De humildade verdadeira / Gente simples de primeira. (Meu nome é favela - Rafael Delgado e Arlindo Cruz)

Favela / É reduto de poetas / Entre becos e vielas/ [...]. Favela / Quem te conhece por dentro / Sabe do teu sofrimento / Ao romper da madrugada.

Mas só quem vive na minha favela / É capaz de enxergar aquarela / Do arco - íris à Oitava Cor. Enquanto o menino trabalha debaixo do sol no farol /Sonhando ser craque de futebol. (Filhos da favela – Pagode 27 e Criolo)

E brilhar na linda tela “Favela ê Favela / Favela, eu sou Favela / Favela ê Favela/ Respeite o povo que vem dela. “ (Favela - Leo Santana – Parangolé)

Amigo, eu moro na favela, sim, senhor. /Não tenho vergonha de lá viver./ Nós somos pobres, mas também temos direito./ De ser um povo satisfeito e sem sofrer.” (Rap da favela – Renato e Naldinho)

Essas letras revelam que a favela além de ter que criar formas para sobreviver diante de tudo que lhe foi negado, em bens sociais e materiais, tem uma outra luta, que possui o mesmo sentido, que é a da não invisibilidade. E nesse sentido a cultura produzida por lá cumpre bem esse papel. A favela tem sido uma grande produtora de talentos e de arte, que em determinados momentos é rejeitada pelas elites e em outros são cooptados por elas.

O Bairro da Paz possui um leque cultural diverso e faz questão de ser reconhecido por isso. Através dos seus inúmeros sites, blogs e canais do *Youtube* tenta apresentar à sociedade baiana e as pessoas do próprio bairro aquilo que não passa nos programas sensacionalistas que vedem a violência e o preconceito.

Exemplo disso são o Jornal Comunitário e o Bairro da Paz News, páginas do Facebook, criadas para funcionar como um jornal para toda comunidade informando-os dos fatos ligados ao bairro, das atividades culturais e oportunidades de formação e trabalho para moradores, mostrar os talentos artísticos, buscar soluções para os problemas diários, ser um espaço comunitário de troca de informações e experiências, como se autodefinem.

Uma outra importante ferramenta comunitária é a Escola de Informática e Cidadania do Bairro da Paz, que já funciona há 12 anos, mantida pela Santa Casa da Bahia, no Programa Avançar, oferecendo gratuitamente a crianças, jovens e adultos cursos nas áreas de informática, de artes e de manutenção em computadores. Essa instituição atende mais de 260 alunos por semestre.

Na sede do Avançar é possível se inscrever no concorrido curso de ballet clássico, que atende em média 80 crianças e adolescente por semestre. A Gerente de Ação Social da Santa Casa da Bahia, Lícia Valente, afirma que se tivesse mais 200 vagas para o ballet, ainda teria fila de espera.

Uma marca cultural do Bairro da Paz é a capoeira, que tem como sua principal referência o Mestre Paulo dos Anjos, primeiro educador-social da comunidade, que por reconhecimento nomeia a escola estadual do bairro. Um dos principais grupos é a Capoeira Anjos de Angola.

Ainda é possível citar cursinhos pré-vestibulares, cursos profissionalizantes, arte terapia, grupos musicais (NEOJIBÁ) e tantos outros movimentos presentes revelando a vontade de aprender e de se expressar que existe na população desse bairro que passa despercebido dos olhares de quem vive nessa cidade.

Todos esses projetos estão representados na percepção do ser, do pertencer, no querer fazer parte. Eles aproximam essas pessoas de uma vida idealizada do lado de cá do Brasil superficial. Mas, o que torna o Brasil profundo distante do Estado Brasileiro é a indiferença a que ele se encontra submetido por parte dos seus representantes legais ou da sua elite econômica. Como se a invisibilidade imposta por essas camadas hegemônicas fizessem todos os problemas sociais desaparecerem.

E é neste sentido que o desenvolvimento das nossas atividades e produções buscam contribuir para dar visibilidade a essa comunidade e todas as suas produções, reforçar sua identidade e ampliar o sentimento de pertencimento com a exposição de suas memórias e histórias.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fiquei a imaginar o tamanho da arrogância que uma pessoa pode ter ao iniciar um trabalho de pesquisa aplicada. Quando do principio dos estudos do mestrado dizia em todas as apresentações que a minha principal ideia era que *“através desse trabalho eu pretendo dar voz aos meus alunos do Bairro da Paz”*. Como se diz aqui no jargão popular na Bahia *“sabe de nada inocente!”*.

O Bairro da Paz é uma comunidade que tem voz própria, sempre teve, e que agora me cede texto para que eu fale. Aprendi muito com os meus alunos, aprendi muito com a comunidade. Cresci enquanto profissional, sou um professor melhor.

O trabalho não foi fácil e nem está concluído, longe disso. Foi também igualmente complicado estabelecer o início, já que vinha atuando nessa comunidade, trabalhando com memória, pertencimento e identidade antes mesmo de iniciar os estudos do mestrado.

As atividades de Economia Solidária, que realizava antes do GESTEC, me permitiram ter um contato mais próximo dos meus alunos e da sua comunidade. Percebia o quão orgulhosos de si ficavam quando eram estimulados a produzir ou quando obtinham êxito com a venda dos produtos. Os elogios as nossas produções em Feiras de ECOSOL estabeleciam um acréscimo de estima naquela gente.

Em nossos momentos de produção, sempre aconteciam rodas de conversas espontâneas onde as memórias e histórias do bairro apareciam e se misturavam as histórias pessoais de lutas e conquistas. E aquela identidade que antes lhes causavam vergonha e constrangimento começava a aparecer como motivo de orgulho. O grupo se fortalecia no próprio grupo.

Essas produções, muitas vezes, traziam resultados mais palpáveis do que estima e orgulho. Em diversas oportunidades vi meus alunos estabelecendo formas de complementação de renda com os ensinamentos que partilhamos. Em outros momentos, vi a aplicação dos temas de ECOSOL colaborando para tornar disciplinas que antes eram distantes deles, como matemática e ciências, mais próximas do cotidiano de cada um. Isso muitas vezes foi externado por eles.

As atividades realizadas geraram outra coisa interessante que foi a transmissão das histórias do bairro dos mais velhos para os mais novos, que só era possível por que na EJA as turmas são formadas com gente de muitas idades. No cotidiano, esses jovens não costumam dialogar com os mais velhos, principalmente, sobre essas memórias da comunidade.

Uma característica maior daquela comunidade é a mobilização. Os mais velhos tentam deixar isso como legado aos novos e perceberam no nosso trabalho uma forma de despertar nos jovens a ideia de que os primeiros moradores conquistaram muita coisa, mas não conquistaram tudo e que ainda há muito a fazer e lutar. Em várias falas coletadas em atividades diversas eles deixam isso de forma muito clara.

A comunidade luta para não sucumbir diante da expansão imobiliária dos condomínios de classe média que agora invadem a invasão. Alguns conseguiram entender que só criando “um amor” pelo bairro (aqui a gente chama de sentimento de pertença) podem manter-se unidos e não se deixar levar por “qualquer dinheiro” para vender sua casa.

Em todos os momentos é perceptível que existe muito orgulho do bairro e da sua história. Eles tentam reproduzir os casos como um mantra, uma forma de se convencer dos seus heróis e não deixar cair no esquecimento a sua coragem e determinação. Nosso trabalho, de certa forma, colaborou com a reprodução desse sentimento e percepção.

Durante todo processo as memórias eram evocadas e eram estimuladas a fazer-se presente e como um novelo de lã quanto mais se puxava mais linha aparecia, uma história puxava outra. E aquelas aulas podiam durar mais que o tempo regulamentar que ninguém se incomodava.

Trabalhar com memória nos oportuniza entender a diversidade e a complexidade do ser humano. A história oral nos remete a particularidades que são importantes para cada indivíduo. O saber ouvir e o exercício da observação tem que ser treinado cotidianamente no pesquisador.

O trabalho com memória ainda contribui com a percepção de uma identidade positiva e leva os indivíduos a quererem afirmar essa identidade. Não que as

peças do Bairro da Paz já não possuam autoestima, mas possibilita reforçar essa corrente do bem.

A percepção de uma identidade diferente daquela que existe no senso comum ou propagada nos meios de comunicação tem que ser afirmada cotidianamente e acredito que esse trabalho colaborou nesse sentido. Em diversos momentos isso ficou perceptível.

As muitas fases do trabalho me fizeram ter sensações diferentes. Em alguns momentos boas, como se fosse uma espécie de super-herói. Em outros, tive uma sensação de culpa, como se estivesse me aproveitando da comunidade para atender minhas próprias demandas. E por fim, uma percepção de incapacidade quando as coisas não funcionaram da forma que imaginei. Acho que todos esses sentimentos são verdadeiros quando se trabalha com pesquisa aplicada e implicada com a participação de diversos sujeitos.

As primeiras atividades com coletas de fotos e vídeos e a exposição desses materiais, funcionou perfeitamente. Os arquivos coletados e enviados pelos alunos eram de uma riqueza muito grande e a sua participação na dinâmica com falas seguras e de forte teor político me fizeram sentir mais responsável ainda por aquela comunidade.

Durante todo processo da atividade de capacitação para criação de vídeos que revelassem o Bairro da Paz, fiquei inseguro em relação ao trabalho. Senti-me culpado por não conseguir motivá-los para frequentar as nossas reuniões de forma regular. Mas alguns fatores amenizam essa culpa. O horário que era possível (das 18 às 19h) demandava deles um esforço imenso para vencer o trabalho, o transporte público e o cansaço de um dia que ainda não havia terminado.

Outra questão que é importante notar é que meus alunos encontram-se, em diversas fases do processo de aprendizagem. Alguns mais avançados e outros, ainda sem o conhecimento mais rudimentar da leitura e escrita. Essa diversidade no processo de educação trouxe dificuldade na condução do trabalho e conciliação de interesses entre eles.

Registrar esse processo, também não foi fácil por que, por vezes, nos deparávamos com limitações técnicas. O nosso equipamento era extremamente amador e o meu entendimento sobre técnicas de gravação e filmagem é limitado. Busquei conhecimento com amigos e na Internet sobre o tema, mas ainda assim só peguei as noções rudimentares de gravação.

Outras vezes, conseguimos estabelecer diálogos interessantes, mas os barulhos dentro da escola e as condições de iluminação deixavam as gravações com tão baixa qualidade que nem pude aproveitar. Conclui que escola não é estúdio de televisão.

A ideia de contratar uma produtora para fazer um documentário esbarrou em três pontos: 1- a voz que queria dar eram aos moradores e estudantes do Bairro da Paz e não a um produtor que teria que ter imagem e áudio “limpos” . 2- a memória que queria preservar nem sempre me avisava que ia se apresentar e algumas filmagens foram feitas no total improvisado e sem os equipamentos necessários. 3 – o pessoal dos bairros populares não tem uma relação muito boa com câmeras, eles sempre acham que aquela filmagem vai lhes trazer algum tipo de prejuízo (talvez por que essa seja uma experiência real em relação à mídia baiana).

Fizemos então os registros da forma que foi possível, com fotos e filmagens improvisadas, muitas vezes usando celulares. A edição também é amadora, mas feita com capricho. Tenho certeza que não registrei tudo o que vi e vivi, principalmente, nesses dois últimos anos em ambiente digital, mas carrego comigo outras tantas histórias e memórias que poderemos tornar público com o tempo.

Essa sensação de incompletude do trabalho me fez avaliar que era necessário continuar a coleta e divulgação das informações, memórias e histórias sobre a escola e o bairro. E atendendo a necessidade de difundir as memórias colecionadas surge a ideia do site, que estará ligado ao AGENDA REDEPUB.

A decisão foi pelo blog, que não tem custos e é de fácil manipulação. Essa ferramenta vai ser de fundamental importância para divulgar as nossas produções, as notícias veiculadas em jornais e tudo que for relevante para contribuir com a identidade e sentimento de pertencimento da comunidade.

A percepção é que saímos todos fortalecidos desse trabalho e animados para dar continuidade as atividades que ainda serão propostas. A partir desse momento, os trabalhos realizados e os que estão por vir encontrarão lugar de visibilidade no espaço virtual. É meu desejo que essa visibilidade não seja apenas das atividades realizadas na Escola Municipal Nova do Bairro da Paz, mas que seja dessa comunidade que luta e merece mais cidadania.

REFERENCIAS

AÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **O Alfabetismo juvenil: inserção educacional, cultural e profissional**. Inaf – Indicador de Alfabetismo Funcional. Estudo especial sobre alfabetismo e mundo do trabalho. 2016. Disponível em http://acaoeducativa.org.br/wp-content/uploads/2016/09/INAFEstudosEspeciais_2016_Letramento_e_Mundo_do_Trabalho.pdf . Acessado em 13/06/2017.

ALCANTARA, Débora Menezes. **Das Malvinas ao Bairro da Paz**. 2005, 137 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Comunicação, UFBA. Salvador, 2005.

ALVES, Nilda. **A narrativa como método na história do cotidiano escolar**. Disponível em: www.bibliotecadomuniopublico.com.br. Acessado em 13/06/2017.

BLOCH, MARC. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**; Trad: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. BESSI, Vânia Gisele. GRISCI, Carmem Ligia.

----- . **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

----- . **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. **Os arquivos escolares como fonte para a história da educação**. Revista Brasileira de História da Educação n° 10 jul./dez. 2005. P 193 – 220.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Col. Primeiros Passos).

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996.

BRITO, F. J. O.. **Tessituras teórico-metodológicas para a pesquisa em educação na contemporaneidade: fractais GEOTEC**. In: Tânia Maria Hetkowski; Maria Altina Ramos. (Org.). Tecnologias e processos inovadores na educação. 1ed. Curitiba: CRV, 2016, v., p. 15-47.

BRITO, F. J. O.; HETKOWSKI, T. M. **Geotecnologias: possibilidades de inclusão sócio-espacial**. In.: BONETI, L. W.; ALMEIDA, N. P.; HETKOWSKI, T. M. Inclusão social: da teoria à prática. Curitiba, PR: Imprensa Oficial, 2010.

CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006

CARROLO, Carlos. **Formação e identidade profissional dos professores**. In: ESTRELA, Maria Teresa (org). Viver e construir a profissão. Porto: Porto Editora, 1997. p.22-50.

CARVALHO, IMM., and PEREIRA, GC., orgs. **Como anda Salvador e sua região metropolitana** [online]. 2nd. ed. rev. and enl. Salvador: EDUFBA, 2008. 228 p. ISBN 85-232-0393-1. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acessado em : 9/06/2017

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

----- **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984

CORREIA, Marcelo Amorim e LAGE, Creuza Santos. **Bairro da Paz: Da sobrevivência à resistência**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. USP, Departamento de Geografia, 20-26 de março de 2005. Disponível: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapoblacion/13.pdf> Acessado em 19/06/2017

CORREIA, Marcelo Amorim, **A (re)produção de Mussurunga e do Bairro da Paz na Avenida Luís Viana Filho (Paralela), Salvador-BA**. Salvador, 2007. 153 f. : il. + Anexos. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/17802>. Acessado em 19/06/2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

----- **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

----- **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2008

-----; ROMÃO, José Eustáquio. (Orgs.). **Educação de Jovens e Adultos – Teoria, Prática e Proposta**. 12. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

GARCIA, Ricardo Silva. **Portal REDEPUB: história das escolas da rede pública do Estado da Bahia. Trabalho de Conclusão de Curso**. Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação da Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2013.

GONÇALVES, Ana Beatriz Rodrigues e NASCIMENTO, Denise Aparecida do. **Favela, espaço e sujeito: uma relação conflituosa**. IPOTESI, JUIZ DE FORA, v.15, n.2, p. 51-62, jul./dez. 2011. Disponível em

<<http://www.ufjf.br/revistaipotese/files/2011/05/8-Favela-esp%C3%A7o-e-sujeito-ipotese-152.pdf>> Acessado em 13/06/2017.

GUTIÉRREZ, Antônio Garcia. **Cientificamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia**. TransInformação, Campinas, 18(2):103-112, maio/ago., 2006. Disponível em < <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/672>> Acessado em 13/06/2017.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **A questão multicultural**. In. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

----- **Identidade cultural na pós – modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HETKOWSKI, Tânia Maria. **Práticas pedagógicas inovadoras e TIC: Uma parceria entre Universidade e rede pública de ensino**. Disponível em http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro4/27.%20PR%C3%81TICAS%20PEDAG%C3%93GICAS%20INOVADORAS%20E%20TIC_.pdf , acessado em 13/06/2017.

HITA, Maria Gabriela e DUCCINI, Luciana. **Da Guerra à Paz: o nascimento de um ator social no contexto da “nova pobreza” urbana em Salvador da Bahia**. CADERNO CRH, Salvador, v. 20, n. 50, p. 281-297, Maio/Ago. 2007 Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v20n50/v20n50a07.pdf>> acessado 13/06/2017.

HITA, Maria Gabriela e GLEDHILL, John E. **Antropologia na análise de situações periféricas urbanas**. Cad. Metrop., São Paulo, v. 12, n. 23, pp. 189-209, jan/jun 2010. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/5930> Acessado em 13/06/2017.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010: **Aglomerados subnormais – primeiros resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011b. Disponível em: <<http://goo.gl/BpRkcl>>.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: Contexto, 2004.

LEÃO, José Antônio Carneiro. **Trilhas do Belo na Corpografia de Dinâmicas Socioculturais em Iगतu**. 2016.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LE GOFF, Jacques et al. **A nova história**. Tradução Ana Maria Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

----- . **História e memória.** Campinas: Ed. Unicamp, 1994.

LÉVY, P. **O Que é o Virtual?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

----- . **A Inteligência Coletiva: por uma antropologia do ciberespaço,** São Paulo: Edições Loyola, 1998a.

----- . **Cibercultura,** Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Pesquisar a Experiência: Compreender/Mediar Saberes Experienciais.** Curitiba: CRV, 2015.

MATOS, Ana Cristina e DANTAS, Raymundo. **Comunidade do Bairro da Paz: uma experiência brasileira de combate à pobreza.** Revista Angolana de Sociologia [Online], 9 |. Disponível em. URL : <http://ras.revues.org/481> ; Acessado em 19/06/2017.

MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica, uma antropologia renovada.** Rio de Janeiro: DP& A, 2004.

NASCIMENTO, Fabiana Santos. **Potencialidades da Educação Cartográfica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: a importância da formação de professores.** Salvador, UNEB, 2010 (monografia).

NÓBREGA JÚNIOR, Edson Diniz. **Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda / Edson Diniz Nóbrega Júnior; Marcelo Castro e Silva Belfort; Paula Ribeiro.** – Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2012.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História. São Paulo, n.10, dez. 1993, p.7-28.1974.

ORWELL, George. **1984.** São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

PINSKY, Jaime; PINSKY Carla Bassanezi. **Por uma História prazerosa e consequente.** In: KARNAL, Leandro (Org.) História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2004, p. 17 - 36.

SANTANA, Dorival Aparecido de. **A escola como lugar de memórias e de identidades: um estudo a partir de escritos de alunos do ensino médio do Colégio E. N. S. de Lourdes** – Londrina/PR.2013-2014. 2016. 332 fls. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa & Maria Paula Meneses (org.). **Políticas para quem? 2010, Epistemologias do Sul,** São Paulo, Cortez

SANTOS, Milton (2000) - **O Papel Ativo da Geografia: um manifesto.** Revista Território, 9:103-109, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

-----, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões** / Milton Santos; organizado por Elisiane da Silva; Gervásio Rodrigo Neves; Liana Bach Martins. – Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v.3)

-----, Milton. **Da totalidade ao lugar**. 2reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

-----, Milton. **Pobreza urbana**. – 3.ed., 1. reimpr. 1.edição de 1978 – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Tarsis de Carvalho. **Sobre a égide da memória: as tecnologias da informação e comunicação na preservação da história das escolas da Rede Pública de Ensino** / Tarsis de Carvalho Santos. – Salvador, 2016. 111f.

SANTOS, T. C. ; CORREIA, S. L. C. P. . **GEOTEC e REDEPUB: Uma Colaboração Entre as Escolas da Rede Pública de Ensino de Salvador e a Universidade**. In: IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão, 2015, Rio de Janeiro. Anais Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: didática e avaliação. Rio de Janeiro: Realize Editora, 2015.

----- . **RedePub: Processos Tecnológicos e Inovadores à valorização das Histórias e Memórias das Escolas da Rede Pública de Salvador/Ba**. In: XIIIº Congresso Nacional de Educação, 2017, Curitiba. XIIIº Congresso Nacional de Educação, 2017.

SILVA, Jailson de Souza e (ORG.). **O que é favela, afinal?** Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique; **Dicionário de conceitos históricos**: São Paulo, 2006.

SOARES, Antonio Mateus de C. **Cidade revelada: pobreza urbana em Salvador-BA**. UFMG, Geografias. Disponível em URL: <http://www.igc.ufmg.br/portaldeperiodicos/index.php/geografias/article/view/482> acessado em 19/06/2017.

SOUZA, Jessé (org.). **A invisibilidade da desigualdade Brasileira**. Ed UFMG, BH 2006.

-----, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato** / Jessé Souza. - Rio de Janeiro: Leya, 2017

-----, Jessé. **A Parte de Baixo da Sociedade Brasileira**. Revista Interesse Nacional, v. 14, p. 33-41, 2011.

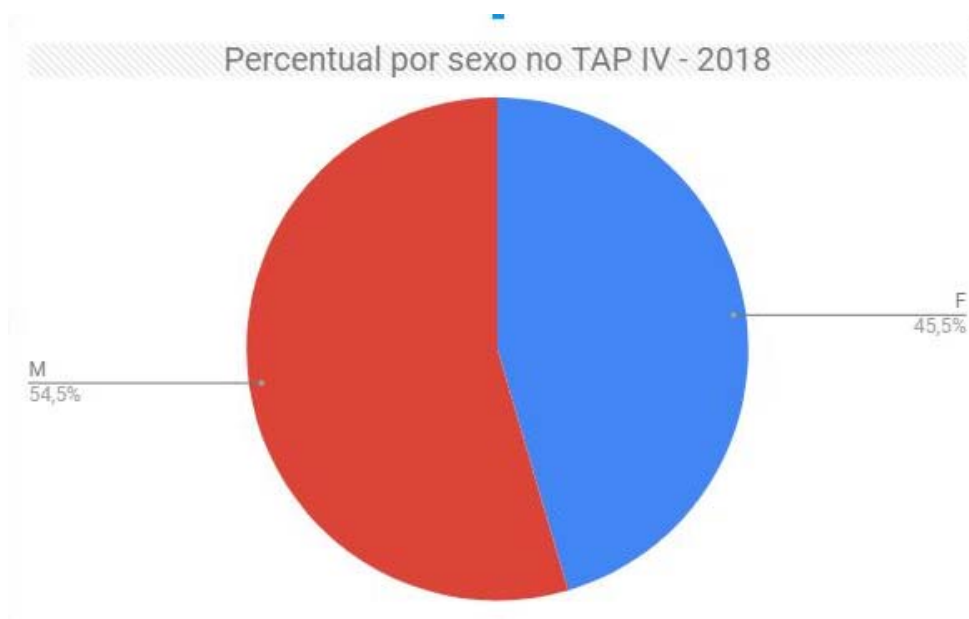
ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL, SALVADOR-BA. Disponível em: http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/salvador_ba#idh Acesso em : 06/03/2018.

CONFIRA A TAXA DE ANALFABETISMO NO SEU MUNICÍPIO. Disponível em: <http://www.deepask.com/goes?page=salvador/BA-Confira-a-taxa-de-analfabetismo-no-seu-municipio>. Acesso em: 06/03/2018.

PAINEL DE INFORMAÇÕES: DADOS SOCIOECONÔMICOS POR BAIROS E PREFEITURAS-BAIRRO DO MUNICÍPIO DE SALVADOR. Disponível em: http://www.informs.conder.ba.gov.br/wp-content/uploads/2016/10/1_INFORMS_Painel_de_Informacoes_2016.pdf . Acesso em : 06/03/2018.

PLANO MUNICIPAL DE SAÚDE 2014-2017. Disponível em : http://www.saude.salvador.ba.gov.br/arquivos/astec/pms_2014_2017_versao_preliminar.pdf. Acesso em : 06/03/2018.

Escola Municipal Nova do Bairro da Paz – 2018. Distribuição das turmas do TAP IV por sexo.



Fonte: SMED
Elaboração o Autor

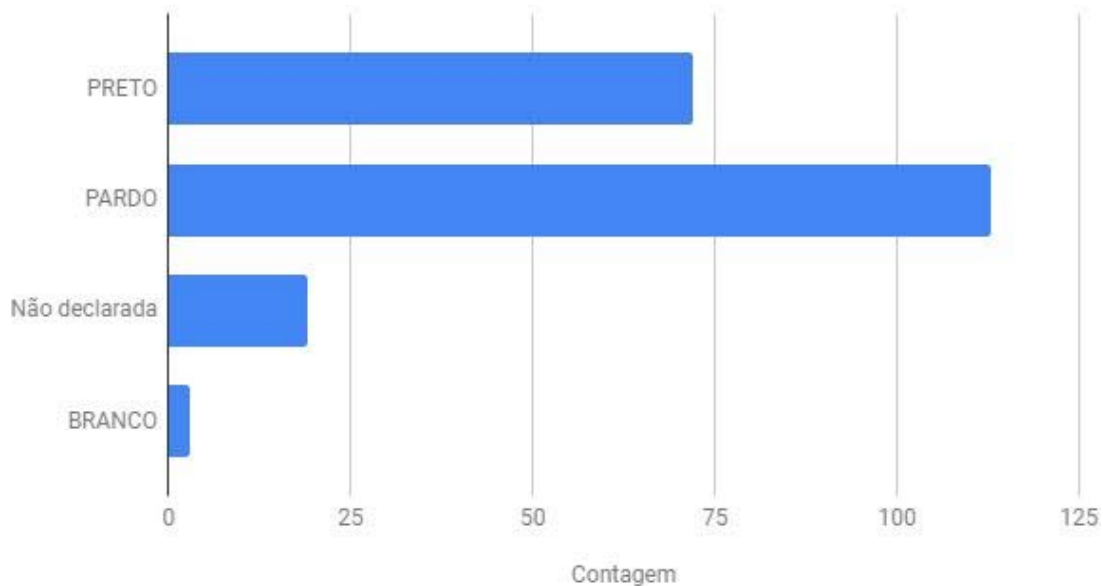
Escola Municipal Nova do Bairro da Paz – 2018. Distribuição das turmas do TAP V por sexo.



Fonte: SMED
Elaboração o Autor

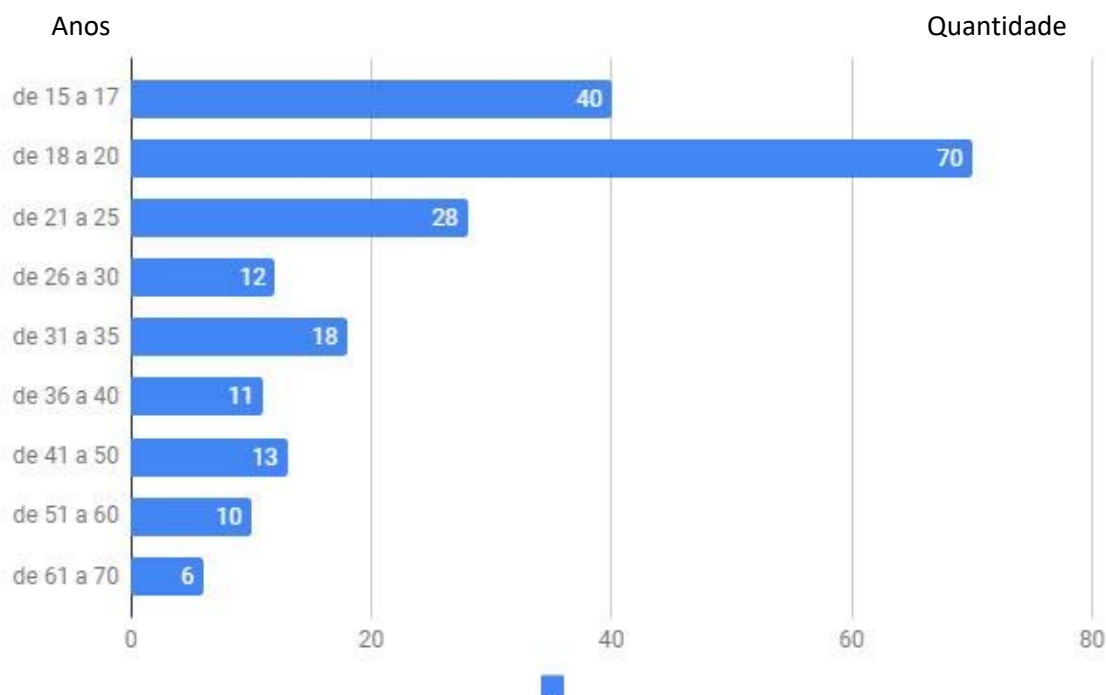
Escola Municipal Nova do Bairro da Paz – 2018. Gráfico demonstrativo de declaração por cor nas turmas de EJA/2018

QUANTITATIVO POR COR DECLARADA - 2018



Fonte: SMED
Elaboração o Autor

Escola Municipal Nova do Bairro da Paz – 2018. Gráfico demonstrativo quantitativo por idade nas turmas de EJA/2018



Fonte: SMED
Elaboração o Autor

Jornal A Tarde, 24 de dezembro de 1987

1.ª FOLHA - QUINTA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 1987

MALVINAS: O FIM DA GUERRA.





**SOCORRO
MALVINAS PEDE
JUSTIÇA PELA
MORADIA**



“SOLUÇÕES VERDADEIRAS E DEFINITIVAS. É DISSO QUE O POVO PRECISA.”

Felipe Blanes Ferrer

1 Depois de muito tempo latando por um pedido de terra, os moradores da Ilha de Malvinas finalmente estão vendo a luz: a solução necessária.

2 Prefeitura Municipal de Salvador, com o apoio do governador Waldemar Costa, iniciará uma solução humana e definitiva para os atuais moradores.

3 Em 2001, termina uma verdadeira guerra, onde não existem vencedores, somente vencidos.

4 Ao mesmo tempo em que a prefeitura consegue obter as terras da Avenida Piratuba de sua ocupação comercial e produtiva, os moradores das Malvinas recebem um bairro totalmente urbanizado, bem próximo à área de trabalho criada. Sendo esta a única, a sua finalidade para locais mais distantes.

5 Em maio de 3 mil famílias, mais de 15 mil pessoas, que necessitam: luzes, água, luz, esgoto, transporte, escolas, parques de saúde, policiamento e lazer.

6 E é apenas o início de uma série de soluções definitivas para o problema das ilhas em Salvador. Mais de um milhão de metros quadrados, em diversas áreas da cidade estão sendo repassados pela prefeitura ao governo do estado para a implantação de 5 mil novas unidades dentro do programa "Minha Casa, O Direito da Moradia".

7 Sem mais atrasos, resolução dos problemas sociais de forma simples, decidida e responsável, é que as soluções obtidas serão realmente definitivas.

Salvador
Tribunal
PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR

Jornal A Tarde, 08 de outubro de 1990

Moradores das Malvinas esperam há cinco anos por melhorias

Dentro dos mais de 880 mil metros quadrados da área localizada entre a Avenida Paralela e os bairros de São Cristóvão, Itapuã e Platã, uma comunidade ainda aguarda os benefícios mínimos necessários a uma sobrevivência mais digna. Como um melhor fornecimento de água e energia elétrica, pavimentação, segurança e atendimento médico. São os moradores das Malvinas, hoje chamado de Bairro da Paz, que há cerca de cinco anos ganhou as manchetes de jornais como área de intensa disputa entre investidores e proprietários. Felizmente, para alguns, e infelizmente, para outros, a verdade é que a imensa favela se consolidou como área residencial, tem população superior à de várias pequenas cidades e necessita de maior infraestrutura.

Nestes cinco anos de existência, algumas tentativas frustradas de expulsão foram surpreendidas pela Urbis, auxiliada pela Polícia Militar. Porém, o desejo de conseguir se fixar em um local próprio, em meio à ansia entre de habitação vivida pelo País, foi mais forte que o medo de levar cassafetes e ler barnacões derrubados. Um pequeno comércio se estabeleceu no local, podendo ser vistas, em vários pontos do terreno acidentado, pequenas lojas de materiais de construção, além do ponto de venda de bebidas e alimentos. Como resultado dos incidentes pedidos feitos à prefeitura, a comunidade conseguiu a instalação de postes de iluminação (a energia elétrica nas residências é conseguida através dos conhecidos "gatos"), o asfaltamento da rua principal (cujo acesso é feito pela Avenida Paralela), além de sete chafarizes, uma lavanderia e linha de ônibus para a Lapa e Feira de São Joaquim.

PROPOSTAS

Com a expansão dos projetos imobiliários em Salvador, em pouco tempo todo brecho ao longo da Paralela também se transformou em área residencial bastante

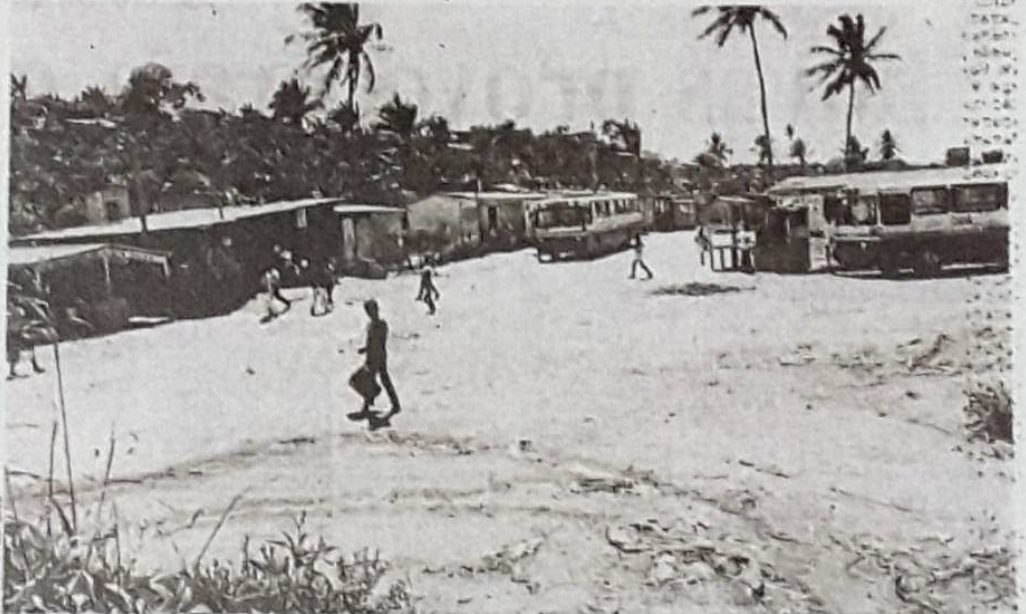


Foto: Alencar/Agf

Está faltando tudo no populoso bairro das Malvinas, e os moradores reclamam ação do governo

valorizada, não só pela proximidade da orla marítima, como também do Centro Administrativo. Moradores antigos, como o líder comunitário Itabaraci dos Santos, afirmam que algumas famílias não resistiram à tentação e venderam seus lotes a uma empresa de construção civil a preços que variam de Cr\$30 mil a Cr\$100 mil. "Lá pela metade do ano, eu fui chamado a uma firma com o nome de Rio do Ouro Empreendimentos, me ofereceram dinheiro pela minha casa, como também pediram para eu convencer os moradores a agirem dessa

mesma forma", protestou Itabaraci assinalando que cerca de 100 moradores apertaram a proposta, cujo objetivo é esvaziar a área para a construção de um grande empreendimento.

Mas, para vários moradores, novos e antigos, estas informações não chegaram a assustar, uma vez que "se foi impossível retirar os primeiros moradores, quanto mais as milhares de famílias que lá residem atualmente", afirmou um funcionário da Urbis, que acompanhou a ocupação da área desde o seu começo e preferiu não

se identificar. Representantes da Associação Beneficente dos Moradores do Bairro da Paz também dão pouca importância ao fato e aproveitam para pedir às autoridades a urgente melhoria das atividades na Escola Nossa Senhora da Paz (criada há três anos, cujos professores se afastaram por falta de pagamento), a instalação de posto policial e telefonia pública, além de obras de saneamento que evitem alagamento de várias ruas em períodos chuvosos, em função do transbordamento do Corrego do Bispo.

A TARDE • Sexta-feira • 23/9/1994



Com milhares de crianças, a comunidade necessita de uma escola

Moradores do Bairro da Paz fazem passeata por escola

Os moradores do Bairro da Paz, na Paralela, realizaram uma passeata até a Secretaria da Educação do Estado, no Centro Administrativo, para reivindicar a construção de um novo espaço para a Escola Nossa Senhora da Paz, única da rede estadual existente no bairro, que é de madeira e está com as instalações físicas comprometidas. Por causa desse problema, de cerca de 600 alunos da escola, que atende ao 1º grau, estão deslocados no Centro Comunitário Paroquial e Conselho de Moradores. Homens, mulheres e crianças exibiam cartazes, o exemplo de "As crianças do Bairro da Paz têm direito à escola", e cantavam canções-alôgaes, tais como: "Estudando unido jamais será vencido". Uma comissão foi recebida pela secretária Dirlene Mendonça.

O presidente do Conselho de Moradores do Bairro da Paz (antigamente chamado de Malvinas), Raimundo Calixto, informou que a Escola Nossa Senhora da Paz foi construída em 1987 e desde então não passou por nenhuma reforma, acumulando problemas em sua estrutura física. De acordo com Calixto, o telhado ameaça ceder, os banheiros não funcionam e o maderite apresenta buracos. O tanque de água está sobre madeiras que também ameaçam ruir, representando um

perigo para a vida dos estudantes. Quando chove, em razão da precariedade do espaço físico, as aulas têm que ser suspensas. Os moradores querem um novo espaço para uma escola maior, alegando que muitas crianças do bairro são atropeladas na Paralela, quando atravessam a pista para se dirigir a outras escolas de variados bairros.

TERRENO

A secretária da Educação, Dirlene Mendonça, disse aos manifestantes que está esperando a cessão de um terreno para a construção de uma escola na área. "A partir da disponibilidade será feito o projeto, a licitação e a construção da escola", frisou. O presidente do Conselho de Moradores, Raimundo Calixto, afirmou que a prefeitura já cedeu o terreno, mas a secretária da Educação argumentou que a área onde atualmente funciona a escola é tecnicamente inviável no que se refere à sua ampliação.

Joana Santos Silva, dona-de-casa, 36 anos, residente no bairro há quatro anos, afirma que seus filhos atualmente estão estudando no Centro Comunitário Paroquial. "Tudo que queremos é uma escola maior, de bloco e que nossas crianças não se exponham ao perigo das pistas", destacou.

Jornal A Tarde, 23 de dezembro de 1996

A TARDE ● Segunda-feira ● 23/12/1996

8 — Geral



Dom Lucas celebrou missa após benzer a sede da nova igreja

Bairro da Paz ganha sua primeira igreja católica

O cardeal arcebispo de Salvador, dom Lucas Moreira Neves, benzeu, ontem, as novas instalações da Igreja Matriz Nossa Senhora da Paz, no antigo bairro da Paz, antiga Malvinas. A solenidade teve início por volta das 15h30min, quando 50 jovens, descalços, em procissão, saíram do Centro Comunitário Nossa Senhora da Paz em direção à igreja, acompanhados de dom Lucas Moreira Neves, que, após benzer o templo, invocando a bênção de Deus, celebrou a primeira missa na igreja e realizou a cerimônia de confirmação do sacramento da Crisma nos 50 jovens ali presentes.

A Igreja Nossa Senhora da Paz foi fundada em 1986, mas suas ins-

talações eram em madeirite. Graças ao esforço da comunidade, que trabalhou em mutirão, à ajuda financeira da Diocese di Mantova, Itália e à colaboração dos missionários redentoristas, o pároco do templo, padre André Delzelle, e a irmã Ernestina Cornacchia, viram um sonho se transformar em realidade: a igreja ser erigida em pedra. A cerimônia de inauguração da nova igreja contou com a presença de dezenas de fiéis, que entoaram cânticos religiosos, do padre missionário redentorista, José Presentes, também, a vereadora Yolanda Pires e o ex-governador Waldir Pires, além de representantes das seis paróquias (capelas existentes no bairro.

Jornal A Tarde, 16 de maio de 1997

A TARDE • Sexta-feira • 16/5/1997

Geral - 3

Foto: Gêraldo Assis



Os moradores não acreditaram nos avisos oficiais e os funcionários destruíram as casas, com o apoio da Polícia Militar para evitar reações

Imóveis são demolidos pela prefeitura no bairro da Paz

Os moradores de uma área do bairro da Paz, nas Malvinas, que construíram barracos e pequenas casas de comércio a poucos metros da Avenida Paralela, debaixo de uma rede de alta-tensão, não acreditaram na determinação da prefeitura de que teriam que sair da área. Várias notificações foram feitas para que mais de 50 famílias abandonassem os imóveis mas ninguém atendeu. Ontem de madrugada, funcionários municipais da Sucom, Limpurb e Sumac, protegidos por 40 policiais militares do 5º Batalhão, iniciaram a derrubada e foram retirados 26 imóveis, sendo que 15 eram habitados, sete estavam em construção e quatro tinham finalidade comercial.

Em pânico, os moradores começaram a telefonar para as redações de jornais e emissoras de televisão, inclusive dizendo que a Polícia estava usando de violência, o que não chegou a ser observado pelos jornalistas que atenderam ao chamamento. Durante o período em que representantes dos órgãos de comunicação estiveram no local, os soldados acompanharam o trabalho dos operários na derrubada dos barracos, evitando a reação dos prejudicados mas se limitaram a observar à distância. Os funcionários públicos informaram que a área ocupada pelas imóveis é pública e estimam que a operação deve se completar até amanhã, com a retirada de todos os 51 imóveis irregulares.

Prejuízo

Maria Célia Carvalho da Silva, presidente da Associação Beneficente de Moradores do Bairro da Paz, tentou dialogar com Antônio Carlos Torres, comandante da operação, obtendo dele a promessa de que haveria caminhões disponíveis para a mudança dos moradores que tiveram seus barracos destruídos. Só não poderia se comprometer em conseguir abrigo e alimentação para as famílias atingidas. "Isso não é comigo. É com o pessoal da área social", isentou-se.

O comerciante Gildo Sampaio dos Santos estava desesperado. Alegou que tinha muita mercadoria estocada na sua casa e não sabia co-

mo resolver a situação. "Eles chegaram de repente e começaram a quebrar tudo. Eu não tenho condições de me transferir rapidamente. Preciso de um prazo", argumentava, sendo contestado pelos funcionários municipais, que afirmavam e mostravam documentos de que todos os invasores daquela faixa do bairro da Paz haviam sido notificados de que os imóveis seriam destruídos.

A única tentativa de reação, de alguns moradores, foi a colocação de paralelepípedos no meio da pista da Avenida Paralela, o que chegou a engarrafar o tráfego. Policiais militares do Detran e do 5º Batalhão entraram em ação e acabaram com o início de protesto.

Jornal A Tarde, 20 de maio de 1997

Expulsos do Bairro da Paz vão a Câmara em protesto

Terça-feira ● 20/5/1997 PAG. 3 DATA 20 05 97 Mulvines 10.784



que demolições foram feitas a pedido de moradores, mas os invasores não se conformam e querem negociar permanência

pulsos do Bairro da Paz em protesto na Câmara

Jornal A Tarde, 22 de maio de 1997

10.774
A TARDE • Quinta-feira • 22/5/1997 • PÁG. 3

Invasores não querem deixar suas casas no Bairro da Paz

Está completando, hoje, uma semana que agentes da prefeitura estiveram no Bairro da Paz, antiga invasão das Malvinas, e derrubou 36 casas, que foram construídas em área pública, às margens da Avenida Paralela. Amanhã, acaba o prazo que o órgão municipal deu para que outros 12 moradores desocupem seus imóveis, que também serão demolidos. A situação, ontem, continuava na mesma: os moradores não desocuparam os imóveis e garantem que não vão sair das casas. "Vão derrubar as paredes sobre nós", dizem eles, que reconhecem ser invasores de área pública mas querem uma solução para o caso com intermediação direta da prefeitura.

Os 12 moradores aceitam sair das Malvinas, desde que sejam alojados em outros bairros e com financiamento para construção de novas casas. Eles disseram que pretendem ficar naquela região mas não aceitam morar em Musurunga, "devido ao alto índice de criminalidade". Os 36 moradores que tiveram suas casas demolidas estão morando na casa dos vizinhos, apenas esperando uma oportunidade para reconstruir suas residências. Mas os demais moradores do Bairro da Paz estão preocupados, pois temem que a operação da prefeitura não vai ficar apenas às margens da Avenida Paralela, devendo incluir também outras residências na parte mais interna.

é com o sistema de drenagem porque a rede de manilhas que passa por baixo da pista está sendo desobstruída manualmente e com o auxílio de equipamentos de pressão usados em limpeza de redes.

O superintendente da Sutmac, George Waxman, critica os serviços executados na Baixa do Fiscal pelas últimas administrações.

Segundo ele, o asfaltamento do local foi realizado sem resolver os problemas de drenagem. "O asfalto aplicado chegou a cobrir bocas-de-lobo e caixas de visita, isolando quase que completamente a rede de drenagem existente na rua", explicou. Como as obras na Baixa do Fiscal vão durar mais alguns dias o tráfego de veículos na área continua interrompido.

Foto: Walter Moraes



A destruição das 36 casas não assustou, ao que parece, as famílias

Jornal A Tarde, 26 de maio de 1997



As casas, que ocupavam a área irregularmente, foram derrubadas e deixam o local com um aspecto de desolação

Bairro da Paz

Recomeça hoje retirada das casas

Os moradores da antiga Invasão das Malvinas, hoje Bairro da Paz, estão passando por momentos de muita tensão e nervosismo. Também não é para menos, afinal de contas desde o último dia 16 já foram derrubadas no local 36 casas, e mais 12 estão marcadas para ser retiradas. O prazo dado pela prefeitura para a continuidade das ações terminou na sexta-feira e hoje a operação será retomada com força total, conforme garantiu o chefe da operação, Antônio Carlos Torres, com a perspectiva de muita luta e desespero, pois os moradores já avisaram que vão resistir como podem à ação da prefeitura e só sairão de suas casas depois de muito combate.

A prefeitura alega que já tinha feito várias notificações para que

os moradores da área abandonassem o local, pois os imóveis seriam demolidos porque a área é pública e imprópria para a habitação por estar muito próxima da pista da Paralela e as casas situadas bem abaixo da rede de alta-tensão.

Carmelita Santos Teles, moradora antiga do local, e Maria Célia Carvalho da Silva, presidenta da Associação Beneficente de Moradores do Bairro da Paz, disseram que a questão é política, pois já tiveram dizer que a desocupação da área está sendo feita porque a pretensão é lotear o local para a construção de condomínios fechados. Agora expulsam a gente como se fôssemos bichos, sem direito a nada. Estamos sendo enxotados como marginais", alegou Carmelita.

Jornal A Tarde, 27 de maio de 1997

Jeane Borges

A comunidade do Bairro da Paz lotou ontem as galerias da Câmara Municipal para pedir a intermediação dos vereadores junto à prefeitura e evitar a demolição de mais casas e barracos naquela localidade. Semana passada, foram demolidas cerca de 39 casas e pontos comerciais na antiga Invasão das Malvinas. Na ocasião, a prefeitura deu prazo de oito dias para voltar ao bairro e prosseguir com a derrubada das moradias.

Na tentativa de por um freio nessa ação municipal, moradores promoveram ato de protesto e participaram de agitada sessão ontem na Câmara. O protesto contou com a adesão da comunidade da Invasão Yolanda Pires, que também está tendo os seus barracos demolidos pela Urbis, sem que seja oferecida uma alternativa de moradia.

Comissão

Cobrados pelos manifestantes, os vereadores decidiram formar uma comissão suprapartidária, envolvendo todos os líderes de partidos, para tentar intermediar uma negociação junto ao prefeito Antonio Imbassahy. Hoje, essa comissão se reúne, às 14h30min, com o presidente da Urbis, José Renato Veloso para tratar sobre as mudanças nas obras de urbanização iniciadas na Vila Yolanda Pires e no Bairro da Paz.

Enquanto a Câmara Municipal se esforça para garantir uma solução e conter as demolições, a assessoria de imprensa do prefeito Imbassahy informava ontem à noite que já foi negociado prazo de oito dias para o reinício da demolição dos barracos, que estão sendo retirados da beira da pista da Avenida Paralela. Estão sendo removidas também as casas instaladas sob a fiação elétrica naquela avenida.

A assessoria de imprensa da prefeitura diz que essa retirada de barracos foi negociada com a Associação de Moradores do Bairro da Paz. O presidente do Conselho de Moradores do Bairro, o aposentado Valdemar Bibiano da Silva, 71 anos, reclama que a comunidade não foi consultada sobre a ação da prefeitura.

Mulherino
 A TARDE • Quarta-feira • 28/8/1997
 Data 21.08.97
 Edição 2224
 Geral - 3

Bairro da Paz

Acordo garante moradia a invasores

Depois de três dias de sucessivos adiamentos, a prefeitura e os donos das casas irregulares chegaram a acordo que garante a construção de novas residências, em regime de mutirão, e a demolição das 15 envolvidas recomeça hoje.

Vera Schumann

Os moradores do Bairro da Paz tiveram novos minutos de tensão, ontem à tarde, com a ameaça de demolição das 15 casas que ocupam as 34 unidades na faixa de domínio público à margem da Avenida Luiz Viana Filho (Paratiba). No final da tarde, uma negociação envolvendo pelos deputados Moyses Urzuzocho (PT) e Nelson Pellegrino (PT) junto ao secretário municipal de Planejamento e Desenvolvimento Municipal Lorenso acabou em acordo: as demolições recomeçam hoje, mas só depois de uma delimitação de terrenos onde serão construídas, à cada três dias, um morador, uma casa — regularizada e não-convencional, um documento de posse e um dinheiro para a construção das unidades sendo colocadas. O governo também se compromete a fornecer material, como tijolos e cimento, para a construção.

Alguns moradores não têm a propriedade da casa convencional. Porém, a Prefeitura de Minas Gerais, através da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, não reconhece a propriedade de quem mora lá. Não reconhece a propriedade do proprietário de quem mora lá. Não reconhece a propriedade do proprietário de quem mora lá.

Negociações

No final da tarde, quando a operação começou, os deputados passaram a manter a calma dos moradores ao longo com que negociaram, por telefone, com o secretário Lorenso e tentaram também, junto à Secretaria Municipal de Ação Social, minimizar os consequências da demolição das casas, que deveriam beneficiar cerca de 150 pessoas. "Reconhecerem a necessidade de reconhecimento do cidade, mas não isto pode ser feito de noite para o dia e sem levar em conta os problemas sociais", comentou Pellegrino. O presidente do Conselho dos Moradores, Domingos do Amor Divino, fez o trabalho para convencer a revolta de alguns dos moradores irregulares. Entre aqueles, no momento, uma indicação para cobrar o pagamento que tiveram com material de construção. Outros, simplesmente estavam desanimados, como o flamenguista aposentado José João da Santos que construiu uma casa na faixa vertical, que também não tem as linhas de água legais. "Tudo o dinheiro que eu tinha aplicado aqui para comprar um imóvel, estou perdendo", disse, calculando que essa quantia chegue a R\$ 10 mil. Parte da casa dele já foi demolida, restando apenas um cômodo, um banheiro, um quarto, a cozinha e a sala. Ele não se abateu para não se afastar para não se afastar para não se afastar.

A operação deve continuar pela manhã e já tem um outro alvo. Trata-se do início de uma invasão localizada entre a casa construída de pedras naturais e a fazenda Usak. O governo não quer a construção de uma unidade, mas quer a construção de uma unidade, mas quer a construção de uma unidade.



A casa convencional teve a parte da frente destruída porque invadia a faixa de domínio público. As outras casas irregulares também serão demolidas.

Jornal A Tarde, 01 de setembro de 1998

A TARDE ● Terça-feira ● 1/9/1998 PAG - 2

Protesto do Bairro da Paz parou tráfego na Paralela

Cansados de esperar o cumprimento de antigas promessas do poder público, sobretudo da prefeitura, de realizar obras de infra-estrutura urbana na área, os moradores do bairro da Paz, a antiga Malvinas, interditaram das 11 às 13 horas de ontem as duas pistas da Avenida Paralela, com pneus em chamas, galhos de árvores e entulho, bloqueando também o acesso ao bairro e impedindo a entrada de ônibus e de caminhões de abastecimento até o fim de linha.

“Estamos cansados de falsas promessas, aqui só mora pobre e não há interesse em mudar esta situação. O que acontece aqui é uma falta de respeito com o cidadão”, desabafou Selma Guimarães, que reside no local desde 1989. Policiais militares e soldados do Corpo de Bombeiros tiveram muito trabalho para desobstruir as pistas, enquanto agentes da Superintendência de Engenharia de Tráfego atuavam para dissipar o enorme congestionamento do tráfego.

Os moradores disseram que o então governador Paulo Souto, quando esteve no bairro para inaugurar o Colégio Nossa Senhora da Paz, prometeu que iria realizar obras de infra-estrutura nas duas ruas principais, até o final de linha, mas nada foi feito até agora. Reclamam que o

trabalho feito pelo posto de saúde em benefício dos moradores, sobretudo das crianças, se perde, porque são obrigados a pisar diariamente nos esgotos que correm a céu aberto, no meio das ruas, além da lama que invade as casas em dias de chuva.

O diretor do Conselho de Moradores, Domingos do Amor Divino, conta que foi publicado no Diário Oficial do Município um repasse de uma verba pelo Ministério da Planejamento, no valor de R\$ 7,5 milhões, há algum tempo, mas nada foi realizado até agora. “Em junho último, uma comissão de moradores participou de uma reunião com o secretário do Planejamento da prefeitura, Manuel Lorenzo, que confessou que a prefeitura não tinha nenhum projeto para o Bairro da Paz. Queremos saber o que foi feito com estes recursos”, garante.

Deusdete Oliveira Matos conta que os moradores do Bairro da Paz também estão preocupados com o corte de 34 metros para ampliação da Avenida Paralela, que significará a retirada de cerca de 200 casas localizadas à margem da avenida. “Na reunião com o secretário Manuel Lorenzo, nós dissemos que não vamos aceitar ser removidos para um barracão, não queremos casas-embrião”, disse.

Jornal A Tarde, 15 de junho de 1998

A TARDE
Data 15/06/98
Página 4 FOLHA 10774

A TARDE • Segunda-feira • 15/6/1998

Moradores do Bairro da Paz estão muito apreensivos com a relocação

de terreno das Malvinas

Foto: Vitor Aguiar



Cerca de duas mil pessoas, residentes nas 368 casas que serão desocupadas pela prefeitura, no bairro da Paz, antiga invasão das Malvinas, na Paralela, estão temerosas. Receiam ser despejadas sem direito a nova residência, o que irá aumentar o sofrimento da comunidade, que vive sem água potável e em barracos infestados de ratos, muriquocas e incertezas, há mais de dois anos. A faixa de terra de 27 metros de largura a ser desapropriada pela prefeitura, começou a ser ocupada há dois anos e está situada entre a avenida e o bairro da Paz, com uma extensão de quase um quilômetro.

As dívidas dos moradores sobre os critérios para a desapropriação são justificadas. A primeira notícia caiu como "uma bomba", na comunidade, segundo informou o presidente da Associação dos Moradores do bairro, Jeremias dos Santos Neiva. "Entregaram no dia 3 de junho, uma notificação para desocupação das casas, num prazo de 24 horas", assegurou. Dirigentes da entidade foram até a Superintendência de Controle, Ordenamento e Uso do Solo-Sucom, órgão municipal responsável pelo disciplinamento urbano da área. Depois de uma reunião com dirigentes do órgão, um acordo verbal foi firmado. "A Sucom garantiu que as famílias serão transferidas para outra área", disse Jeremias Neiva.

Nenhum dos moradores das casas que serão desocupadas pensa

Famílias do Bairro da Paz temem ficar sem moradia, com a demolição de suas casas

em sair sem ser indenizado. A maioria comprou os lotes em transações comerciais curiosas, mas todas envolvendo dinheiro. "Paguei por essa casa cerca de mil e duzentos reais", garante Jucileide Pereira do Nascimento. Ela pagou a casa, dando de entrada um relógio, bicicleta de uma filha e roupas da família de quatro membros. Uma parte restante, R\$ 350, deveria ser paga em seis meses após a compra, concretizada há um ano e três meses. Jucileide Nascimento diz só ter conseguido pagar até agora R\$ 120.

Os moradores da faixa que será desapropriada têm o mesmo perfil social de Jucileide Nascimento, que é vendedora de café e cigarros na rodoviária de Salvador. Seu vizinho, José Domingos de Jesus, pedreiro autônomo, adquiriu a casa pelo valor de R\$ 1 mil, através de uma "troca" - a qual não revelou. Ele também diz que só sai da casa se for indenizado. "Juntei minhas economias para comprar

minha casa. Pra onde vou com meus três filhos - todos menores de cinco anos - se não me derem outro lugar para morar?", indaga.

Carências

O Bairro da Paz surgiu há 12 anos, com uma invasão de cerca de mil famílias que custou a muitos muitas pancadas da polícia. Hoje, a comunidade já conta com cerca de 80 mil moradores, segundo o IBGE, mas o aspecto urbanístico choca. Todas as ruas não são pavimentadas e em muitos trechos esgotos correm a céu aberto. "É um milagre não termos doenças infecto-contagiosas na área", diz Jeremias Neiva, que critica, contudo a falta de escolas. Foi uma luta no início do ano pela disputa das 3 mil vagas na única escola de 1º grau do bairro. Acabou ficando 9 mil crianças, de 3 a 9 anos, fora das salas de aula, expostas aos riscos das ruas e ruelas.

Jornal A Tarde, 07 de junho de 2000



Com parte do telhado danificada, as aulas acabaram suspensas

Escola no Bairro da Paz é danificada pelo vento

Na noite do último sábado, no Alto da Bela Vista, Bairro da Paz, uma ventania derrubou parte do telhado da Escola Nova, da rede municipal, inaugurada há menos de um mês e construída em estilo futurista, com estrutura metálica e paredes de PVC. As aulas foram suspensas, mas funcionários da prefeitura estiveram no local, ontem, efetuando um conserto, para melhor afixar as placas à estrutura.

A diretora Josemar Rezende garantiu que a reforma do telhado deixará o prédio mais seguro do que de muitas outras escolas da cidade.

O líder comunitário local, Domingos do Amor Divino, no entanto, não descarta um novo acidente: "Porque em agosto, os ventos são mais fortes". Para ele, a capacidade da escola e dos professores

para atender à comunidade deve ser reconhecida, citando que são atendidos 900 jovens do bairro, nos dois turnos, até à 4ª série do ensino básico.

Comerciantes do local lembraram que, desde que a escola foi instalada no alto do Bairro da Paz, muitas crianças deixaram de frequentar uma outra, em Mussurunga. "Muitos atropelos foram evitados porque os meninos não estão atravessando mais as pistas da Avenida Paralela", garantiu Domingos.

Waldemar Bibiano, 68 anos, disse que espera agora que a companhia telefônica Telemar instale um telefone público da praça. "O Protocolo 077/98 está em tramitação na prefeitura há mais de dois anos", disse, pedindo, também, rondas de policiais militares pelo local.

Estudantes pedem "esmola"

Doze alunos do Cefet-Bahia protestaram, ontem, de forma diferente contra a falta de recursos e a situação da educação pública no País. Reunidos na porta do Ministério da Fazenda, no Comércio, os alunos, de copo da mão, pediram esmola para complementar os recursos repassados pelo governo à educação. De acordo com o estudante Renato Santos Cordeiro Jr, o governo federal destinou apenas R\$ 24

milhões para todas as universidades e centros educacionais federais no País. "Ora, só o Cefet absorve anualmente R\$ 2 milhões", frisou, relatando a situação interna caótica da instituição. "O Cefet já foi um centro de excelência e hoje não tem nem papel para distribuir entre os alunos", frisou Cordeiro Jr. Os laboratórios estão sucateados e falta material químico, garantem os alunos.

Jornal A Tarde, 05 de julho de 2002

A TARDE

local@atarde.com.br

Salvador, sexta-feira, 5/7/2002



A construção do prédio escolar não acabou e, sem estudar, os estudantes aproveitam o tempo vago para brincar com a bola

Quase mil crianças do Bairro da Paz ainda estão sem aulas

PREOCUPAÇÃO
Pais temem que alunos percam ano letivo por falta de carga horária

FLÁVIO OLIVEIRA

Novecentas e oitenta crianças entre seis e doze anos de idade, matriculadas na Escola Nova do Bairro da Paz (antiga Malvinas), ainda não tiveram aulas este ano. A construção do prédio só começou no último mês de março (no ano anterior, as aulas acabaram em novembro)

e a previsão é a de que se encerre em agosto.

A situação preocupa a Associação de Moradores do Bairro da Paz. Segundo seu presidente, Antônio Carlos Silva Santos, 35 anos, as crianças correm o risco de perder o ano letivo, já que a legislação obriga calendário mínimo de 200 dias letivos por ano.

Ainda segundo o presidente, a direção da escola fez com que os pais dos estudantes assinassem termo de compromisso responsabilizando-se, caso retirassem os filhos da escola - para buscar matrículas em outra - e depois não encontrassem mais a vaga na Escola Nova do Bairro da Paz.

"Este termo amedrontou os pais e prejudicou ainda mais as crianças", declarou Silva Santos.

O presidente também comentou que a Associação de Moradores buscou alternativas para garantir aulas para as crianças e ofereceu salas e casas à Secretaria Municipal de Educação (Smec), que nunca respondeu favoravelmente. O coordenador de estruturação da rede física escolar da Smec, Antônio Jorge Mendes, afirmou que o Bairro da Paz, por ser uma antiga invasão, não possuía nenhum espaço adequado para abrigar temporariamente a escola.

"Trata-se de uma escola de

grande porte, com 15 salas de aula. Por isso, a maior dificuldade foi encontrar o espaço para sua construção", garantiu Mendes. Sobre o atraso no início das obras - de novembro a março -, a assessoria de comunicação da Smec afirmou que se deu por causa do recesso da Câmara de Vereadores, que precisava aprovar a liberação de recursos.

A assessoria de comunicação da secretaria também garantiu que as crianças não vão perder o ano e que, inclusive, já existe calendário especial para a reposição das aulas e efetivação dos 200 dias letivos.